
O DOM DE LÍNGUAS

TERMINOLOGIA

Poliglossia (poli + glossa + ia): É um dom natural, dado por Deus, segundo Calvino; capacidade que algumas pessoas possuem de aprender e falar vários idiomas racionalmente. Assim como há pintores, escultores, músicos, também existem políglotas e lingüistas. Muitos estudiosos entendem que a declaração marcana: "falarão novas línguas," nada mais é que o exercício da poliglossia apostólica, necessária à universalização da Igreja; hoje, políglota.

Heteroglossia (heteros + glossa +ia): Faculdade mental ou psíquica de se falarem várias línguas. A heteroglossia pode ser inconsciente, carismática ou extática, e consciente, à semelhança da poliglossia. Aparece em I Co. 14. Pode surgir em textos lógicos ou em fragmentos retirados do "arquivo" do subconsciente sem passarem pela "censura" da mente, pelo reprocessamento racional do consciente. Há pessoas cujos arquivos inconscientes são vulneráveis, vindo à tona por estímulos externos e internos de natureza psíquica. Estas, independentemente da vontade e da oportunidade lógica, podem falar em idiomas desconhecidos retirados do "armazém" subconsciente ou "captados" do subconsciente de algum circunstante por via sensitiva.

Xenoglossia (xenos (estranho, estrangeiro) + glossa +ia): Fenômeno psíquico de natureza patológica, suscitado por doenças neurocerebrais, psicoses, traumas físicos e emocionais, depressões psíquicas saturantes, mormente de ordem espiritual, levando o "paciente" a pronunciar frases lógicas, freqüentemente soltas, descontextualizadas, em idioma estrangeiro desconhecido, emergente do "depósito" próprio do subconsciente ou "copiado" do inconsciente de algum circunstante. As pessoas psiquicamente frágeis são propensas à xenoglossia quando submetidas a profundas emoções ou experimentam estados depressivos supostamente incontroláveis. A xenoglossia tanto pode emergir da memória do inconsciente de quem fala (pantomnésia) como ser por este captada do arquivo do subconsciente, por via hiperestésica, de outra pessoa. Alguns parapsicólogos defendem a tese da origem xenoglóssica da glossolalia.

Glossolalia (glossa + lalia): Glossolalia, fenômeno de natureza pneumo-religiosa, que leva o "fiel" a balbuciar sons inarticulados, desconexos, em sílabas soltas, normalmente por excitação pessoal ou coletiva. Exatamente por surgir no auge da emoção mística, um tipo de culminação do estímulo espiritual, atribui-se-lhe a "recepção do Espírito Santo" nos cultos evangélicos ou a "descida" de alguma "entidade" do além nas celebrações pagãs. Os sinais de possessão do Espírito são, na verdade, os carismas da fé, da esperança e do amor; e estes não são restritivos nem seletivos, pois são graças concedidas por Deus a todos os seus eleitos salvos por Jesus Cristo. A glossolalia começou fora da Igreja e antes dela; ocorreu na Igreja de Corinto e há recorrência, hoje, no carismatismo evangélico, no catolicismo carismático, nos cultos afro-brasileiros, nas meditações teosóficas.

A **heteroglossia** (heterais glossais, de Atos 2.4, e heteroglossos, de I Co 14.21 e outros) e a **glossolalia** (lalom glossê, de I Co 14.2 e outros) são termos com referenciais neotestamentários; estudados, portanto, pela teologia e pela psicologia da religião bíblica. Aqui, acrescentaria um neologismo: "**kainoglossia**", de "kainós" (novo) e glôssa (língua), retirado de

"Glossais kainais" (Marcos 16.17), que é o dom de se dominar uma nova língua das já existentes; sendo nova apenas para o usuário.

A **poliglossia** e a **xenoglossia** são objetos da linguística e da parapsicologia. Todos estes termos, porém, referem-se ao fenômeno de se falar **em outra língua** por meios racionais e conscientes ou por processos inconscientes, religiosos ou não.

PENTECOSTES E CORINTO

Pentecostes e Corinto: Pentecostes e Corinto, quanto ao fenômeno glossolálico, não se identificam. O evento pentecostal não tem paralelo nas dispensações e também não teve recorrência em qualquer época da história da Igreja. Com ele Deus inaugurou a Igreja de Cristo na qual fomos inseridos por sua graça e de cujas bênçãos espirituais somos beneficiários. Toda a Igreja, entregue ao Espírito Santo no Dia de Pentecostes, é "pentecostal". A dádiva da Lei, no Sinai, marcou o nascimento institucional de Israel; a do Espírito, no Pentecostes, assinalou a origem e a existência da Igreja de maneira definitiva.

O que aconteceu em Corinto já se observava anteriormente nos cultos pagãos anímicos e de mistérios, além de ser seletivo, restrito e sob controle humano do dirigente litúrgico. Pentecostes e Corinto, pois, não se paralelizam. O caráter universal do Pentecostes contrapõe-se ao aspecto local, não abrangente, da Glossolalia coríntia.

Pentecostes:

a- Dom de línguas, heteroglossia (heterais glossais), não "fala ininteligível". Cada judeu prosélito ouviu a mensagem em seu dialeto.

b- Dom geral, distribuído a cada membro da então Igreja, um Carisma geral, universal, total. Portanto, não foi individual, como a "fala coríntia". O batismo com o Espírito Santo agraciou a Igreja inteira, sem restrições, que passou a ser espiritual, comandada e dirigida pelo Paráclito, conforme a promessa, tanto na comunhão global de seus membros como na vida particular de cada um deles.

c- Serviu de luz aos não crentes, aos estrangeiros, tanto a cultos como a indoutos. A comunicação direta, procedimento histórico do Espírito Santo, foi a que aconteceu, sendo desnecessária a presença do intérprete. Aliás, um Espírito Santo que precisa de intérprete para se comunicar é limitado em seu poder revelador, interpretador, e em sua soberania.

d- Sinais externos: Som como de vento impetuoso e línguas como de fogo. Tais sinais não se verificaram em Corinto.

Corinto:

a- Carisma individual, e de poucos, mais problemático que edificante (consultar I Co 12.10,30; 14.26,27). Não sendo uma dádiva de todos, da eclesia integral, não pode ser sinal do batismo com o Espírito Santo, Ministro da Igreja, corpo uno de Cristo, comunhão de todos os membros.

b- Em Atos, no fenômeno pentecostal, houve heteroglossia, como dissemos, e em Corinto ocorreu "monoglossia", pois se registra o singular "glossa" (I Co 14.26).

c- Língua ininteligível, intraduzível e misteriosa, na primeira parte de I Co 14 (glossolalia?) e xenoglossia, na segunda parte, fala extática passível de interpretação racional, telepática ou intuitiva.

d- Em Corinto o "Espírito no crente", externamente identificado pela glossolalia, deixava-se limitar pelo dirigente litúrgico e se submetia à ordem do culto. No Pentecostes aconteceu diferentemente, atuou inopinada, livre e soberanamente, sem nenhum limite, restrição e regulamento.

e- Nunca é de mais repetir que em Corinto o dom de línguas foi particular, individual, seletivo e controlado, muito diferente do que aconteceu em Pentecostes.

f- No fenômeno pentecostal não se precisou de intérprete. O próprio Espírito fez o milagre da inteligibilidade heteroglóssica. Em Corinto, o Espírito "dependeu" de intérpretes humanos.

g- Em Atos usa-se o termo "dialectos", língua regional, tribal. Em Corinto Paulo utiliza-se da palavra "glossa", vocábulo para língua no sentido genérico, sem especificação ou qualificação linguística.

CARISMA GLOSSOLÁLICO EM CORINTO

O carisma glossolálico, utilizado nas reuniões públicas de Corinto carece de algumas reflexões:

a- É irracional, pois "ninguém entende" o que se fala (I Co 14.2), o que não coaduna com a obra do Espírito nas Escrituras, inspirador do Velho Testamento e revelador didático do Novo Testamento. Sua missão, outorgada por Cristo, é esclarecer a revelação, ensinar, não confundir por meio de linguagem ininteligível.

b- Missionariamente inútil, tanto pela inextricabilidade como por ser, conforme preceitua Paulo, de caráter íntimo, privativo do devoto em oração pessoal. A língua, sinal para incrédulos, mencionada em I Co 14.22, é idioma estrangeiro, conclusão que se deduz do contexto imediato (v.21).

c- O fenômeno pentecostal, como se notou, não se repetiu em Corinto; o de Corinto não se menciona nas demais igrejas primitivas. Corinto, por tudo isso, não serviu, e não serve, de modelo litúrgico e de fundamento pneumatológico. O particular não pode ser tomado como norma geral, universal.

d- O espiritualismo coríntio não produziu os frutos do Espírito: Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Ao contrário, foi a Igreja das discriminações, das facções, dos pecados sexuais, das ingratidões com o apóstolo Paulo, das profanações da Ceia do Senhor. A glossolalia convivia com tudo isto. Portanto, para santificação, mostrou-se ineficaz.

e- Estranha limitação do Espírito, que "fala em línguas" por um crente, e precisa de outro para ser interpretado. Se não houver intérprete, impõe-se-lhe incômodo silêncio. Um Espírito sob controle da Igreja não pode ser, ao mesmo tempo, seu controlador e mestre. Tem razão Paulo, e a temos nós, preferindo a inteligibilidade da mensagem à confusão das profecias em línguas estranhas.

Pentecostes e Corinto são acontecimentos diferentes na realização e nos propósitos; o primeiro, fundamental, irrepitível, inaugural da Igreja, de valor permanente; o segundo, restrito a uma comunidade gentílica helênica e privativo de alguns membros; um carisma perfeitamente dispensável à unidade, à santidade e ao crescimento da Igreja. Um glossolálico calado contribuía melhor para a boa ordem do que falando, pois ocupava o tempo duplo, o dele e o de seu intérprete. Sem a glossolalia de poucos o culto se torna expressão de todos, muito mais ordeiro, edificante e solene.

AINDA PENTECOSTES E CORINTO

A língua do Pentecostes, fenômeno inaugural e irrepitível, é de natureza, objetivo e forma distinta da fala coríntia. O evento pentecostal não deixou tradição glossolálica em Jerusalém, a Igreja-mãe. Nela reuniu-se o primeiro concílio ecumênico para dirimir dúvidas e

resolver questões doutrinárias e eclesiológicas (Atos 15). Seu governo era institucional, com diáconos eleitos e um ministério estável, não carismático e personalista como o de Corinto.

O que houve em Jerusalém por ocasião do Pentecostes foi, certamente, heteroglossia, xenoglossia ou poliglossia, não glossolalia, pois a inteligibilidade se observou nitidamente: Cada grupo linguístico ouviu a mensagem em seu dialeto.

HETEROGLOSSIA CORÍNTIA:

Paulo, ora fala de língua indecifrável e intraduzível (glossolalia) ora, de línguas estrangeiras interpretáveis (heteroglossia). Citando Isaías 28.11, 12, introduz a variedade de línguas, idiomas existentes, como profecia que se cumpre na Igreja (I Co 14.21,22). O hebraico deixava de ser a língua oficial única da revelação, o "idioma divino". Deus, na nova dispensação, universalizou a graça, sacralizou todos os povos com suas línguas e dialetos. Como o pentecostes prefigura, o corpo universal de Cristo compõe-se de eleitos de todas as tribos, povos, nações e línguas. O universalismo de Jerusalém, retratado no Pentecostes, contrasta-se com o paroquialismo carismático de Corinto e com os seus individualismos glossolálicos.

Paulo adverte que a heteroglossia não convence o incrédulo e não atinge o indouto (idiôtes). A palavra "idiôtes" está presente em I Co 14.16,23,24, significando: Um indivíduo culturalmente limitado, provinciano, pertencente a uma cultura monolíngue, a um dialeto tribal fechado. Falar em língua estrangeira a tal nível de pessoas, as quais o Evangelho precisa convencer é, no mínimo, insensatez. Eis porque, na ausência de intérprete, a heteroglossia é ineficaz. Em reunião pública, falar para ninguém, além de infrutífero, é absurdo exibicionismo, servindo apenas para a perturbação da ordem litúrgica.

A palavra "diemeneutes", intérprete, tradutor, não nos conduz à idéia de "leitura mental" por meio de percepção extrasensorial, pois a fala glossolálica nada expressa e, por isso mesmo, nada comunica; é ligação mística íntima e secreta, na melhor das hipóteses, entre o penitente e seu Deus. "Diemeneutes", sem dúvida, refere-se à tradução de línguas estrangeiras conhecidas pelo intérprete. A fala extática heteroglóssica, podendo ser interpretada, é, obviamente, língua estrangeira, estranha apenas para quem a fala inconscientemente.

GLOSSOLALIA:

A glossolalia, ao contrário da heteroglossia, é ininteligível, inexpressável. Paulo explica: "Pois quem fala em língua (lalôn glossê), não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende (oudeis gar akouei: Ninguém entende ou ninguém ouve) e em espírito fala mistério" (I Co 14.2). Aqui, a palavra "espírito" denota "espírito humano", mostrando que o fenômeno é de natureza psicológica, originário da psique do fiel submetido a estímulos místicos muito fortes. Não se trata, pois, de intervenção externa ou interna do Espírito Santo; tanto que se pode evitar a ocorrência da fala extática ou inibi-la, eliminando ou controlando o fluxo emocional pela racionalização do culto.

A compreensibilidade é fundamental na comunicação verbal: "Assim, vós, se, com a língua não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? porque estareis como se falásseis ao ar. Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo, nenhum deles, contudo, sem sentido. Se eu, pois, ignorar o significado da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim (I Co 14.9-11). A glossolalia, portanto, mostra-se completamente inútil para edificação comunitária e para a evangelização. Também no campo da revelação nada acrescentou, e nem pode acrescentar. O carisma glossolálico parece ter valor místico para o crente solitário em estado extático, mas nada soma à sua mente em termos de instrução para o crescimento espiritual: "Porque se eu orar em outra língua, o meu espírito ora

de fato, mas a minha mente fica infrutífera" (I Co 14. 14). Conclui-se que a glossolalia é um carisma dispensável em reuniões públicas da Igreja.

GLOSSOLALIA, LÍNGUA DOS ANJOS ?

O condicional hipotético e hiperbólico de Paulo em I Co 13.2, levou os glossolálicos a imaginarem-se falando "línguas dos anjos". Maior que os anjos é Jesus Cristo, e ele falou aos homens em língua terrestre inteligível, um exemplo que deve ser imitado na liturgia e na proclamação.

São os anjos heteroglóssicos? É possível; mas eles sempre nos falaram, à semelhança de Cristo, em línguas humanas conhecidas dos ouvintes. Ora, se sabem falar nossas línguas, com que propósito nos imporiam a língua deles? Que sentido tem, em reuniões de humanos, falar-se língua angélica ininteligível, alheia à nossa realidade?

O Espírito Santo, que inspirou os escritores bíblicos, clarificou-nos a revelação no Verbo encarnado, vem agora confundir-nos com línguas estranhas, idiomas angélicos? E os anjos, que sempre foram explícitos e lúcidos como mensageiros de Deus, resolveram complicar-nos e confundir-nos com fala extática seletiva e incompreensível ?

O Espírito revelador e instrutor; os anjos mensageiros, auxiliares revelacionais de Deus, conforme os vemos nas Escrituras, não se enquadram na falação ininteligível dos complicados e confusos coríntios, pouco recomendáveis como modelos de fidelidade doutrinária e de santificação.

GLOSSOLALIA CORÍNTIA, CARACTERÍSTICAS GERAIS

Um dom comunitariamente evitável.

O dom de línguas é o único dos carismas com restrições e limitações. Paulo afirma ser ele inferior ao da profecia; este sim, altamente edificante (I Co 14.5), e aconselha os carismáticos coríntios a "progredirem para a edificação da Igreja, isto é, evitem a glossolalia que, em termos de edificação, nada acrescenta à comunidade (I Co 14.12) . As Igrejas primitivas coirmãs, sem glossolalia, caminhavam bem melhor, com mais fidelidade doutrinária, mais consagração e mais harmonia interna.

Um dom pessoal e privativo.

Quem fala em língua pode comunicar-se mística e inconscientemente com Deus, admitimos, por meio do complexo equipamento psicológico do ser humano, espiritualmente estimulado, e sentir-se intimamente edificado na secreta e incomunicável relação com o Salvador pela interação sentimental e emocional. Na intimidade do crente com seu Senhor existem mistérios por si mesmos irreveláveis (I Co 14.2,28). O que é privativo não deve tornar-se público, ser exposto à comunidade. Em outras palavras, língua ininteligível é para o indivíduo em sua relação pessoal e sigilosa com Deus, não para uso em culto público. Deus é o nosso maior e melhor confidente, e confiança não se publica; é traição.

Quem fala em línguas edifica-se a si mesmo; quem profetiza, edifica a Igreja e proclama o Evangelho (I Co 14.4). Não se proíbe a glossolalia na privacidade do crente, mas se coibirá o seu externalismo coletivo, que se converte em tagarelice sem sentido, inconveniente.

Dom incompleto.

Quando a comunicação Salvador-servo passa à xenoglossia, fala em língua estrangeira, o discípulo de Gamaliel, à vista de sua comunicabilidade, aduz-lhe outro carisma, o da interpretação, sem o qual não se exercerá na assembléia litúrgica (I Co 14.28). Um dom incompleto, sem o poder de auto-expressão, menor que o da profecia e muito inferior aos dons da fé, da esperança e do amor, os que permanecem, não se tomará, como fazem os carismáticos,

como sinal visível do batismo com o Espírito Santo; este, efetivamente, sinalizado pela regeneração do eleito em Cristo Jesus.

Dom controlável.

Não se trata, como alguns pensam, de carisma incontrolável, compulsão e impulsão irresistíveis e indomináveis do Espírito sobre o qual nem o "paciente" e nem o dirigente do culto tinham controle. Não, era carisma controlável, tanto que Paulo o controlou. No uso de língua secreta e íntima (I Co 14.2), admite-se a incontrolabilidade. O fiel em estado de êxtase perde o domínio da razão em virtude do bloqueio de sua mente, de sua consciência, ficando à mercê do Espírito o fluxo glossolálico verdadeiramente espiritual. Neste caso, a incontrolabilidade seria a marca da autenticidade do fenômeno. Entretanto, na heteroglossia interpretável da segunda parte de I Co 14, a partir do versículo 20, certamente o heteroglôssico não fala em condição extática, pois precisa estar consciente para obedecer o comando do líder do culto, controlar-se, aguardar sua vez de falar (I Co 14.27), não atropelando os outros, não quebrando a ordem preestabelecida. Além do mais, sem intérprete ficava proibido de falar (I Co 14.28). Havia, pois, auto e hetero controle na disciplina da heteroglossia, ficando rigidamente sob supervisão e comando da dirigência litúrgica. A espontaneidade limitava-se à oportunidade, à conveniência, à utilidade, à edificação e à ordem. A glossolalia seletiva, mistura de sons confusos e profusos, produz barulho próprio de meninice espiritual (I Co 3.1,2 cf 14.20).

Muitos deduzem que o carisma de línguas em Corinto acontecia por meio de possessão imediata, imprevisível, inevitável e incontrolável do Espírito Santo, deixando o "possuído" em transe. Já demonstramos que não foi assim. Havia previsibilidade. Verifiquemos o "ter" do versículo 26: "Um tem salmo, outro (tem) doutrina, este (tem) revelação, aquele (tem) língua (glôssan échei), ainda outro (tem) interpretação". O verbo "échei" é presente indicativo de "échô", e significa: Possuir, ter como objeto de conhecimento, ser dotado de, ter dom natural, reter. A idéia é de preparo prévio para um papel, função ou participação na liturgia comunitária. Alguém, por exemplo, que preparou, ensaiou um hino e o "tem" para cantar na Igreja. O inopinado, o improvisado, o surpreendente, não se encontram no conteúdo de "échô". O pré-conhecimento nele se estabelece com clareza. Um dom "inesperado" não se o "tem", e o apóstolo não disse que o carismático o "terá", mas afirma categoricamente: "Tem" língua (glossa échei), isto é, está de posse dela, podendo calar-se, aguardar sua vez, esperar outra oportunidade, ou falar, se for autorizado. Pelo texto não se pode sustentar a doutrina de que o crente ingressa vazio no culto e, de repente, é "tomado" de surpresa pelo Espírito, falando em línguas ininteligíveis inconscientemente. Não, o carismático, diz Paulo, "tem" o dom de línguas e o traz sob controle, podendo exercê-lo ou não, segundo as normas e circunstâncias litúrgicas. Porém, se o falar extático é ininteligível, ficará no âmbito da privacidade pessoal, não se expressará comunitariamente. Sendo, em resumo, glossolalia, deve ocorrer somente entre o glossolálico e Deus. Tratando-se de heteroglossia ou xenoglossia, poderá ser utilizado no culto público, se houver intérprete, e cada um fale por sua vez, sem discursos extáticos paralelos. Assim deve ser hoje.

Normas de controlabilidade.

Paulo recomenda que se procure, zelosamente, o dom de profetizar, mas não faz a mesma recomendação com referência à glossolalia; apenas diz que não se deve proibi-la (I Co 15.39), certamente por se tratar de dom pessoal de uso privativo. A fala ininteligível servia para edificação individual, não comunitária. Aquilo que não se entende não edifica. A heteroglossia extática, diferentemente da glossolalia, podia ser usada em público para a edificação, pois, sendo fala em línguas

estrangeiras, era inteligível ao intérprete e, por este, à Igreja em reunião de adoração. Tanto a glossolalia como a heteroglossia são regulamentadas por Paulo com ordenações mandamentais (I Co 14.37,38).

Privacidade glossolálica.

Paulo não proíbe a glossolalia, mas diz que o glossolálico não fala a homens, mas a Deus (I Co 14.2), ressaltando, portanto, o seu aspecto de edificação individual (I Co 14.4). Quem ignora o significado da voz torna-se estrangeiro para o que fala (I Co 14.11). A ininteligibilidade da alocação glossolálica atinge certamente o usuário, deixando sua mente infrutífera (I Co 14.14). Eis porque o apóstolo recomenda-o a orar inteligivelmente para que se compreenda o que se de fala (I Co 14.13).

Quem possui o dom da glossolalia por ele não se privilegia nas reuniões litúrgicas, mas pode utilizá-lo em sua comunhão privativa com Deus, evitando exposições públicas. A glossolalia é um tipo de código secreto entre o Salvador e o salvo por ela agraciado.

Edificação.

A norma geral para todos os dons carismáticos é a edificação (I Co 14.26 cf 14.12; I Co 12.7,25). Como o conteúdo edificador da glossolalia é nulo para a comunidade (I Co 14.4), Paulo evitou usa-la, preferindo falar cinco palavras inteligíveis a pronunciar dez mil ininteligíveis (I Co 14.18,19). Esta preferência por orações e comunicações claras, nítidas, compreensíveis, tem sido praticada, seguindo a prática paulina, pela Igreja Presbiteriana do Brasil e por outras coirmãs históricas. Os bons exemplos devem ser imitados.

Interpretação.

A heteroglossia (não a glossolalia, que é íntima e privativa) condiciona-se ao dom da interpretação (I Co 14.27) que, neste caso, é superior ao de línguas, no entendimento paulino, pois, sem o intérprete, impunha-se, imperativamente, silêncio ao heteroglósico. Isto deixa patente a dispensabilidade do "falar em línguas" nas assembleias litúrgicas.

Controlabilidade.

A heteroglossia é controlável pelo dirigente do culto, que lhe determina a quantidade de manifestações e lhe estabelece a ordem de execução, segundo preceituação do zeloso ministro dos gentios (I Co 14.27). Regista-se que o fenômeno heteroglósico, fala em línguas estrangeiras, é raríssimo, mormente nos cultos carismáticos modernos, mas a glossolalia, fala inarticulada sem sentido, usa-se largamente nas assembleias litúrgicas contra as recomendações de Paulo, pois as orações simultâneas e as falas glossolálicas em público não eram permitidas em Corinto, onde tudo se fazia, por instrução paulina, com ordem e decência (I Co 14.40 cf 14.33). Onde não há controle, não há direção divina, pois "Deus não é de confusão" (I Co 14.33).

O silêncio das mulheres.

Muitos entendem que Paulo proíbe a mulher apenas de "fazer perguntas" ou "julgar os profetas". Não, se é "conforme a lei", como afirma Paulo, então é para não falar mesmo, quer fazendo perguntas, julgando profecias ou profetizando (I Co 14.34,35). A profecia e a glossolalia não se excluem da enfática ordem do apóstolo. O texto não permite exceções. A proibição paralela de I Tm 2.11, 12 confirma a generalidade da ordenação proibitiva, que não se limita a certos procedimentos e nem se circunscreve apenas à Igreja de Corinto: "Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas" (I Co 14.34). Notem bem, Paulo não manda a mulher calar-se fora da Igreja, mas nela, nas assembleias litúrgicas. A mulher não foi chamada por Deus para operar nos cerimoniais do culto veterotestamentário, mas isto não impedia que o Espírito Santo se utilizasse dela nos ministérios proféticos externos ao templo. Profetisas foram: Miriã (Ex 25.20), Débora (Jz 4.4), Hulda (II Rs 22. 14) e Ana (Lc 2.36). De igual modo podiam profetizar na implantação da Igreja, na formação do cânon neotestamentário (I Co 11.2 cf At 21.9). Israel não possuía profetisas cúlticas, oraculares, pois excluídas estavam as mulheres da ordem sacerdotal. Os três ofícios fundamentais da Igreja, por decisão divina, são destinados a homens: Apóstolos, profetas e mestres. O Novo Testamento, acompanhando o Velho, não registra ministério feminino de apóstolas, pastoras e presbíteras. Seguindo a tradição judaica, Paulo

achava "vergonhoso" a mulher falar na Igreja, seja para fazer pergunta, discutir opiniões, profetizar, seja para exercitar o carisma glossolálico. Por ser a mulher mais mística que o homem, proibi-la de falar significava reduzir consideravelmente a incidência de línguas extáticas no culto.

Com as normas paulinas a glossolalia coríntia ficou contida dentro de limites aceitáveis e subordinada a regras preordenadas, que não são respeitadas hoje pelos glossolálicos modernos.

GLOSSOLALIA, FENÔMENO RELIGIOSO

O fenômeno de línguas estranhas tem sido verificado no universo religioso de todos os tempos e de todos os povos, não importando a veracidade e a autenticidade da fé professada. Registra-se, por exemplo, que um adorador de Amon, em estado frenético com duração de uma noite, falou coisas ininteligíveis em uma língua extática atribuída ao espírito do deus adorado. A pitonisa Sibilina de Delfos, serva e profetisa da divindade pagã, Apolo, praticava a glossolalia, quando escranchada, sem as roupas íntimas, na trípode de seu deus, colada sobre a fenda de uma rocha de onde emanava um gás inebriante. Sua fala inarticulada, creditada a Apolo, era interpretada por sacerdotes "credenciados" da suposta divindade. Tudo, como se vê, era falso. E estes fatos antecederam, e muito, ao advento do cristianismo.

Luciano de Samosata (120-198 d.C.) descreveu em seu livro, "De Dea Syria", a ocorrência de línguas extáticas no culto de mistério da deusa Juna de Hierápolis, na Síria. Os místicos maometanos, adoradores persas de Alá; os esquimós da Groelândia: os monges tibetanos e chineses, todos, por excitação religiosa, experimentaram e experimentam a fala extática, glossolalia, como "afirmação" e "confirmação" da "presença" do deus invocado, Alá. Portanto, a glossolalia não é originária do culto coríntio e nem exclusiva do cristianismo, embora o Espírito possa usar o fenômeno para edificação de crentes, individualmente, como efetivamente fez em Corinto.

Línguas no universo cristão.

A glossolalia, como vimos, é anterior ao cristianismo, e não uma herança vetotestamentária; existiu, porém, dentro da Igreja primitiva na comunidade de Corinto, que não servia de modelo de santidade e unidade para as suas congêneres contemporâneas. E pode ser modelar hoje? A continuidade glossolálica verificou-se, depois dos tempos apostólicos, no movimento herético do montanismo, condenado pela Igreja verdadeira. Repetiu-se no catolicismo monástico da Idade Média com muitas ocorrências; especialmente se mencionam Santa Hildegard, São Vicente Ferrer e São Luiz Bernardo.

Durante a Reforma, e paralelo a ela, a glossolalia acontecia intensamente entre os vários grupos de anabatistas. Línguas também falaram os jansenistas (de Cornélio Jansen), implacáveis inimigos da Reforma; os irvingitas (de Eduardo Irving), heréticos que "sustentavam a doutrina da substância pecaminosa do corpo físico de Cristo" ; os "tremedores"(Shakers) da herética Ann Lee (1747), que ensinava ser a divindade hermafrodita e que a segunda vinda de Cristo cumpriu-se nela, o Verbo reencarnado; os mórmons de Joseph Smith, negadores da Trindade e da salvação pela graça. Glossolalia ocorre também, nos tempos modernos, em terreiros de macumba e candomblé; nas missas carismáticas aos pés de ícones da Virgem e dos santos; nos movimentos da "Fé Positiva", que divinizam o crente, pregam a dupla morte de Cristo e ensinam que Jesus adquiriu a natureza satânica por ocasião de sua morte e foi gerado, não no ventre da Virgem, mas na ressurreição. Como se observa, a Glossolalia é um fenômeno tanto pagão como cristão, tanto verdadeiro como falso.

HERANÇA NÃO GLOSSOLÁLICA

Somos herdeiros da Reforma, e nenhum reformador, nem de longe, foi glossolálico. O dom de línguas, um sinal externo e visível do "batismo com o Espírito Santo, segundo dogmatizam os carismáticos, representa a "unção de poder" para pregar e testemunhar de Cristo. Então, como se explica o "poder" dos reformadores, quer no testemunho quer na pregação, capaz de revolucionar e transformar o mundo sem qualquer incidência do "poderoso e indispensável" dom da glossolalia? Os heróis da Reforma reabilitaram a Escritura, traduziram-na e a colocaram nas mãos do povo num movimento evangélico poliglota sem precedentes, e tudo sem o "auxílio" da glossolalia. Deus a dispensou na maior revolução evangelizadora depois dos tempos apostólicos.

O Velho Testamento, pai do Novo, silencia sobre "línguas estranhas". Jesus Cristo, nosso Salvador, Mestre e modelo, não falou em línguas. Basta, pois, ao cristão ser como seu Senhor. Os apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, não falaram em línguas. Se somos uma Igreja realmente apostólica, devemos seguir os apóstolos na doutrina, no testemunho e na prática. Nas sete igrejas da visão apocalíptica, que são figuras da Igreja universal e às quais o Espírito se dirige pastoralmente, não se registra absolutamente nada sobre incidência de línguas, nem na Igreja padrão, a de Filadélfia, contra a qual o Espírito não faz restrições, pois se trata de uma Igreja sem deslizes. Observa-se, portanto, que em todos os nossos essenciais parâmetros bíblicos a presença da glossolalia não se nomeia.

A Igreja Presbiteriana é calvinista e reformada, herdeira fiel da Reforma, não de movimentos paralelos e heréticos nos quais a glossolalia se praticava; é cristã e apostólica, serve de um Cristo não glossolálico; firmada no testemunho de apóstolos que não falaram em línguas estranhas. Introduzir nela, como doutrina e como prática, a glossolalia é afastá-la de sua fidelidade autenticamente bíblica e de seu compromisso com as bases teológicas da Reforma. Observem que não foram glossolálicos: Jesus Cristo; os apóstolos; as principais igrejas primitivas, incluindo a de Jerusalém, mãe de todas; os chamados pais da Igreja, estruturadores das doutrinas confessionais, colaboradores do cânon das Escrituras, sistematizadores dos credos; os reformadores; os implantadores do presbiterianismo no Brasil, homens como Simonton e Conceição. O que eles foram e fizeram, seremos e faremos, com a graça de Deus e o batismo com o Espírito Santo, sem línguas ininteligíveis. Estamos na estrada certa por onde passaram nossos pais e por onde passarão nossos filhos; seguimos as pegadas dos patriarcas, dos profetas bíblicos, dos apóstolos, dos mártires, dos reformadores, dos antepassados de nossa querida e amada Igreja Presbiteriana do Brasil.

Não negamos a existência da glossolalia como fenômeno religioso, mas questionamos a sua origem, a sua autenticidade espiritual, a sua utilidade, a sua conveniência. É melhor não usá-la em culto público a ter de lançar mão dos igualmente duvidosos dons do "discernimento de espírito" e de "interpretação", passíveis de adulteração por ação demoníaca ou por falsificação humana. Lembrem-se que o Diabo pode transformar-se em anjo de luz para enganar e que, dentro da Igreja, a presença de hipócritas é possível.

CESSAÇÃO DA GLOSSOLALIA

A cessação da glossolalia na Igreja histórica e confessional é uma constatação inegável; fato que nos leva concluir: a- O dom de línguas ligava-se ao ministério apostólico da implantação, consolidação e divulgação da Igreja primitiva, origem e matriz de todas as sucessoras. b- Passado o período da "meninice", durante o processo de geração dos escritos canônicos do Novo Testamento, o dom de línguas, mormente o da heteroglossia, desapareceu, certamente por determinação divina. c- O vitalíssimo tempo dos mártires e dos pais da Igreja,

quando o Espírito atuou poderosamente sobre os cristãos, dando-lhes indomável coragem diante de seus algozes e enquanto sofriam martírios desumaníssimos, multiplicando-lhes o poder de testemunhar e de proclamar, a glossolalia esteve totalmente ausente; não se tem notícia de seu papel e contribuição. Parece que a glossolalia tem mais afinidade com a hilaridade e com a emoção que com o sofrimento, a angústia e o martírio.

Quando vier o que é perfeito.

Paulo, em I Co. 13, diz: "Havendo profecias, desaparecerão (katargethesontai, serão abolidas); havendo línguas (glôssai), cessarão (pausontai: Acabarão efetivamente, deixarão de existir); havendo ciência (gnosis), passará (katargethêsetai: Será abolida)". Com referência à língua (glossa), Paulo não poderia ter usado um verbo mais adequado e mais forte, pois "pausontai", futuro indicativo médio de "pauo", significa: Fazer parar, suspender, tornar ineficaz. No versículo seguinte ele afirma: "Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos". Não repete o carisma da língua, ressaltando o aspeto enfático de sua cessação; nem "em parte" realiza-se mais.

Algumas interpretações.

01- "Perfeito" refere-se ao reino escatológico, à Igreja glorificada, onde não mais haverá necessidade de carismas como sabedoria mística, profecia carismática, língua extática. Esta interpretação não se fundamenta no texto e desconsidera o contexto que, nem de leve, menciona escatologia, pois não trata de problema futuro, mas de situações reais, atuais e existenciais da Igreja de Corinto. Paulo, por outro lado, afirma que os "dons parciais" da profecia, da "gnosis" e da glossolalia desaparecerão, mas os dons essenciais da fé, da esperança e do amor permanecerão. Ora, no reino escatológico o crente não terá carência de fé e nem necessidade de esperança. Ainda mais, "a língua dos anjos" não cessará no reino celeste consumado pelo Cordeiro, a não ser que seus titulares fiquem mudos, hipótese inviável, pois o louvor angélico não cessa. O contrário é possível: Lá, a Igreja pode falar a "língua dos anjos", pois seremos semelhantes a eles (Mt 22.30).

02- "Perfeito" é uma alusão ao cânon completo das Escrituras. Quando a revelação, que estava sendo escrita, consumir-se, não mais haverá glossolalia, "gnosis" e profecia carismática. Tal interpretação, como a anterior, não se baseia no texto, não se estriba no contexto. Sua fragilidade exegética é patente, mesmo porque a glossolalia em nada contribuiu para a formação do cânon e a profecia se fez permanente, atual e atuante nas Escrituras canônicas; e assim continuarão enquanto a Igreja existir. O conhecimento (gnosis), por outro lado, é atualizado na Igreja pelo Espírito Santo, que interpreta as Escrituras, por testemunho interno, para Igreja e em cada eleito.

03- Todo o capítulo treze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios prepara o leitor para o alvo, o clímax, a palavra chave: AMOR. Este, sim, dom sublime, naturalmente aprofundado no coração do eleito pelos dons igualmente grandes da fé e da esperança. Semelhantes dons somente se plenificarão no crente maduro, despido das "criancices" naturais de uma igreja espiritualmente infantil como a de Corinto (I Co 3.1,2 cf 14.20). Paulo toma-se a si mesmo como ilustração viva do que ensinava, isto é, a sua infância rigorosamente humana, com "as coisas de menino", antecedente necessário à maturidade subsequente, quadro que se reproduz na infância, segundo ele, da Igreja de Corinto. O estágio pediátrico da comunidade coríntia, embora compreensível e até indispensável, seria transitório; e realmente foi. O fato de o mestre dos gentios tomar-se como exemplo deixa claro que ele não falava da suposta "conclusão" de um "código canônico" ou de profecia sobre a perfeição de uma "Igreja escatológica", mas de pessoas e de comunidades inseridas na realidade histórica e, por isso mesmo, submetidas ao processo de desenvolvimento com etapas bem definidas e um alvo de idealidade a ser alcançado, a santificação. O "perfeito" (to téleion), a nós nos parece indubitável, é a maturidade espiritual da Igreja, e dos seus membros dentro dela, no pleno

exercício da fé, da esperança e do amor, sem interferência dos carismas parciais, necessários na infância, mas ridículos e impróprios na idade adulta. A fala e as reações do menino substituem-se pelas do adulto sem que

ambos deixem a Igreja. Hoje, as igrejas supostamente maduras e "santas" não passam, na concepção paulina, de grupos eclesiais infantis, talvez por anartria espiritual, um retrocesso à velha anagoria de etapas já vencidas.

Sem amor agápico, o conhecimento de nós mesmos é precaríssimo, periférico, defeituoso, e o nosso conhecimento de Deus é parcialíssimo e deficiente (I Co 13.12). A maturidade nos leva a amar a Deus acima de tudo e ao próximo, nosso irmão, como a nós mesmos. Então, certo, chegaremos à varonilidade cristã, seguindo exclusivamente o amor e, por ele equipados, somos condicionados à prática dos mandamentos. Numa Igreja madura, firmada em Cristo e alicerçada no amor, a glossolalia é, sem dúvida, um retrocesso.

Testemunhos da cessação glossolálica.

Crisóstomo (345-407 d.C.), falando sobre "dons espirituais", com base em I Co 12.1,2, escreve: "Esta passagem toda é muito obscura; porém, a obscuridade é produzida por nossa ignorância concernente aos fatos aqui referidos e pela sua cessação, sendo tais como então aconteciam, porém, que agora não mais ocorrem" (citado por Robert G. Gromacki em seu livro, "Movimento Moderno de Línguas", pág. 33. JUERP). No tempo de Crisóstomo, portanto, a glossolalia era inteiramente desconhecida, mas a Igreja, viva e dinâmica.

Agostinho (354-430 d.C.), comentando I João, disse: No tempo mais primitivo o Espírito Santo caiu sobre os que creram, e eles falaram em línguas, que não haviam aprendido, como o Espírito lhes concedia que falassem. Esses eram sinais adaptados àquele tempo. Pois convinha tal sinal do Espírito Santo em todas as línguas, para mostrar que o Evangelho de Deus deveria passar por todas as línguas no mundo inteiro" (Livro citado, pág. 34). Também no tempo de Agostinho a cessação da glossolalia era um fato, mas a Igreja continuava.

O que Paulo profetizou em I Co 13.8,9, realmente aconteceu, especialmente em relação à glossolalia: Cessação completa em período de maturidade da Igreja total e nas comunidades maduras de todos os tempos. A Igreja Presbiteriana do Brasil tem sido, ao longo de sua história, uma Igreja madura, e esperamos que continue assim, professando os carismas essenciais da fé, da esperança e do amor.

O AMOR E O DOM DE LÍNGUAS

Sem amor, tanto a glossolalia, tida como "língua dos anjos", como a heteroglossia, variedade de línguas inteligíveis, são inócuas: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que ressoa (echôn, vem do verbo echeô= ecoar, ressoar) ou como o címbalo que retine" (I Co 13.1). "Serei" (gégona= tornar-me-ei) implicava em o glossolálico transformar-se em barulhenta sonoridade, mas nula de comunicação, despida de verbalização comunicativa e fonética lógica. Paulo, certamente, vale-se de uma hipérbole, criando uma imagem hipotética, com o objetivo de enfatizar, superestimar, o dom agápico, essência real do fruto do Espírito (Gl 6.22,23), único carisma constante da natureza de Deus (I Jo 4.16).

A Igreja inaugurada no Pentecostes tem no coração, escritos pelo Espírito Santo, os dois mandamentos, sínteses de toda lei: Amor absoluto e filial a Deus; amor fraternal sem condicionamentos ao próximo (Mt 22.37-40) . O carisma do amor habilita o crente ao cumprimento da lei de Deus, capacita a Igreja a guardar os preceitos éticos, morais e espirituais do Novo Testamento, dádiva de Cristo Jesus aos eleitos. A obediência procede do amor, que reside no redimido como parte integrante de sua existência regenerada: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e

conhece a Deus. Aquela que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (I Jo 4,7,8). O sinal, pois, da filiação, da redenção, é o amor, dom pelo qual a natureza de Deus, pela habitação do Espírito, se faz presente em nós. O conhecimento de Deus não se expressa em proposições racionais, mas em efetivas manifestações naturais do amor.

A GRANDE LIÇÃO DO AMOR

A Igreja de Corinto desagregava-se. Nela instalaram-se facções, personalismos, carnalidade, religiosidade sem amor. Paulo, na primeira epístola, até o capítulo onze, trata de tais problemas. Em seguida, doutrina sobre os dons espirituais, estabelecendo-lhes a hierarquia, a funcionalidade e a imprescindibilidade, tratando-os como parte do organismo eclesial (ver cap. 12). O apóstolo encara como terrível anomalia o destaque e a proeminência de um carisma sobre os outros, o que implicaria na monstrualização do corpo (I Co 12. 14-19). A excelência do amor não reside em sua eminência, mas na capacidade de compreender, tolerar e perdoar; na disposição essencial de humilhar-se, de submeter-se, de servir a Deus e ao próximo incondicionalmente. O amor é paciente, benigno, não ciumento, não injusto, não maquinador do mal. O amor se entristece com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Onde o amor impera a benquerença, a benignidade, a paz e a harmonia se estabelecem.

Detalhem o ensino paulino sobre a operosidade dos dons da unidade orgânica da Igreja:

a- Não há, em termos utilitários, um dom maior que o outro. Cada um com sua função própria; segundo a vontade soberana do Espírito (I Co 12. 4-11). A parcialidade e a especificidade de cada um, na ordem da diversidade, contribui para a formação equilibrada e totalizada do conjunto. O total se faz com a soma de parciais. O único carisma presente em cada parte e em todo o complexo corporal do organismo eclesial é o amor, pleno, perfeito, permanente, absoluto, incluso na própria essência divina e dela procedente. O amor jamais acaba. É a alma da unidade.

b- Na analogia do corpo humano, Paulo deixa claro o absurdo de se priorizar um dom qualquer em detrimento dos outros. O que determina a importância insubstituível de determinado carisma não é a sua espetacularidade, mas a sua serviçalidade necessária, muitas vezes ignota e até desconsiderada (I Co 12. 21-25).

c- O amor, carisma sublime, gera a unidade fraternal e cria a solidariedade agápica (I Co 12.25-27). O corpo eclesial é uno, templo do Espírito Santo, composto de membros individuais unidos entre si pelos vínculos solidários do amor, que a todos consensualiza, harmoniza e edifica para o objetivo comum: Edificação do corpo (I Co 14.12). Ora, a língua, na teologia glossolálica, representa o oposto: Não edifica (I Co. 14. 4,11.17) e ainda divide a Igreja entre irmãos imperfeitos (somente batizados com água) e crentes "perfeitos" (batizados com o Espírito Santo); membros, embora salvos, mas "vazios", convivendo com outros na mesma família de Cristo, dentro do mesmo organismo comunitário, "cheios" do Espírito e de poder. Isto estabelece uma desigualdade incompatível com a unidade do corpo de Cristo e com o ministério do Espírito na e sobre a Igreja. Todos somos iguais perante a graça; todos fomos unidos a Cristo pelo Espírito; todos pertencemos à fraternidade da fé como irmãos uns dos outros. Na figura de I Co 12, não cabem distinções e discriminações, especialmente carismáticas. O corpo de Cristo composto de membros de "primeira" e de "segunda" categorias seria cismático e dicotômico em si mesmo, e sua unidade estaria quebrada irremediavelmente. E Cristo nos outorgou um Espírito de unidade e de fraternidade, não de divisão por diferenciação, especialmente quando tal diferenciação se opera no campo da espiritualidade. Dividir a Igreja entre "santos incompletos" e "santos completos", estes batizados com o Espírito Santo e aqueles não, significa negar a doutrina paulina da corporalidade indivisível e indissolúvel do corpo eclesial: "Pois em um só

Espírito todos nós fomos batizados em um corpo"; " e a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (I Co 12.13).

Os carismáticos ensinam que, para a redenção, a graça é operante eficazmente, mas, para a santificação, ela é cooperante, dependendo sua eficácia do esforço santificador do crente. É, pois, a teologia da graça incompleta. O mesmo Deus que nos regenera em Cristo, promove o nosso crescimento, a santificação.

Por Cristo o amor foi derramado em nossos corações, criando em nós a fé e estabelecendo a união fraternal (Rm 5.5). Amor, dom magno, é sinal, em nós, indivíduos e comunidade, do batismo com o Espírito Santo. O conhecimento de Deus decorre do amor, que atua em dupla direção, a celeste, a Deus, e a terrestre, ao próximo.

FALARÃO NOVAS LÍNGUAS

Os defensores da glossolalia como um dom geral e marca visível do batismo com o Espírito Santo, recepção da segunda bênção, apegam-se ao texto de Marcos 16.17 como "locus classicus" de tal doutrina. Firmam-se, no entanto, em base frágil. Alisemos:

01- O dom de línguas não é geral. Alguns, em Corinto, recebiam-no; outros, não: "A um, variedade de línguas; a outro, capacidade para interpretá-las" (I Co 12.10 cf I Co 14. 26,27). Não é, pois, um "sinal" de "todos os que crêem", porque há crentes regenerados e batizados com o Espírito Santo aos quais o Senhor não agraciou com a glossolalia, mas com outros carismas omitidos por Marcos. Um dom particular, restrito a alguns, não pode servir de "símbolo" batismal pneumático para a generalidade dos crentes, pois os dons são diversos, embora o Espírito seja o mesmo.

02- Falar em "novas línguas" é parte de um conjunto de sinais (semeia), que seguiria os que cressem: Expulsão de demônios; domaço de serpentes peçonhentas; ingestão de veneno mortífero; imposição das mãos sobre enfermos. O crente, pela interpretação literal, somente poderia confirmar sua fé em Cristo depois de passar ileso e triunfante pelo conjunto de sinais, e não por um deles apenas, o de línguas. A previsão é enfática: "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem" (Mc 16. 17). Não há como fugir. A fé do convertido, outrora e hoje, comprova-se por tais sinais? De modo algum. O sinal do crente é a regeneração.

03- O texto marcano no qual se inserem tais prescrições de sinais faz parte do acréscimo, registrado a partir do versículo nove, que não se encontra nos demais sinóticos. Os melhores e mais antigos manuscritos não o incluem, nem parcialmente. Mateus e Lucas, cujos escritos apoiam-se firmemente em Marcos, não fazem qualquer menção, nem indiretamente, dos aludidos sinais que seguiriam os crentes. Aceitamos a canonicidade do texto, pois o Espírito permitiu que fizesse parte do Novo Testamento, mas não firmamos doutrina sobre ele, pois é único e isolado, e a Escritura é intérprete de si mesma, isto é, um texto só pode ser compreendido por outros textos. Sem contexto não se firma doutrina, não se dogmatiza.

04- A previsão dos sinais marcanos, a mim me parece, destina-se aos próprios apóstolos, não aos futuros crentes, os que se converteriam pela pregação deles. O texto sugere esta conclusão:

a- Jesus censura duramente os apóstolos por incredulidade (Mc 16.14). Não crer na ressurreição de Cristo significava ter fé inconsistente, vã (I Co 15.14). Depois Jesus os envia, alertando que tais sinais acompanhariam os que cressem, os que não mais duvidassem da ressurreição do Filho de Deus. Na ação apostólica missionária, dinâmica, um "caminhar incessante", o verbo acompanhar, "parakoloutheo", usado no futuro, coaduna com a marcha da Igreja, não como algo inerente aos apóstolos, mas com eles, pois significa: Seguir, acompanhar, andar ao lado de. E isto efetivamente aconteceu. Não se trata, pois, de virtudes do crente comum, mas de equipamento apostólico.

b- O versículo dezesseis é uma perícope ligada a Mateus 28.19 cf At 2.38. Lendo o texto sem ele, o nexos consequencial se estabelece com a incredulidade dos apóstolos no que se refere à ressurreição e à qualificação das testemunhas, por serem mulheres (At 16.14 cf 16.11), e não aos futuros convertidos. O verbo traduzido por "crêem" é "pisteúsasin", dativo participial aoristo de "pisteuo": Os que estão crendo, presente contínuo, e não os que "crerão" ou "os que vierem a crer".

c- O versículo dezoito fala de "imposição de mãos". Calvino ensina que a imposição de mãos ("cheirothesian" ou seu equivalente, "cheirotenian") está conectada liturgicamente aos sacerdotes vetotestamentários e aos apóstolos e presbíteros neotestamentários (At 8.14-17; 19.3-6; I Tm 4.14; II Tm 1.6). Ao leigo não se lhe confiava o ministério da imposição das mãos. Logo, esta ordem não se refere a "todos os que crêem"; restringe-se aos apóstolos e aos futuros ministros. Orar pelos enfermos, por exemplo, era um ministério presbiteral ou pastoral (Tg 5.14), não laico. Os "sinais", portanto, seguiram os apóstolos, depois que não mais duvidaram da ressurreição de Cristo.

05- O apêndice ao Evangelho Segundo Marcos não fala de "línguas estranhas", mas "novas línguas" (glôssais lallêsousin kainais), isto é, línguas pelas quais a palavra da redenção ainda não havia sido comunicada (I Co 14.21). A idéia não é de "línguas inexistentes", mas de idiomas falados, porém, até então desconhecidos, não dominados, não utilizados pelo novo Israel de Deus. Aliás, a expressão, "falarão novas línguas", significa, na verdade, "preparão a novos povos", "atingirão novas culturas". E, de fato, de "unilíngue" a Igreja passou rapidamente a "polilíngue", a poliglota; de tribal a universal (I Co 14.21; Rm 14.11; Ap 5.7,9).

Marcos 16.17 não oferece nenhuma base para "línguas estranhas", antigas ou modernas. Aliás, a glossolalia de hoje, tanto a de evangélicos como a de católicos e espíritas, nada tem a ver com o dom de línguas do Novo Testamento por não lhe seguir as normas, não se harmonizar com sua natureza, propósitos e fins; é um "dom bíblico" por "declaração", não por "fundamentação".

DA CONTEMPORANEIDADE

Os carismáticos, em escritos e sermões, tentam passar-nos a idéia de que a glossolalia atual nada mais é que a continuidade ou recorrência legítima e sem modificações da manifesta na Igreja primitiva de Corinto. Como não há diferença externa entre a fala extática do protestantismo evangélico e a do catolicismo carismático ou dos terreiros de macumba, fica-lhes difícil a defesa da autenticidade e, conseqüentemente, da legitimidade espiritual da pretendida contemporaneidade. O Espírito, que sempre agiu pelas Escrituras, teria abandonado, sem explicações, a monolatria bíblica, tornando-se cúmplice da idolatria? Não, o Espírito permanece o mesmo, inspirador dos profetas e revelador de Cristo; o que se manifesta nos cultos idolátricos e nas feitiçarias, com certeza, não é o Espírito de Cristo. A identidade da Glossolalia evangélica com a constatada fora dos seus arraiais deveria preocupar os irmãos glossolalistas.

Falta de identidade.

A heteroglossia pentecostal não se repete no carismatismo moderno. Em Jerusalém, por ocasião do nascimento histórico da Igreja, o Espírito Santo não foi buscado; não foi derramado sobre alguns, mas sobre todos; não falou línguas ininteligíveis, necessitando do socorro do intérprete, evidência de incapacidade de se comunicar diretamente com os homens. O intérprete de Cristo, o Paráclito, precisa de ser interpretado por seres humanos? Quem pode penetrar a mente do Espírito? O fenômeno pentecostal caracteriza-se por sua clareza e nitidez, pois o Espírito dirigiu-se a cada ouvinte, diretamente, expressando-se em seu dialeto. O que aconteceu no Pentecostes ierosolomita não se repetiu jamais e nada tem a ver com as

glossolalias contemporâneas. Se o título "pentecostal", que a si mesmos se dão, é por causa da suposta identidade com a glossolalia ou heteroglossia do Pentecostes, usam-no incorreta e indevidamente.

Não há também nenhuma identidade da glossolalia hodierna com a de Corinto. Os glossolálicos atuais agem, segundo crêem, sob irresistível e incontrolável possessão, compulsão e impulsão do Espírito Santo. Em Corinto, a fala extática submetia-se ao rigoroso controle do portador do carisma, que podia falar ou calar-se, quando desejasse fazê-lo. O profeta glossolálico, se podemos classificá-lo assim, possuía domínio sobre si, como declara Paulo: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (I Co 14.32). O uso de línguas, portanto, ficava sob a decisão consciente de quem possuía o carisma, além do controle externo do dirigente litúrgico e da indispensável presença do intérprete. Nada disso acontece nos cultos carismáticos de hoje. Não sendo idênticos, não são os mesmos. Reivindicar identidade de coisas diferentes é, no mínimo, incongruência inaceitável. A incontrolabilidade da glossolalia moderna deixa-a muito distante do fenômeno coríntio.

Pentecostes e Corinto não se repetem nos nossos dias, embora os carismáticos digam que sim. Uma comparação, mesmo superficial, deixam-nos isolados dos carismáticos do cristianismo judaico e gentílico. E um Espírito Santo incontrolável, que se apossa de evangélicos, católicos idólatras e macumbeiros, merece credibilidade? Por que falam "em línguas", são todos batizados por ele? Um Espírito que grupos carismáticos manipulam, não importando a origem, possui confiabilidade? Apesar de não primarem pela fidelidade bíblica, os glossolálicos apregoam insistentemente, e muitos incautos aceitam, a sua "honestíssima" biblicidade.

Um dom coletivo inaugural.

A heteroglossia, ou glossolalia, foi sinal inaugural do cristianismo, mas de caráter coletivo, isto é, recepção de culturas por representantes típicos: Judeus nativos e da dispersão (Atos 2); gentios (At 10.44-48); discípulos de João Batista (At 19.1-7). Entre os samaritanos não se registrou a ocorrência do fenômeno glossolálico, pois estes não passavam de uma extensão racial e factual do velho povo de Deus, incluídos entre as "ovelhas perdidas de Israel", que Cristo veio salvar.

Notem bem, a glossolalia aconteceu por ocasião de batismos, antecedentes ou conseqüentes, de grupos, que davam início ao cristianismo em seus respectivos povos ou agremiações.

Não ocorreu em batismos individuais.

Enfatizemos, para fixação: A ocorrência de línguas verifica-se sempre no ato de ingresso de grupos representativos. Em batismos individuais dentro da Igreja devidamente inaugurada e introduzida nas sociedades judaica e gentílica o fenômeno não se verificou. Este fato depõe contra a tese da permanência do dom de línguas e a de sua recorrência especial sobre pessoas batizadas com o Espírito Santo em todos os tempos. Eis alguns exemplos de crentes batizados na Igreja primitiva sem qualquer menção de fala extática: Paulo (At 9.17-19); Eunuco (At 8.26-40); Apolo (At 18.24-26); Carcereiro filipense (At 16.25-34) Lídia (At 16.11-15); Crispo (At 8.8).

O Novo Testamento registra também a inclusão de salvos de várias nacionalidades na Igreja sem manifestação glossolálica: Tessalonicenses (At 17.1-10); bereanos (At 17.10-15); atenienses (At 17.32-34).

O mais importante batismo de água com a concomitância do batismo com o Espírito Santo foi o de Jesus Cristo (Mc 1.9-11), evento significativo, simbólico e inaugurador do ministério messiânico, marcante para a humanidade inteira e especialmente para os cristãos de todos os tempos e lugares. Nele, contudo, não se notou o "sinal" de língua estranha, evidência externa do batismo com o Espírito, conforme doutrinam os carismáticos. A descida do Espírito

sobre Cristo não trouxe a manifestação óbvia de línguas, como deveria ter acontecido, em sustentação da pneumatologia carismática.

A suposta contemporaneidade do dom glossolálico esbarra nas contra-evidências seguintes: a- Não se assemelha ao de Pentecostes. b- Não se identifica com a glossolalia coríntia. c- Não é prova universal do batismo com o Espírito Santo, pois houve e há crentes batizados sem o "sinal" externo de línguas extáticas. d- Não é um dom privativo de evangélicos, deixando de ser, por esta razão, sinal inquestionável de santificação.

GLOSSOLALIA, SINAL DA SEGUNDA BÊNÇÃO?

O carismatismo, de modo geral, sustenta a doutrina das duas bênçãos, uma com a obra da redenção em Cristo e outra com a da santificação no Espírito Santo. O sinal da primeira bênção é o batismo com água; o da segunda bênção, o batismo com o Espírito Santo, sinalizado externamente com a manifestação indispensável da glossolalia. O Espírito santifica, plenifica o ato regenerador, e dinamiza o crente para a obra evangelizadora, potencializando-o para vencer os poderes do mal, do pecado. O crente "simplesmente" batizado com água está apenas salvo, e é um redimido impotente, paralisado. O servo batizado com o Espírito Santo é um santo completo, possuidor de duas plenitudes, a de Cristo e a do Espírito, ficando, em consequência, "cheio" de poder. As igrejas carismáticas, portanto, possuem duas categorias de membros: "**Incompletos**", os que são batizados somente "em Cristo" pelo rito batismal da água, e "**completos**", os que deram o segundo passo, recebendo a bênção do batismo com o Espírito.

Primeira bênção.

A teologia pentecostal ensina que a primeira bênção é obra exclusivamente da graça eficaz operante, que produz o arrependimento, a fé salvadora, a conversão, o novo nascimento. Nesta fase, o homem nada pode fazer; Deus faz tudo por ele mediante Jesus Cristo. O Salvador coloca o salvo no reino de Cristo e "manda" que ele "busque" o Espírito para ser "eficiente" na obra, "santo" na vida e "poderoso" contra o Diabo. A ordem é: Cristo, na primeira bênção, "busca" o pecador; na segunda bênção, o pecador em Cristo "busca" o Espírito.

Segunda bênção.

O crente possuidor da primeira bênção assemelha-se, no entendimento pentecostal, a uma criança recém-nascida: Tem todas as potencialidades de pessoa adulta e, na verdade, já é um "adulto em processo", em crescimento. A sua maturidade dar-se-á por ocasião da recepção da segunda bênção, isto é, o batismo com o Espírito Santo. A "busca" do Espírito é uma ordenação divina, insistem, e a ânsia de recebê-lo faz parte da "natureza do regenerado". Quem não se "angustia" para ser batizado com o Espírito não se "santifica" progressivamente, e demonstra a frieza própria daqueles que não receberam a primeira bênção; para tais crentes, o batismo com água não foi verdadeiro, concluem os pneumáticos. "Buscar o Espírito", portanto, é atestar a presença e a posse da primeira bênção, pois exclusivamente esta condiciona o "semicrente" a caminhar em direção ao alvo final, a "plenitude", a perfeição espiritual: O batismo com o Espírito, cujo sinal visível é a glossolalia. O gozo da primeira é relativo, mas o da segunda é pleno, ultrasensorial, indescritível. O crente que falou "em línguas" pode dizer: Cheguei à estatura de varão perfeito diante de Cristo, pois agora sou templo do Espírito Santo, revestido de poder. Isto deixa o glossolálico em posição privilegiada perante seus irmãos "incompletos", os da primeira bênção, muitos dos quais não chegarão jamais ao posto almejado de glossolálico.

Na primeira bênção, o Espírito batiza o convertido "em Cristo". Na segunda bênção, Cristo batiza o regenerado "no Espírito". Na primeira bênção, o Espírito fica "com" o crente,

que está em Cristo. Na segunda bênção, o Espírito, que estava com, passa a ficar "em". No salvo completo, com os dois batismos, Cristo e o Espírito, antes "separados", ajuntam-se e, reunificados, habitam o interior "limpo", imaculado, do auto-santificado. Chega-se ao máximo!

Sendo a glossolalia o "sinal" da segunda bênção, os carismáticos procuram-na ávida e impacientemente, numa sofreguidão que chega, em muitos casos, às fronteiras do fanatismo insano, pois leva o membro da Igreja a uma insatisfação injustificável com Jesus Cristo, que julga insuficiente e incompetente com seu ministério incompleto e imperfeito da redenção.

A doutrina das duas bênções é uma junção contrastante de Calvinismo, presente na primeira bênção, e arminianismo, fortemente encontrado na segunda bênção, uma conquista do salvo por sua fé pessoal, boas obras, méritos santificantes, vitória sobre o pecado e consagração ilimitada. Enquanto a graça opera eficazmente na primeira bênção, na segunda ela, presente no regenerado por ação exclusiva do Salvador, "coopera" com o crente na sua santificação e crescimento por esforço próprio.

A evidência externa da redenção é o batismo com água. O sinal visível da santificação, tendo por consequência o batismo com o Espírito Santo, é o "dom de línguas". Este símbolo, porém, não é geral, nem consistente, nem permanente para significar a dádiva do Espírito, um carisma da Igreja, privilégio de todos os regenerados, membros do corpo de Cristo.

Paulo diz, e não há como contestá-lo, que Jesus Cristo é o cabeça da Igreja, organismo composto de membros, os filhos do pacto reconciliados com o Pai mediante o Filho (Ef 5.23 cf I Co 12.12-17). Por outro lado, os sinóticos registram que o Espírito desceu sobre o Messias por ocasião do batismo (Mc 1.9-11). Como cabeça da Igreja e tendo o Paráclito nele e com ele, conclui-se que o Espírito está em todos os membros ligados ao corpo que, por sua vez, vincula-se à Cabeça, dela depende e por ela se dirige. A Igreja, pois, se fundamenta em Cristo com o qual o Espírito se consensualiza, consubstancia-se. Não há possibilidade de se ter Cristo por Cabeça sem o Espírito, que também é o Espírito de Cristo. O Filho do Homem, Rei dos céus e da terra, Senhor da Igreja, tem e dá todo poder (Mt 28.18-20). Quem está no "Todo Poderoso" torna-se incosequente ao "buscar poder", a não ser que se enfraqueça a Segunda Pessoa da Trindade em relação à Terceira, estabelecendo o triteísmo.

DISCERNIMENTO DE ESPÍRITO (I Co 12.10)

Na origem pré-cristã da glossolalia e na sua recorrência pós-nascimento do cristianismo, sua vinculação com os cultos pagãos e idolátricos é inegável. Praticam-na, além do protestantismo carismático hodierno, os espiritualistas teosóficos, os católicos pentecostais e os umbandistas. Em decorrência de sua generalidade, as profecias que dela emergem podem ser falsas e anticristãs. Eis porque a Igreja precisa de um grau seguro de certeza sobre a autenticidade espiritual de sua procedência, se vem do Espírito Santo ou de espíritos enganadores.

Crítérios bíblicos de julgamento.

a- Testemunho do glossolálico (Mt 7.15-23): Quem, na vida diária, não demonstra submissão ao Salvador, fidelidade às Escrituras, humildade cristã, santidade na conduta diária e amor ao próximo não pode ser templo do Espírito Santo. A glossolalia de tal indivíduo, se existir, não procede, certamente, de Deus. "Toda a árvore boa produz bons frutos; porém, a árvore má produz frutos maus" (Mt 7.17). Entra no céu o regenerado, não o religioso verbalmente fanático, mas ímpio no seu interior (Mt 17.21). Salvos são aqueles que fazem a vontade de Deus, não os que professam uma religião com pretensões de controlar a divindade, "domesticá-la" a favor de interesses pessoais. Não nos esqueçamos que o Deus dos cristãos, conforme no-lo revelam as Escrituras, é absoluto em sua soberania, onipotência, onisciência e imutabilidade. O homem vive sob a determinação da Trindade; o contrário não acontece.

O testemunho do "batizado com o Espírito Santo" é a manifestação irrepreensível de uma vida nova em Cristo a serviço do bem, da paz, da honra, da dignidade, da verdade, da justiça, da bondade, da fidelidade e do amor, além da pregação incansável do Evangelho pela palavra e pelos atos eticamente controlados pelo Espírito. Estas coisas os réprobos não fazem, mas são capazes, inclusive usurpando o nome de Cristo, de exorcizarem demônios, curarem enfermos, profetizarem (por meios glossolálicos ou não) e de operarem prodígios. Tais "sinais do além" iludem os ingênuos, levando milhares de crédulos a seguirem líderes "poderosos", que portam na mão a bandeira de Cristo, mas não o têm no coração, não o revelam pelo testemunho.

b- Cristocentricidade: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus" (I Jo 4.1,2) O texto, com certeza, visa a seita ebionita, negadora da preexistência do Verbo, e os docetistas que, por influência da filosofia grega, não admitiam a autêntica humanidade de Cristo. No entendimento helênico daqueles dias, divindade e humanidade eram incompatíveis entre si e mutuamente excludentes. Deus não podia incorporar em sua natureza o que não lhe pertence de fato, o que é natural do ser humano como, por exemplo, mortalidade, carências, fraquezas, limitações, desejos. Por isso, estas coisas, evidentes em Jesus Cristo, tornam-se fantasias, meras ilusões. A humanidade de Cristo, portanto, conforme o docetismo, não foi real por impossibilidade racional de acontecer.

A nós, livres de preconceitos filosóficos e místicos, o texto nos mostra a encarnação do Filho de Deus na realidade histórica de sua dupla natureza, a divina e a humana, sem qualquer contradição. E mais, indica a cristocentricidade de nossa fé, de nossa esperança, de nosso amor e de nosso conhecimento do Espírito de Deus por discernimento espiritual. O Deus dos cristãos não é resultado de perquirições axiológicas ou de conquistas místicas, mas lhe veio por revelação do Espírito. Esta revelação, privilégio do eleito regenerado, capacita-o a conhecer e a identificar o Salvador como a ovelha conhece e identifica o seu pastor no meio de outros e falsos pastores.

Qualquer cristologia que ultrapasse a contida nas Escrituras é herética, como herético, o cristianismo dela procedente. O grupo glossolálico, e muitos fazem isto, que acredita em

forças mânticas ou em objetos impregnados do "poder do Espírito", ícones capazes, segundo a credence de muitos, de operarem prodígios e milagres, transferindo para a criatura o poder do Criador, nega a palavra de Deus, corrompe a cristocentricidade da fé, idolatriza a adoração. O espírito que procede desta maneira não pode ser de Deus. Estão mudando os primados da fé evangélica reformada do "solus Christus", Deus encarnado, dono de todo o poder nos céus e na terra, para um Cristo panteísta, que se transubstancia em "coisas bentas" como "Rosa de Sarom". "farinha da bênção", "azeite bento" e outros "mantis". O Espírito Santo das Escrituras, Terceira Pessoa trinitária, presta-se a tais magias da "nova era"? Seguramente, não.

Os cristãos calvinistas, ao longo da história, mostraram-se crentes fiéis, éticos, morais, transformadores de culturas, pessoas cristocêntricas e bibliocêntricas, firmes na fé, exemplos no testemunho, na dedicação, no serviço, na submissão ao Deus soberano. O mesmo não se pode dizer dos glossolálicos, caracterizados pela transitoriedade e pela fragilidade doutrinária, mormente no que concerne à teologia bíblica contextual.

GLOSSOLALIA E PROFECIA

O lugar da profecia na hierarquia dos dons.

"Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis". "Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em línguas, salvo se as interpretar para que a Igreja receba edificação (I Co 14.1,5). Paulo aqui não reconhece "profecia em línguas", pois são carismas diferentes e dados a diferentes pessoas. Também deixa claro que não há "uma língua" de anjos, pois admite a pluralidade de línguas bem como a necessidade de intérpretes.

Na relação de dons ministeriais de I Co 12.28, a profecia ocupa o segundo lugar, imediatamente depois do ministério apostólico: "A uns estabeleceu Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro lugar, mestres". A hierarquia ministerial completa-se com os três carismas mencionados, bases sobre as quais a comunidade se fundamenta, estrutura-se e se desenvolve, pois o cristianismo é, prioritariamente, apostólico, querigmático e didático. Estes são elementos componentes essenciais, em conjunto, do organismo eclesial. Sem eles a Igreja não existiria, não se expressaria. Seguem-se-lhes os carismas místicos, caritativos e administrativos: Depois, operadores de milagres, dons de curar(não incluído nos milagres), socorros, governos, variedades de línguas (gêns glossôn). O carisma da língua está em último lugar na enumeração geral dos dons secundários, após o advérbio, "depois"(épeita). A expressão grega "géne glossôn" significa: Variedade de línguas existentes; línguas diversas; línguas de vários povos; existência de vários idiomas". " Gene" vem de "geros", geração, descendência, raça, indivíduo natural de uma nação, qualidade, variedade. As duas últimas conotações ligam-se à nacionalidade ou às virtudes de cidadania. Não há nas aludidas palavras gregas a idéia de "língua estranha" ou "língua de anjo".

O dom da profecia aparece em todas as relações de carismas (I Co 12. 28-30; Ef 4.11,12; Rm 12. 6-8), mas o de línguas, além de ficar em posição subalterna na hierarquia carismática (I Co 12.28) , é omitido nas demais citações. Isto mostra a importância da profecia na e para a formação e crescimento da Igreja, deixando claro, por outro lado, a inferioridade e a dispensabilidade da glossolalia.

O profeta e o glossolálico.

O profeta não é um adivinho (mantis), mas um anunciador da palavra de Deus. Como a revelação, procedendo do Eterno, não se cronometra, não se limita às dimensões temporais de pretérito, presente e futuro, a mensagem profética pode conter, não essencial e

obrigatoriamente, premonições e vaticínios. Deus, por diversos meios, segundo seu querer, coloca sua palavra na mente, na consciência, no coração e na boca do profeta. "O papel do profeta cristão é, iluminado e inspirado pelo Espírito Santo, apreender as verdades escriturísticas e comunicá-las à comunidade eclesial para que seja por esta incorporada, vivenciada e transmitida aos não regenerados". O Verbo, na vida dos salvos, revela-se em atos testemunhais.

Paulo, em todo o capítulo quatorze da Primeira Carta aos Coríntios, procura demonstrar a superioridade da profecia sobre a glossolalia. A Igreja se nutre da pregação profética e da ministração da Palavra de Deus didaticamente. A Bíblia é o resultado e a fonte da profecia. Não há nela um único versículo glossolálico (Consultar "Cristologia", págs 84,85, do autor).

Não se deve confundir o profeta, revelador da palavra de Deus, comunicador, em estado consciente, da mensagem divina de valor permanente e extensão universal, com o adivinho (mantis) cujas premonições limitam-se a consulentes ou a augúrios restritos a determinados fatos e acontecimentos localizados e individualizados. "O profeta deve ser claramente distinguido do vaticinador (mantis). Reconhece-se que os dois títulos podem pertencer a uma só pessoa; referem-se, no entanto, a funções bem diferentes. Se é correto, pela etimologia, dizer que "mantis" deriva de "mainomai", enfurecer-se, estar fora de sentidos, estar em estado de êxtase, talvez sugira que o vaticinador é originalmente aquele que faz uma proclamação a partir de um estado de êxtase, ou enquanto está assim. O profeta, do outro lado, fala com sua razão" (C.Brwn. Dic. Internacional de Tel. do N.Test. Vol. III, pág. 760).

As premonições glossolálicas, veiculadas pelos "intérpretes", nem sempre confiáveis, desapareceram, se é que existiram, por falta de conteúdo revelador de consequências e valores permanentes. O profeta fala da parte de Deus para o mundo; o glossolálico, quando o faz, dirige-se a pessoas em espaço e tempo limitados. O profeta pode ser julgado; o glossolálico, não, a não ser por seu intérprete. A profecia é um dom superior e edificante; a glossolalia é um dom inferior de caráter devocional, pessoal. A profecia não sofreu solução de continuidade; a glossolalia neotestamentária desapareceu.

O fato de o Novo Testamento não possuir nenhum ensino, por menor que seja, procedente de interpretação de mensagem glossolálica, evidencia-nos, sem contestação, que o Espírito Santo não se utilizou do "dom de línguas" para falar à Igreja da posteridade. E quem não falou ontem, na origem da nossa fé, fala hoje? Não, contundentemente, não. O cânon está encerrado; e não pode haver nova revelação, acréscimos às Escrituras. Eis porque o Espírito não profetiza mais, isto é, não gera novas profecias, mas interpreta a Bíblia para os pecadores. E isto tem feito eficientemente, não há negar.

PROFECIA E ADIVINHAÇÃO

O profeta bíblico, proclamador de um oráculo divino ou de uma revelação, não se confundia com um prognosticador (mantis), um vidente capaz de "ler" as mentes e, a partir daí, prognosticar o futuro por inferências probatórias. O adivinho adicionava ao prognóstico, quase sistematicamente, uma imprecação. Exemplo: Glauco, um espartano, perguntou à pitonisa de Delfos: "Um peregrino depositou em minhas mãos enorme soma em dinheiro, e seguiu viagem. Se perjurar, posso apropriar-me de tal soma? Resposta da pítia: "Pode perjurar, fará isso somente uma vez. A maldição há de segui-lo para cobrar-lhe o perjúrio". No caso, a imprecação predominou. A pítia consultada, para vaticinar, prevendo bênção ou maldição, inebriava-se com um gás alucinógeno que emergia do interior de uma rocha por uma fenda sobre a qual se assentava, sem as roupas íntimas. As pitiáticas premonições eram feitas por fala extática, interpretada pelo sacerdote do deus Apolo. O "mantis" adivinhava, utilizando produtos narcotizantes, como a folha do louro, ou por objetos mânticos: Amuleto, talismã, fetiche, ou com produtos da natureza que julgava impregnados de "mancia" como: Pedra, plantas, astros,

animais, água, fogo, figuras mitológicas ligadas à natureza, partes do corpo humano como mão, pé, cabeça. Também havia a difundida prática de consulta aos mortos, necromancia.

As Escrituras Sagradas fazem distinção claríssima entre profecia, proclamação da palavra de Deus, conhecida ou inédita, e adivinhação (encantamento ou augúrio), prática condenada (Lv 19.26; Dt 18.9-14 cf Ez 13. 6,7; Mq 3.6,7,11). A Bíblia nos mostra muitos modelos mânticos pelos quais os panteístas julgavam fazer premonições, pronunciando bênçãos ou maldições por meio de verbalizações ou signos divinatórios. Eis alguns: *Rabdomancia* (Ez 21.21): Consistia em flechas atiradas ao ar. A sorte se lia pela posição em que caíam. O processo rabdomântico servia para "descobrir" fontes subterrâneas de água potável ou objetos perdidos. *Hepatomancia* (Ez 21.21): Adivinhação pelo fígado de animais sacrificados aos deuses. *Necromancia* (Dt 18.10-12; Lv 19.31; 20.6; Is 8.19,20; I Cr 10.13): Invocação de mortos para consultas divinatórias. *Astromancia* (Is 47.13; Jr 10.2): Consulta aos astros ou deuses celestes que, segundo a mitologia, governam as vidas humanas pelos seus signos. É a mais difundida idolatria de nossos tempos. *Hidromancia*: Adivinhação pela água (Gn 44.5). Havia também adivinhação por lançamento de sorte por meio de Urim e Tumim (Ex 28.30; Lv 8.8), prática admitida e aceita em Israel.

A profecia mântica dependia muito da credulidade do consulente e da credibilidade "espiritual" do mago. O crédulo, ao ser consulente, já estava submetido ao vidente transvestido de sacerdote de seu deus ou de sua "entidade" do além. A vestimenta "evocativa" e o ritualismo místico impressionavam-no fortemente e lhe desarmavam o mecanismo psicológico de censura, permitindo que seu subconsciente "ditasse" seu passado, captado pelo mago por meio telepático. Crendo que sua vida foi "adivinhada", o submisso "paciente" dispunha-se a aceitar passivamente quaisquer previsões, premonições ou imprecações a seu respeito e a "receber" tanto as possíveis bênçãos como as maldições previstas para o futuro.

O mago podia ser um embusteiro, mas freqüentemente era "sincero", deixando-se envolver pelo clima místico do panteísmo circundante. Não raro o mago acreditava no que fazia. No estado de desarmamento mental e psicológico, tanto a fala do mago como a do consulente podiam descontrolar-se, inarticular-se, produzindo a glossolalia. O clima místico e emocional favoreciam o surgimento do fenômeno (Ver Is 8.19).

Na profecia proclamatória não havia submissão das pessoas quer a adivinhos quer a amuletos divinatórios. Deus, soberanamente, falava por meio do profeta sem tirá-lo de seu auto-domínio, sem eliminar a sua razão. A mensagem profética, no entanto, lhe vinha sem aviso prévio, causando-lhe irresistível impulsão para proclamá-la, muitas vezes com dano próprio, outras, contra a vontade do proclamador. Jeremias, o grande profeta, cansado de anunciar vaticínios contra o seu povo, provocando ódios mortais, exclamou: "Maldito o dia em nasci; não seja bendito o dia em que me deu à luz minha mãe (Jr 20.14). O Espírito Santo inspirou os homens santos a falarem da parte de Deus sem eliminar-lhes a razão, alterar-lhes o controle emocional, bloquear-lhes a atividade mental com sua capacidade crítica. O Espírito nas Escrituras falou pela língua inteligível dos profetas, não por glossolalia. Deus não permitiu o registro de qualquer profecia de origem glossolálica nos textos revelacionais. Isto mostra a irrelevância e até a inutilidade, na revelação, de "línguas estranhas".

Profetas mânticos modernos.

Muitos profetas, de dentro e de fora dos arraiais evangélicos, são verdadeiros "mantis", "trabalhando" com objetos mânticos supostamente "energizados" pelo Espírito Santo. Comum se tornou a prática de televangelistas mandarem seus telecrentes colocar copos de água sobre o televisor para o poder de sua oração impregnar a água que, tomada, cura enfermidades, espanta os males, "abre o corpo", exorcisa os demônios. Tal procedimento não passa de hidromancia. Outros "mantis" icônicos são utilizados; Óleo mântico (bento= mântico); sal mântico; objetos pessoais mânticos. Os "fetiches evangélicos" são acompanhados e fortalecidos por dinâmicas

teosóficas e espiritualistas da "nova era": "Sopro do poder" ou do Espírito; "regressões"; traslado de alma .No caminho do carismatismo moderno o cristianismo bíblico perverte-se, corrompe-se. A autoridade de adivinhos mânticos sobrepuja a dos profetas e a dos apóstolos escriturísticos.

GLOSSOLALIA NO CULTO PÚBLICO

Sobe a utilização da "língua estranha" no culto público o inolvidável Calvino deixou-nos o que se transcreve:

" Nota-se também claramente que as orações públicas não devem ser feitas em grego entre os latinos nem em latim entre os franceses, espanhóis e ingleses, como se faz há muito tempo; mas devem ser feitas na língua original de cada país onde se realiza o culto para que todos possam entender, pois são para a edificação de toda Igreja, que nenhum benefício recebe, quando ouve o som de palavras que não entende. Os que não levam em consideração a caridade e a humanidade, deveriam, pelo menos, comoverem-se, no mínimo, com a autoridade de Paulo, cujas palavras são muito claras: "Se bendisseres", disse, "somente com o espírito, como o indouto, ouvinte simples, dirá o amém à tua ação de graças?; pois não entende o que dizes. Porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado" (I Co 14.16). Quem, pois, estranhará os desregramentos (litúrgicos) dos papistas que, abertamente contra a proibição do apóstolo, não temem cantar em língua estranha o que nem sequer eles mesmos, muitas vezes, entendem? Distinta, porém, é a ordem que o apóstolo nos manda seguir ao dizer:" Que farei, pois? Orarei com a voz, mas orarei também como o entendimento" (I Co 14. 15). Neste texto o apóstolo usa o termo "espírito", que traduzimos por "voz", pelo qual ele entende ser o singular dom de línguas do qual muitos, por vanglória, abusavam, separando-o do entendimento.

O ardor do coração é que deve mover a língua.

Concluimos, pois, ser impossível, tanto na oração pública como na privada, que língua sem coração não desagrade a Deus. E mais, que o coração estimula-se com fervor muito além do que a língua pode exprimir. Finalmente, que na oração particular a língua não é necessária, pois o entendimento é suficiente para elevar-se por si mesmo, a não ser que a veemência da elevação force a língua a articular-se. Muitas vezes as melhores orações são feitas sem palavras; outras vezes, quando o afeto do coração se amplia, a língua se solta, e os demais membros também; e isto sem qualquer pretensão, mas espontaneamente. Daí resultar aquele movimento de lábios (I Sm 1.13) observado em Ana, a mãe de Samuel, quando orava; e que os fiéis também experimentam, deixando escapar, impessoalmente, algumas palavras e suspiros" (Calvino. Trad. de "Institución de la Religión Cristiana"; Cipriano de Valera, 1967).

ORAÇÃO PÚBLICA E PARTICULAR

Como Paulo, Calvino não admite o uso de "línguas estranhas" no culto público, pois a finalidade da liturgia comunitária é a edificação, e uma fala ininteligível a ninguém edifica, a não ser à pessoa que ora, se o faz com sinceridade de coração. O mestre genebrino compara a "língua estranha" ao latim da missa para pessoas indotas e ouvintes estrangeiros, onde o latim era desconhecido. E vai além; diz ser desobediência à ordenação paulina o costume de se utilizar a glossolalia em reuniões públicas. Calvino certamente coraria de pejo se visse dentro da Igreja Reformada, como a de hoje, a glossolalia duvidosa, com interpretações igualmente duvidosas, pois com símiles no catolicismo carismático e no espiritismo, sendo elevada à categoria de sublimação da piedade e idealização da vida santificada. O romanismo abandonou

o latim, mas "pegou" a glossolalia. O erro condenado por Calvino continua, e mais profuso, mais difuso, mais confuso.

O reformador, nosso mestre, admite, não fala inarticulada, mas "palavras inconscientes e suspiros" em orações particulares, reservadas, privativas, como a de Ana, mãe de Samuel (I Sm 1.13) . Sem inteligibilidade, não se faz oração comunitária, mas prece mística irracional pode ser feita na comunhão íntima do fiel com o seu Senhor, sem pretensões, sem exibições, sem divulgações.

SÍNTESE CONCLUSIVA

O Espírito Santo revelou-nos as Escrituras sem a utilização da *glossolalia*.

Os profetas bíblicos revelaram a vontade de Deus em língua inteligível, *iadispensando a glossolalia*.

Deus, para ser claro aos homens, enviou-lhes sua palavra encarnada, o Verbo, Jesus Cristo; revelação plena sem *glossolalia*.

Os apóstolos, fundamentos teológicos da Igreja e testemunhas diretas de Jesus Cristo, não falaram em "línguas estranhas"; evitaram a *glossolalia*.

Os reformadores não foram glossolálicos, não se comunicaram ao mundo pela *glossalalia*.

A Igreja Presbiteriana entrou no Brasil e nele se espalhou sem *glossolalia*.

O Espírito nas Escrituras, os profetas, Jesus Cristo, os apóstolos, os reformadores e nossos pais deixam-nos a lição: Não precisamos de glossolalia.

APÊNDICE II

O ESPÍRITO SANTO NA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

INTRODUÇÃO

Os teólogos da Confissão de Fé de Westminster foram coerentes, ao tratarem da doutrina do Espírito Santo, com a afirmação confessional histórica de que a Terceira Pessoa da Trindade eternamente procede da Primeira e da Segunda, sendo Ministro de ambas, embora consubstancial e consensual com o Pai e o Filho. A Confissão, pois, fala do Espírito, não separadamente, mas em conexão com as outras pessoas trinitárias. A vinculação da obra do Espírito à do Pai e à do Filho, sempre em termos de procedência e dependência, é tão íntima que os doutrinadores americanos reformistas, em 1903, entenderam que a Confissão de Fé de Westminster era omissa quanto ao Paráclito, adicionando ao texto original uma declaração repetitiva desnecessária(1). E o pouco que acrescentou foi com tendência, bem ao gosto do pneumatismo, de tratar o Espírito Santo de maneira autônoma, enviado do Pai como verdadeiro “sucessor” do Filho; o que pressupõe a obra divina em três estágios distintos, separados e independentes: o do Pai, o do Filho e o do Espírito Santo. A Confissão de Fé de Westminster, porém, vê as ações criadoras, regeneradoras, preservadoras e redentoras de Deus como atividades integradas da Trindade, tudo conforme estabelecido no seu decreto eterno. Eis porque, nela e na Bíblia, o Paráclito é chamado de: Espírito de Deus, Espírito de Cristo, Espírito Santo, sem qualquer diferenciação. A Igreja deve submissão e adoração ao Deus trino. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são adorados na Trindade, unidade consubstancial das três pessoas, e não em “devoção especial e específica” a cada divindade trina. O culto a Deus, porém, é mediado por Jesus Cristo em cujo nome devemos orar, por ser ele o único Mediador entre nós e o Pai, além de nosso Sumo Sacerdote. A prece, mediata por Cristo, é produzida em nós pelo Espírito Santo.

O item primeiro do capítulo XXXIV do “acréscimo americano” pode induzir o crente leigo a uma adoração isolada e separada do Espírito Santo; indução que o texto original de Westminster não faz. Ei-lo: *“O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade, procedente do Pai e do Filho, da mesma substância e igual em poder e glória, e deve-se crer nele, amá-lo, obedecê-lo e adorá-lo, juntamente com o Pai e o Filho, por todos os séculos”*. A ordenança do “remendo” confessional: *“deve-se crer nele, amá-lo, obedecê-lo e adorá-lo, juntamente com o Pai e o Filho, por todos os séculos”*, abre caminho ao pneumocentrismo em detrimento do cristocentrismo. Tal proposição de fé, descontextualizada do documento original, pode justificar perante o corpo laico da Igreja não somente a ênfase exagerada e bíblicamente insustentável da “devoção” ao Espírito como um Deus separado da ordem trina e independente, mais “presente” no culto invocativo que o Pai e o Filho, mas também tornar confessionalmente defensável a heresia da “Segunda bênção”, aquela que sustenta a existência de “meio crente” ou servo de “segunda classe”, pelo “decepcionante e frustrante” fato de possuir “somente” Cristo, e “crente completo”, aquele “abençoado” de “primeira classe”, privilegiado porque, além de Cristo, conseguiu “o melhor”, o Espírito Santo, pelo batismo espiritual, não antes de muito esforço místico, consagração, sacrifício e busca. Na prática, tem-se isolado o Espírito, desligando-o da Trindade, para dedicar-se a ele, como se independente fosse, adoração pneumolátrica, tratando-o mais como “substituto de Cristo” que seu missionário enviado, mestre da Palavra de Deus e

guia dos súditos do Rei. A Confissão de Fé de Westminster evita o centralismo pneumático na doutrina e na liturgia, pois considera o Espírito Santo sempre em termos de procedência, mas da mesma substância do Pai e do Filho, igual a eles em poder e glória. O “pneumocentrismo” hoje é uma realidade, e em sua defesa teológica tem-se invocado o “acréscimo” da antiga Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos.

Outra declaração confessional da referida Igreja, adicionada à Confissão de Westminster, que nos preocupa e merece esclarecimento é a seguinte: “*É ele o Senhor e doador da vida, presente em toda parte na natureza*”(XXXIV, II). Tal adendo nos parece exagerado, despropositado e com cheiro de panteísmo. Analisemo-lo : a- O “Senhor e doador da vida” é Cristo: “ *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”. “*E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Filho. Aquele que tem o Filho, tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus, não tem a vida*”(Jo 10. 10b e I Jo 5. 11, 12 cf Jo 3. 15, 36; Jo 6. 27, 33, 35, 40, 47, 48; Jo 11. 25; At 3. 15; Rm 2. 7; Cl 3. 4; I Tm 1. 10). O Espírito é o Revelador, Rabino nosso, Missionário de Cristo. Ele revela o Salvador pela iluminação da Palavra; abre a mente e o coração do revelado para compreender e aceitar o Messias; conduz o pecador, como pedagogo, a Cristo Jesus; atua, na qualidade de pessoa trinitária e na unidade trina, na regeneração dos eleitos chamados e recebidos por Cristo. Ele é, portanto, o comunicador da vida doada por Cristo. b- “*Presente na natureza*”? Como pessoa integrada na trindade, ele é onipresente. Não se confundirá, porém, “onipresença no mundo” com “*presença na natureza*”. O Espírito Santo não é o “espírito das coisas naturais”, contido ou infuso em tudo, e muito menos um “fluido” “presente em toda parte na natureza”.

Também não achamos prudente a separação de um clero “ungido com o Espírito” dos “demais” membros da Igreja(XXXIV, IV), pois a reforma sustenta a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes. Um “clero unguido” na comunidade laica, embora cheio de dons carismáticos, representa um episcopalismo, tipo romano, incompatível com a eclesiologia reformada. Concordamos com a afirmação de que o Espírito Santo concede “vários dons” aos membros da Igreja, incluindo o de línguas; mas a prática do aludido carisma no culto público não pode ser autorizada por um mero “acréscimo confessional” contra o procedimento geral da Igreja Presbiteriana histórica. A glossolalia, como diz Paulo, não edifica a Igreja. A tradição presbiteriana favorece a exclusão de “língua estranha” de sua praxe litúrgica, O pentecostismo a tem como “o dom” característico do “Batismo com o Espírito Santo” e, portanto, estimula sua “busca” e “conquista. Paulo ensina, no entanto, que os carismas do Espírito são individuais, não gerais, com exceção da fé salvadora, da esperança e do amor(ver I Co 12 e I Co 13).

Sobre a doutrina do Espírito Santo, pois, o texto original da Confissão de Fé de Westminster é suficiente para os presbiterianos reformados, o que demonstraremos, creio, com bastante clareza. Somos trinitários, não triteístas; cristocêntricos, não pneumocêntricos, como aqueles que isolam o Espírito e individualizam a sua obra na Igreja de Jesus Cristo, este sim: Cabeça, Salvador e Rei.

A Confissão de Fé de Westminster não possui um “tratado” independente sobre o Espírito Santo, mas expõe uma doutrina pneumatológica indiscutivelmente harmonizada com o pensamento calvinista da soberania do Deus trinitário, com a interdependência das três pessoas absolutamente consensuais e consubstanciais, coiguais e cooperantes. Desta maneira, ela nos mostra o Espírito Santo em todas as atividades de Deus: na criação, na eleição, no governo, na redenção em Cristo Jesus e na consumação. O cuidado da Confissão é não tricotomizar a Trindade, abrindo portas ao triteísmo e, especialmente, ao pneumatismo.

Um estudo, mesmo superficial, da Confissão de Fé de Westminster demonstrará o equívoco da tese, há tanto tempo e por tantos sustentada, de que ela é omissa sobre a doutrina do Espírito Santo. O sintetismo próprio de um documento confessional, como é o caso, não lhe permite pormenorizar a pneumatologia, mas o fundamentalmente necessário foi expresso. A concisão não lhe compromete a precisão, especialmente no essencial. Ela demonstra que a Terceira Pessoa da Trindade, como eternamente procedente da Primeira e da Segunda, e por ambos enviada à Igreja, só pode ser vista à luz da obra do Pai e do Filho, especialmente no que se refere à revelação, à redenção, à regeneração e à santificação. Examinem comigo o realce que a CFW(assim, e daqui para frente, referida) confere ao Espírito Santo.

O ESPÍRITO NA CONFISSÃO DE WESTMINSTER

01- PROCEDÊNCIA DO ESPÍRITO:

“Na unidade da divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade: Deus, o Pai; Deus, o Filho; e Deus, o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém, não é nem gerado nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o(2) Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho”(CFW,II, 3).

Referências: Jo 15. 26; Rm 8. 9; Gl 4. 6 cf Jo Mt 3. 16, 17; II Co 13. 14; Jo 1. 14, 18; Jo 15. 26.

A doutrina da processão do Espírito, também chamada de espiração, vincula-o ao Pai e ao Filho. A substância, a essência e a natureza da Terceira Pessoa procedem eternamente do Pai e do Filho de tal modo que se pode afirmar confessionalmente que o Pai e o Filho são originalmente consubstanciais desde toda a eternidade, e que a consubstancialidade do Espírito é eternamente procedente de ambos. A afirmação de que o Pai e o Filho são consubstanciais é diferente da que sustenta que o Espírito é consubstancial com o Pai e o Filho, pois se trata de consubstancialidade procedente, segundo a CFW e os credos históricos da Igreja. O Pai e o Filho, portanto, são a base da substância pessoal do Espírito, estabelecendo a conseqüente igualdade trinitária. O Espírito iguala-se ao Pai e ao Filho por processão eterna. Ele é a Terceira pessoa da Trindade porque procede tanto do Pai como do Filho(filioque); e na qualidade de procedente é enviado tanto do Pai como do Filho.

A doutrina da processão do Espírito norteia todos os postulados da pneumatologia reformada expressa na CFW. Eis porque nela não se encontra um capítulo especial sobre o Paráclito, à parte da teologia e da cristologia.

02- O ESPÍRITO, CO-AGENTE DA CRIAÇÃO:

“Ao princípio aprouve a Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para manifestação da glória do seu poder e sabedoria, criar ou fazer do nada, no espaço de seis dias, e tudo muito bem, o mundo e tudo o que nele há, visíveis e invisíveis”(CFW, IV, 1).

Todas as coisas foram criadas pelo Pai por intermédio do Filho(Jo 1. 3; Cl 1. 15- 17) com a participação óbvia do Espírito Santo, integrado na unidade essencial da divindade e eternamente engajado na obra trinitária da criação, do governo, da preservação e da redenção. O Espírito Santo, no nosso entendimento, pode ser personalizado, mas não individualizado. Como procedente da Primeira e da Segunda pessoas da divindade, o Espírito completa a unidade trina e, pela mesma razão, cremos,

complementa a obra do Pai e do Filho, especialmente em se tratando do homem em geral e do eleito em particular. Ele age sobre o escolhido e nele, aplicando-lhe os benefícios da eleição e da redenção. Quando se individualiza o Espírito, separando sua obra das obras do Pai e do Filho, cria-se um misticismo incontável e fixa-se um triteísmo incompatível com o pensamento reformado. O resultado final é um pneumatismo que exalta, ressalta e prioriza o Espírito em detrimento do Pai e do Filho, como se a Primeira e a Segunda pessoas da ordem trina é que procedessem da Terceira e por ela fossem enviadas; o inverso do que nos ensina a CFW.

Na economia da criação, o Espírito exerce papel fundamental na função de mediador da vida. Lembremos que o Pai e o Filho são as eternas fontes de processão do Espírito. A vida do Espírito, pela doutrina da procedência, procede do Pai e do Filho. Assim, a vida está fundamental e essencialmente no Pai e no Filho. O Espírito a tem por procedência eterna. Na qualidade de eternamente originário do Pai e do Filho é que ele é ministro de ambos, principalmente como mediador da vida eterna conferida aos regenerados pela vicariedade de Cristo(Cf Gn 1. 3; Jó 26. 13; Sl 104. 30). A CFW ressalta o primado da processão para viabilizar uma pneumatologia firmada na unidade trina da divindade.

03- EDIFICAÇÃO DO ESPÍRITO POR MEIO DO PACTO DA LEI:

“Este pacto no tempo da lei não foi administrado como no tempo do Evangelho. Sob a lei foi administrado por promessas, sacrifícios, pela circuncisão, pelo cordeiro pascal e outros tipos e ordenanças dadas ao povo, tudo prefigurando Cristo, que havia de vir; por aquele tempo essas coisas, pela operação do Espírito Santo, foram suficientes e eficazes para instruir e edificar os eleitos na fé do Messias prometido, por quem tinham pela remissão dos pecados e a vida eterna: Essa dispensação chama-se Velho Testamento”(CFW, VII, 5).

A CFW ensina que a remissão dos pecados, no regime da lei, e a doação da vida eterna são obras do Messias prometido e esperado, mas o entendimento, a aceitação e a eficácia dos “tipos cristológicos” dependiam da “**operação do Espírito Santo**”. No Velho Testamento a palavra de Deus e o culto prefigurativo tornavam-se significativos e eficientes para salvação e edificação do fiel mediante a vitalizante atuação do Espírito Santo. A redenção, porém, ainda que por meio de símbolos, efetivava-se por intervenção redidora do Cristo da promessa. A CFW ressalta a cristocentricidade da redenção tanto na Velha como na nova dispensação. De ambas se deduz o princípio ministerial da Trindade: O Mediador do Pai é o Filho tanto nos atos como na palavra(Verbo). O Mediador do Filho é o Espírito Santo, no que se refere à compreensão do Evangelho e à aceitação do Salvador. O Pai e o Filho geram os meios de redenção; o Espírito os torna eficazes e os aplica redentoramente. Além do papel didático na veiculação dos preceitos divinos, o Espírito Santo, segundo evidências textuais do VT, qualifica os homens por meio de dons naturais para o exercício de profissões, tarefas especiais, ciências e artes(Ex 28. 3; Ex 31. 2, 3, 6; Ex 35. 35; I Sm 11. 6; I Sm 16. 13, 14). Todos os pactos são mediados e instrumentalizados pelo Espírito Santo. Ele anima, isto é, dá vida à Palavra de Deus escrita e a faz inteligível aos eleitos.

04- O ESPÍRITO, INTÉRPRETE DAS ESCRITURAS

“ O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo, falando na Escritura”(CFW, I, 10).

Ref.: Mt 22. 29, 31; At 28. 25; Gl 1. 10.

O Juiz Supremo para dirimir todas as dúvidas, resolver todas as questões de ordem doutrinária, inclusive as provenientes de decretos conciliares, é o Espírito Santo falando na Escritura. Isto significa que o instrumento do Espírito é a Escritura, e exclusivamente ela, “Sola Scriptura”. A Palavra de Deus torna-se eficiente e suficiente pelo ministério do Espírito Santo, que a imprime no coração do crente. Pela Palavra de Deus o Espírito leva-nos a Cristo e nele nos mantém, promovendo o nosso crescimento espiritual, a santificação. Foi ele, o Espírito, quem inspirou os escritores sacros, sendo, deste modo, o veículo da revelação(I Co 2. 13; II Pe 1. 21); e é ele o instrumento de formação e unificação do povo de Deus bem como seu grande Mestre, “especialista” na revelação e na comunicação dos fatos revelados(Jo 14. 26; Jo 15. 26; Jo 16. 13, 14; At 5. 32; Hb 10. 15; I Jo 2. 27). Em decorrência do ministério didático-pedagógico do Espírito, a Escritura torna-se inteligível e acessível a todas as criaturas humanas, independente do grau de cultura e do nível de racionalidade. Ninguém pode entender e aceitar a Palavra de Deus nas Escrituras senão pelo Espírito. Necessário, contudo, entendermos bem o postulado confessional: *O Espírito fala na Escritura*. Ele não a produz: isso é missão do Verbo. Seu ministério é o da interpretação; também não gera revelação: comunica o fato revelado. Quem quiser ouvir Cristo mediante o Espírito, ouça as Escrituras, a revelação completa da vontade de Deus, que pessoalmente se encarnou no Homem Jesus para manifestar-se definitivamente aos homens. Há evangélicos procurando novas revelações além das bíblicas para sua doutrinação e comportamento. Tal postura, à luz da CFW, nosso parâmetro doutrinário, é herética, pois menospreza a consumação da obra redentora de Cristo, o registro desta obra, as Escrituras, além de tricotomizar a Trindade, ressaltando e evidenciando a Terceira Pessoa, ministra da Primeira e da Segunda que, como tal, cumpre os eternos mandatos de ambas. Podemos afirmar, firmados na CFW: O Filho é o arauto do Pai; o Espírito é o arauto do Filho.

Quem dirime as dúvidas e resolve questões doutrinárias é a Escritura Sagrada interpretada pelo Espírito Santo. Qualquer postulado de fé, que não proceda da Palavra de Deus e nela não se fundamente, é nulo de fato e deve ser rejeitado pela Igreja de Cristo, mesmo procedendo de seu concílio geral. As “profecias” alheias às Escrituras, supostamente transmitidas pelo Espírito Santo, são inválidas por natureza, pois o Espírito não age à margem da revelação estabelecida na Bíblia. A Palavra de Deus é o seu instrumento de ação para instruir e edificar os salvos.

O5- OPERAÇÃO INTERNA DO ESPÍRITO SANTO:

“Persuasão(da Escritura) e certeza de sua infalível verdade e divina autoridade provêm da operação interna do Espírito Santo, que pela Palavra e com a Palavra testifica em nossos corações”.

“À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito Santo, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito Santo, para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra”(Textos retirados da CFW, I, 5 e I, 6).

O Espírito Santo opera no coração e na mente do eleito para que a Palavra de Deus, ao atingi-lo, promova a sua transformação pela conversão e exerça sobre ele o poder condutor de sua vida. A mensagem evangélica, vitalizada pelo Espírito, é como espada bigúmea, capaz de, no primeiro momento, desestruturar o pecador, reduzir o seu ego a nada, para depois reconstruí-lo em uma nova criatura. É o Espírito que fertiliza o solo individual para que a Palavra produza frutos. Sem a operação interna do Paráclito a veracidade, a autoridade, a operosidade e a eficácia das Escrituras não se efetivam na vida do regenerado, não atua sobre a racionalidade, a emotividade e o comportamento do escolhido. São, pois, o testemunho interno do Espírito Santo e sua iluminação que nos habilitam para o entendimento e a aceitação das Escrituras e para submissão a elas. Afirmar conceitos, princípios e doutrinas com base em textos isolados das Escrituras, desconsiderando e até menosprezando os demais do contexto imediato e mediato, não é procedimento resultante da operação do Espírito: ele não tem e não transmite preceitos parciais, desvinculados da revelação e alheios ao escrito sagrado. Sua visão e compreensão da vontade de Deus é perfeita e profunda. Toda Escritura é inspirada; logo, o Espírito Santo não pode selecionar algumas porções bíblicas para lhes atribuir a verdade absoluta, desqualificando o restante das Escrituras, como se um pequena parte do complexo revelado contivesse o universo total da revelação.

O regenerado torna-se templo do Espírito Santo. Habitando o servo de Cristo, ele o ilumina para receber, compreender e aceitar as Escrituras e, testemunhando em seu ser, gera em seu coração e mente os carismas essenciais: fé, esperança e amor; concede-lhe dons espirituais; guia-lhe os passos nas sendas da jornada cristã; produz nele a oração adequada, segundo a vontade de Deus; convence-o sempre de seus pecados e da justiça divina. Sem a intervenção do Espírito, as Escrituras não são convenientemente compreendidas, pois o véu permanece entre o pecador e o Libertador, como acontecia, e ainda acontece, com os judeus (II Co 3. 12- 18 cf Mc 12. 24; Jo 5. 37-47; At 8. 30, 31). A Escritura inspirada pelo Espírito somente se torna clara, inteligível e eficaz, quando por ele iluminada e transferida para o ser do crente por seu testemunho e operação internos.

A doutrina da autoridade do Espírito na interpretação, comunicação e eficácia das Escrituras surgiu em oposição à pretensão da Igreja dominante de ser a única autorizada por Deus para interpretar a revelação bíblica. Semelhante outorga de poder da parte de Deus, ensinava o romanismo, procede dos dogmas de fé: a- Os sacerdotes católicos são sucessores dos apóstolos e, portanto, credenciados intérpretes das Escrituras. b- O clérigo, pela ordenação, recebe o Espírito Santo, tornando-se representante e vigário de Cristo na terra.

Na verdade, o postulado reformado de “*somente a Escritura*” atrelava-se ao de “*somente o Espírito Santo é o legítimo intérprete da Bíblia*”, agindo por iluminação, por testemunho interna e pelo dom da fé salvadora. O catolicismo estabelece e ensina que ninguém pode entender as Escrituras e ter acesso ao sacrifício vicário e às demais bênçãos sacramentais senão por seu magistério eclesial e sua mediação sacerdotal.

É o Espírito que fala à Igreja como intérprete do Verbo e, ao mesmo tempo, concede “ouvido” a cada um de seus verdadeiros membros para ouvir a voz do Redentor por meio da leitura, do ensino e dos oráculos revelados: “*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*” (Ap 2. 7 cf Ap 2. 11; 2. 17; 2. 29; 3. 6; 3. 13; 3. 22). A capacitação de ouvir resulta da operação do Espírito em nós. Os incrédulos são incapazes de ouvir a Palavra viva, transformadora e regeneradora das Escrituras, pelo fato de não possuírem o “ouvido espiritual”, doação do Espírito, para receberem as revelações divinas.

06- O ESPÍRITO NA ENCARNAÇÃO DO VERBO:

“Concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria e da substância dela”(CFW, VIII, 2, em parte).

Observem o cuidado expresso na afirmação: *“Pelo poder do Espírito”*, evitando a interpretação absurda da “paternidade do Espírito”, pois o Filho é eternamente gerado do Pai e o Espírito é eternamente procedente do Pai e do Filho. Nem fisicamente o Filho foi gerado pelo Espírito; mesmo porque, no contexto trinitário de existência eterna, sem qualquer modificação, variação, transformação e mudança, Cristo, juntamente com o Pai, é a fonte substancial do Espírito por meio do mistério da processão. Em síntese: o Filho não procede do Espírito; este, sim, procede do Filho. Além do mais, o poder do Espírito emana do Pai e do Filho, não de si mesmo. Mateus diz que Maria “achou-se grávida pelo Espírito Santo”(Mt 1. 18), fato confirmado pelo Anjo do Senhor, em sonho, a José(Mt 1. 20). Lucas, porém, escreve: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo(grifo nosso) te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus”*(Lc 1. 35). Considerando que o Espírito Santo é também designado Espírito do Pai e Espírito do Filho(Gl 4. 6; At 16. 7; Fp 1. 19 cf Rm 8. 9- 11), foi a própria divindade trina, que Lucas chama de “poder do Altíssimo”, que se encarnou, iniciando o processo de encarnação pela fecundação no ventre da Virgem, caminho natural para a emergência de todos os seres humanos. Não é demais lembrar que Cristo “envia o Espírito”(João 15. 26; Jo 16. 7). Nesta linha de raciocínio, podemos dizer, sem medo de cometer heresia, que a perícope: *“Gerado do Espírito Santo”* pode ser substituída por frases sinônimas como: *“Gerado pelo Espírito de Deus”* ou *“gerado pelo Espírito de Cristo”*. Prudentes foram os teólogos de Westminster, não transformando o Espírito em “pai de Cristo”. A doutrina da processão evita falsos conceitos e falsas conclusões. Cristo não “dependeu” do Espírito para encarnar-se, como também não “dependeu” da Virgem Maria; ela foi o instrumento da encarnação, não a origem. Cristo é eternamente Filho de Deus, mas não eternamente Filho de Maria.

07- O ESPÍRITO NA UNÇÃO E SANTIFICAÇÃO DE CRISTO:

“O Senhor Jesus, em sua natureza humana unida à divina, foi santificado e sem medida ungido com o Espírito Santo, tendo em si todos os tesouros de sabedoria e ciência”(CFW, VIII, 3).

Na humanização, o Filho não se isolou do Pai e do Espírito; isto é, a encarnação não dissolveu a unidade trina: *“Aprove ao Pai que nele habitasse toda a plenitude”,* pois *“ele é a imagem do Deus invisível”*(Cl 1. 19, cf 1.15). E o próprio Cristo disse: *“Quem me vê, vê o Pai”. “Eu estou no Pai e o Pai está em mim”*(Jo 14. 9, 10). O Espírito está tanto no Pai como no Filho, nos quais existe e dos quais procede. O Espírito santificador vincula-se ao Cristo Redentor, que assumiu o homem protótipo da nova humanidade recriada nele, e também desceu sobre a Igreja no Pentecostes, e nela permanece, para vitalizá-la, ungi-la, santificá-la e potencializá-la como testemunha e missionária do Messias. Cristo, em si mesmo, não precisava de “santificação” como não necessitava do “batismo de arrependimento” do Batista, mas, como Segundo Adão, pessoa corporativa, representativa e substituta, incorporava e representava todos os eleitos por ele salvos antes e depois de sua encarnação. Exatamente assim entende CFW

ao dizer: “*Em sua natureza humana unida à divina foi santificado*”. A profundidade, a atualidade e a extensão da doutrina aqui delineada são impressionantes pelo fato de sustentar a integração das pessoas da Trindade na encarnação do Verbo. O item seguinte melhor discorrerá sobre matéria.

08- CRISTO OFERECE AO PAI, PELO ESPÍRITO, SACRIFÍCIO VICÁRIO:

“O Senhor Jesus, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo, sacrifício que, pelo Eterno Espírito, ele ofereceu a Deus uma só vez, satisfaz plenamente a justiça do Pai, e para todos aqueles que o Pai lhe deu adquiriu não só reconciliação, como também uma herança perdurável no Reino dos céus”(CFW, VIII, 5).

O Espírito estava presente no altar da cruz, mediando a oferta sacrificial vicária do Filho do Homem ao Pai celeste. No altar do templo, representado pela chama que ardia ininterruptamente, simbolizava e figurava sua presença constante nos atos sacrificiais, tipos do Cristo que a si mesmo se ofereceu a Deus pelo mundo. Como pessoa trinitária, o Espírito opera e coopera com o ser divino em todas as obras, inclusive na da redenção. O Espírito funcionou como sacerdote no ato do oferecimento de Cristo ao Pai como “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, porque “a Ovelha muda perante os seus tosquiadores”, no momento de seu abatimento como Vítima substituta, carregava o peso dos pecados de todos os pecadores eleitos pelos quais morria e os quais morriam nele. O sacrifício vicário do Filho de Deus, sob o auxílio mediatorial do Espírito, atua expiadoramente sobre todos os escolhidos. Vivem aqueles que falecem com Cristo na cruz e ressurgem para a vida eterna.

Alguns poderão dizer: O “Eterno Espírito” de que fala a CFW neste texto é o próprio “Espírito de Cristo” ou “Espírito de Deus”. E qual a diferença? Então o Espírito Santo, porventura, não é: o Espírito de Deus? O Espírito do Pai? Espírito de Cristo? o Espírito Eterno? A Primeira, a Segunda e Terceira pessoas trinas são um só Deus, que em Cristo se encarnou, viveu entre nós, morreu em nosso lugar e por nós e ressuscitou. Se a CFW entendesse que se tratava do “Espírito” de Jesus, teria grafado: “*Pelo seu espírito eterno*”, e não como está: “*Pelo Eterno Espírito*”. Cristo, na súplica final do Gólgota, diz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”(Lc 23. 46). Aqui, evidentemente, ele se refere à sua alma, ao seu alento vital, à sua vida terrena e sacrificial, que ele, como Cordeiro de Deus, oferta ao Pai em favor dos homens. O Espírito Santo, que tem o ministério de assistir-nos em nossas fraquezas(Rm 8. 26), assistiu o Filho do Homem, quando suportava o peso de nossas debilidades e, como extremamente fraco em nosso lugar, sofreu o castigo da morte, sentença lavrada contra os pecadores, não contra o Justo, o imaculado Filho de Deus. Nesse momento terrível, o mesmo Espírito que desceu sobre ele no batismo, com ele estava para que sua vida vicária não tivesse solução de continuidade, mas fosse uma oferenda em benefício da humanidade.

09- A DÁDIVA DO ESPÍRITO SANTO:

“Prometendo dar a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito para dispo-los e habilitá-los a crer”(CFW, VII, 3, parte).

Aos eleitos regenerados, beneficiários do pacto da graça, o Pai e o Filho dão o Santo Espírito. A dádiva do Espírito é um ato soberano de Deus, e teve um momento simbólico e visível de sua realização inaugural por ocasião do nascimento efetivo, objetivo e histórico da Igreja, o Pentecostes. Foi a partir da descida do Paráclito sobre a totalidade do corpo original de Cristo, seu novo Israel, mas atingindo cada membro particular, que a comunidade eclesial tornou-se firme na fé, disposta ao testemunho e dinamicamente missionária. A CFW é clara ao declarar que o Espírito é uma dádiva graciosa a *“todos os que estão ordenados para vida”*, isto é, os redimidos por Cristo. O Filho dá à Igreja, e nela a cada um de seus membros reais, o Espírito Santo; e este, habitando-a, equipa a totalidade de seus membros com carismas individuais: *“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade de interpretá-las”* (I Co 12. 7- 10).

Retenhamos bem isto: Cristo dá o Espírito Santo à sua Igreja; O Espírito Santo concede a cada um de seus membros os dons espirituais, *“visando um fim proveitoso”*. Portanto, uma coisa é o *“batismo com o Espírito”*, sinônimo de *“dádiva do Espírito”*, que o crente verdadeiro recebe por ser membro da Igreja de Cristo, e outra coisa é o *“dom espiritual”*, que o Espírito, soberanamente, dá a cada regenerado no Corpo do Cordeiro, a *“família Dei”*. Tomar um carisma isolado e individual(o dom de línguas, por exemplo) como sinal externo do *“batismo com o Espírito”* é um absurdo teológico e negação confessional, pois os carismas, quaisquer deles, são evidências indiscutíveis da dádiva do Espírito, uma graça geral, bênção da comunidade da qual Cristo é a cabeça. E o carisma, no meu entendimento, quanto mais espetacular, menos edificante. O Espírito, segundo a CFW, não é privilégio de alguns, é bênção de todos; os carismas são bênção de alguns, não privilégios, para edificação de todos. Cristo, ao dar à Igreja o Espírito Santo, a si mesmo se doa a ela para que com os seus eleitos esteja até a consumação dos séculos.

10- O ESPÍRITO DA CRENÇA E DA OBEDIÊNCIA:

“Cristo, com toda certeza e eficazmente, aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele a adquiriu. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na Palavra e pela Palavra os mistérios da salvação, persuadindo-os eficazmente pelo Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela Palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria, da maneira e pelos meios mais conformes com a sua admirável e inescrutável dispensação” (CFW, VIII, 9).

Cristo aplica a salvação ao eleitos mediante o indispensável, segundo os propósitos divinos, ministério de convencimento, esclarecimento e iluminação do Espírito santo. Somos trazidos ao Filho de Deus, cremos nele, submetemo-nos ao seu reinado, transforma-nos em militantes do seu reino e permanecemos aos seus pés por obra, em nós, do Espírito Santo, o único capaz de transformar a letra, em sim mesma neutra, das Escrituras em palavra viva, vivificante e transformadora, uma vez implantada na nossa mente pelo mesmo Espírito. Os reprovados podem ler os escritos sagrados, admirá-los e até aproveitarem, conforme as conveniências, algumas de suas máximas, mas eles não lhes transformarão a vida, pois a eficácia espiritual da Palavra de Deus depende da eleição e da atuação do Espírito, que inspira o texto e ilumina quem o

lê e o ouve; se tal leitor e ouvinte for preordenado à justificação e à redenção em Cristo Jesus. Ainda seguindo a CFW, a crença, a obediência, a fé salvadora, a regeneração e a santificação dependem da Terceira Pessoa da Trindade, pois Deus chama os eleitos pela Palavra instrumentalizada pelo Espírito(CFW, X, 1). O texto confessional seguinte é elucidativo e convincente:

“Na vocação o homem é inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo, fica habilitado a corresponder a ela e a receber a graça nela oferecida e comunicada”(CFW, X, 2).

Vivificação e renovação são obras da livre graça de Deus, conforme a CFW, não decorrendo de nenhum resultado conseqüente da vontade humana.

11- O ESPÍRITO NOS APLICA OS MÉRITOS DE CRISTO:

“Deus, deste toda eternidade, decretou justificar todos os eleitos, e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles; contudo, eles não são justificados enquanto o Espírito Santo, no tempo próprio, não lhes aplica de fato os méritos de Cristo”(CFW, XI, 6).

Nossa justificação estava preordenada pelo Pai para realizar-se no Filho e ser aplicada em nós pelo Espírito Santo; isso tudo conforme o beneplácito do Redentor e no “tempo oportuno”. O fato redentor, e quando ele se efetivará na pessoa de cada eleito, são da inteira economia de Deus. Não há salvação e não existe salvo sem a operação Trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus envia o Filho, preordenado para vencer o pecado, cumprir o pacto e salvar os eleitos. O Filho, realizada a obra redentora, envia o Espírito para infundir nos escolhidos vocacionados os mistérios da graça e as conquistas do Eleito dos eleitos, Jesus Cristo, por sua encarnação, ministério, paixão, morte, ressurreição e exaltação.

A declaração confessional: “ *O Espírito Santo lhes aplica os méritos de Cristo*”, deve ser entendida por nós, à luz do contexto geral da fé reformada, como: o Espírito aplica em nós a obra redentora, regeneradora e santificadora do Filho de Deus. Cristo, na verdade, não nos salva, transferindo-nos os seus indiscutíveis méritos por meio do Espírito Santo, mas por sua morte vicária, substitutiva e expiatória na cruz, e nos edifica e santifica pela Palavra de Deus sempre inspirada e iluminada pelo Espírito. A doutrina da “salvação pelos méritos”, caríssima ao catolicismo medieval e ainda vigente no moderno, pode, sinteticamente, ser resumida assim: a- O romanismo do tempo da Reforma acreditava que o homem não era salvo pela graça, mas por suas obras meritórias ou virtudes pias. O catolicismo moderno sustenta um sistema híbrido: A graça gera o mérito; este credencia o fiel diante de Deus para a salvação de si mesmo e para benefício de outros. b- Há servos de Deus com méritos além do necessário ao merecimento do perdão divino. São pessoas com muitas virtudes e poucos pecados. O *superávit* meritório é contabilizado por Deus e colocado à disposição dos pecadores mediante intercessão da Igreja e mediação de seus santos. c- Cristo e a Virgem Maria não cometeram pecados atuais e nem experimentaram o pecado original, mas ambos foram supervirtuosos. Seus infinitos e virtuosíssimos méritos, depositados no banco celeste, são utilizados em favor dos pecadores penitentes pela mediação sacerdotal, o sacrifício da Missa e as súplicas dos santos.

Rejeitamos semelhante doutrina, pois cremos e confessamos que a salvação é exclusivamente pela graça mediante a fé. E esta graça redentora não nos vem pelos méritos de Cristo, que são indiscutíveis e inegáveis, mas por seu sacrifício expiador e sua vitória sobre a morte, o pecado e o tentador, ao ressurgir de entre os mortos. Tudo

que o Filho de Deus fez por nós é implantado em nossa mente e inserido no centro de nossas emoções pelo Espírito Santo. A eficácia da graça em nós depende do ministério do Paráclito. Regenerados e transformados, o Espírito promove em nós a santificação para que o nosso ser aproxime-se, o máximo que permita a natureza humana, da santíssima pessoa de Cristo. Pelo ministério da conformação de nosso caráter ao de nosso Salvador e Rei mediante o crescimento espiritual, podemos dizer que “o Espírito aplica-nos os méritos do Filho de Deus”, criando em nós o impulso, o desejo e o esforço da obediência e do amor a Cristo Jesus. Somos capazes, respeitados os limites de nossa humanidade, de fazermos as mesmas obras de Cristo, não por transferência de méritos, mas em decorrência da regeneração e da santificação, conquistas do Salvador, viabilizadas em nós pelo Espírito.

Há crentes que oram a Deus pelos méritos de Cristo. O que faz a mediação de nossas preces é o próprio Filho de Deus na qualidade de Sumo Sacerdote e único Mediador. Os méritos de Cristo não têm poderes mediatários.

12- ESPÍRITO DE DOAÇÃO:

“Têm sobre si o nome dele, recebem o Espírito de doação(Rm 8 15), têm acesso com confiança ao trono da graça e são habilitados a clamar: “Abba, Pai”(CFW, XII, parte).

Não há filho de Deus sem o Espírito de Deus. O sentimento de filiação divina existente no regenerado é obra do Espírito Santo, que nele habita e o leva a clamar: “Abba, Pai”. O novo nascimento e a filiação por adoção são realizações da livre e graciosa misericórdia de Deus. Assim como não pedimos a paternidade humana, também não requeremos a divina, mas somos gratos, felizes e realizados por tão majestoso Pai. Fomos, na verdade, concebidos por Deus em Cristo Jesus e nele nascemos dotados do Espírito Santo e para sempre. Em outras palavras: no ato da regeneração, o Espírito Santo toma conta do regenerado, habita nele e dirige seus passos morais, sociais, éticos e espirituais: *“Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o Espírito de adoção, baseados no qual clamamos: “Abba. Pai”. O próprio Espírito testemunha com o nosso Espírito que somos filhos de Deus”*(Rm 8. 14- 16). O Paráclito, habitando em nós, conforma a nossa vida à de Cristo, nossa fonte de origem espiritual, e nos leva a viver segundo a vontade de Deus expressa na sua Palavra. Não nos tornamos filhos de Deus por geração, nem podíamos ser; mas por adoção; entretanto, não somos filhos adotivos no sentido social e psicológico do termo, pois o Criador e Redentor fez-nos seus filhos por regeneração. O velho homem morreu. No seu lugar surgiu, por intervenção divina, um novo homem conduzido pelo Espírito, imagem e semelhança de Cristo.

13- O ESPÍRITO SANTIFICADOR:

***“Nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que ficam, contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada do homem novo vence, e assim os santos crescem em graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus”*(CFW XIII, 3 conferido com XIII, 1).**

O arminianismo deixou, até mesmo entre alguns calvinistas, a doutrina da santificação pessoal por méritos próprios, a “busca da perfeição moral e beatífica,

objetivando a recepção do Espírito Santo”. É tempo de recorrermos à CFW, que nos ensina que o crescimento espiritual do regenerado é obra do Espírito Santo em nós; o que significa, na verdade, que não promovemos a santificação, pois é o próprio Deus que, por meio do Espírito, potencializa-nos, promove-nos e nos move à santificação. Eis porque a CFW cognomina o Paráclito de “*Espírito santificador*”. Atendem para a clareza do seguinte postulado confessional: “*Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado de graça, nem total nem finalmente: mas, com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos*”(CFW, XIII, 1). A santificação, pois, é consequência da eleição, que habilita o eleito à regeneração em Cristo; e a regeneração, novo nascimento, é o resultado da dádiva do Espírito Santo, a mais profunda graça de Cristo em nós; e o Espírito, habitando o regenerado, santifica-o dia a dia. Santificação é a conformação de nosso caráter ao de nosso Senhor Jesus Cristo, é comunhão cada vez mais intensa e mais íntima do salvo com o Salvador, é submissão continuada do servo ao Senhor. Há pessoas que “buscam” o Espírito para serem “santas”; há outras que se esforçam e se esmeram em boas obras para merecerem a graça da santidade; outras ainda se entregam a um misticismo alienante de orações intermináveis, novenas, abstinências, jejuns, votos e sacrifícios para “receberem” o Espírito Santo. Tudo isso está errado. Deus não nos elege nem nos aceita com base nos nossos merecimentos, mas exclusivamente por sua graça. A nossa santificação, induzida e conduzida pelo Espírito, não nos leva a um estágio de perfeição moral e espiritual absoluta, a um grau de impecabilidade. Continuamos pecadores, sujeitos ao pecado. O que o Espírito desperta em nós, santificando-nos, são: mais obediência a Deus e à sua Palavra; mais consagração a Cristo; mais integração na sua Igreja; mais serviçalidade ao Salvador e ao próximo; mais consciência de culpa pecaminosa, de insuficiência e fragilidade diante do Onipotente; mais horror ao pecado e mais desejo de contínua confissão; mais necessidade de oração e adoração; mais carência de convívio fraternal com os irmãos. A Escritura apresenta-nos o redimido como transformado na sua totalidade, um ser, antes da regeneração, apenas natural, de estrutura psicossomática; mas, regenerado, acrescentada à sua natureza humana a divina, tornou-se pneumossomático, um ente espiritual, não somente espiritualizado. Não se pode, no nosso entendimento, dicotomizar o salvo em Cristo em “parte vencedora do regenerado”, e parte derrotada. Deus redime o homem integral, não apenas parte dele. A salvação transforma-nos em “novas criaturas” destinadas ao crescimento, sempre promoção do Espírito Santo em nós, sem, contudo, jamais chegarmos ao endeusamento. Na consumação final, compareceremos diante do eterno Rei como Deus quer que sejamos: seres completos, exatamente como fomos idealizados e criados: corpo-alma ou corpo-espírito, sem qualquer dicotomia da unidade ou sublimação de uma das partes, pois santo é o homem ressurreto na sua composição pneumossomática.

14- ESPÍRITO, APLICADOR DA FÉ:

“A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação, é a obra que o Espírito Santo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da Palavra; por esse ministério, bem como pela administração dos sacramentos e pela oração, ela é aumentada e fortalecida”(CFW, XIV, 1).

O Espírito Santo implanta em nós a fé salvadora centralizada em Cristo Jesus. Porém, o seu autor e consumidor é o Filho de Deus: “*Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus Cristo*”(Hb 12. 2). A Terceira Pessoa trinitária,

habitando o regenerado, imprime-lhe a fé real, dom universal e indispensável à salvação e ao exercício da moral, da ética, da piedade e do testemunho cristãos: “*De fato, sem fé é impossível agradar a Deus*”(Hb 11. 6); e mais: “*O justo viverá por fé*”(Rm 1. 17). O instrumento de comunicação da fé é a Palavra de Deus, registrada por inspiração da Terceira Pessoa da unidade trina e devidamente iluminada por ela, possibilitando a compreensão do eleito, independentemente de sua racionalidade, grau de instrução ou capacidade perceptiva. Não cremos para recebermos o Espírito; cremos porque o recebemos. Sem a posseção do Espírito Santo não há regeneração, não existe fé salvadora. Podemos dizer: Deus nos deu o seu Filho; o Filho nos deu o Espírito ou dizer: Deus se deu a nós em seu Filho; o Filho entrega-se a nós em seu Espírito ou, se preferirmos: Deus está presente conosco em seu Filho; o Filho está presente conosco e em nós, pelo Espírito Santo. A presença do Deus trino no corpo eclesial e em cada um de seus membros gera-lhes as virtudes capitais e essenciais: A fé, a esperança e o amor. O ministério instrutor, condutor, santificador, edificador e unificador do Espírito consiste em sua atuação: na geração, confirmação e manutenção da fé em Cristo Jesus; na leitura e pregação da Palavra de Deus; na ministração dos sacramentos; na oração comunitária e individual dos fiéis.

15- ESPÍRITO, GERADOR DE TESTEMUNHO E FRUTIFICAÇÃO:

***“O poder de fazer boas obras não é de modo algum dos próprios fiéis, mas provém inteiramente do Espírito Santo. Afim de que sejam para isso habilitados, é necessário, além da graça que já receberam, uma influência positiva do mesmo Espírito Santo para obrar neles o querer e o realizar segundo o seu beneplácito; contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo Espírito, mas devem esforçar-se por estimular a graça de Deus que há neles”*(CFW, XVI, 3).**

O crente produz, em tese, as obras de Deus, não as suas próprias, pois nele habita a divindade na pessoa do Espírito Santo, que lhe opera o “querer e o realizar”: “*Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade*”(Fp 2. 13). Além do mais, sendo o redimido “doulos” de Cristo, a si mesmo não se pertence. O escravo é propriedade de seu possuidor. O mal que o “doulos” de Cristo pratica é ofensa grave ao seu Amo. O bem que produz é para a exclusiva glória de seu Senhor. No caso do “doulos” de Cristo, o “servir” é mais que um dever decorrente de sua situação servil: é uma bênção, pelo honroso fato ser diácono do Rei, que não o trata como subordinado ou inferior, mas como amigo(Jo 15. 14, 15). O servo cristão presta serviço diacônico(culto) não a um dominador, mas a um Senhor libertador e compassivo. E mais, o servo tem o mesmo Espírito do Senhor, o Paráclito que nela habita e, portanto, possui a mesma natureza de seu possuidor, integra-se, não em uma empresa, mas numa família; não trabalha e nem vive para a glória alheia, mas para o engrandecimento de seu corpo fraternal. A identificação interativa entre o Senhor e o servo se dá por meio do Espírito Santo no seu interior, no centro de seu ser, que o move, de maneira natural, espontânea e feliz à prática das boas obras, não para o seu próprio galardão, mas para exaltação de seu Salvador. As boas obras do cristão autêntico originam-se, conforme a CFW, em Deus, agindo nele pelo Espírito Santo, e são de dois tipos globais: naturais e espirituais. As boas obras do irregenerado, que também, em certo sentido e em certa medida, existem, são provenientes, de modo geral,

da aculturação pessoal e da ética social do grupo em que se insere, e são apenas naturais. As do servo de Deus emanam do próprio Deus, agente e estimulante do bem no seu interior por meio do “Pneuma” Santo. As dos reprovados procedem das leis morais do meio social em que vivem.

16- ESPÍRITO E PERSEVERANÇA DOS SANTOS:

“Esta perseverança dos santos(aludindo-se ao declarado no item anterior),(parênteses nossos) não depende do livre arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito Santo e da semente de Deus neles, e da natureza do pacto da graça; de todas essas coisas vêm a sua certeza e infalibilidade” CFW, XVII, 2 conferido com XVII, 1).

O conjunto de obras divinas, segundo a CFW, que gera no crente a certeza da salvação compõe-se de : a- Imutabilidade do decreto eletivo. Como Deus é imutável por causa de sua irretocável e absoluta perfeição, seus decretos, conseqüentemente, são irretocáveis. b- Livre, imutável e perfeito amor de Deus. O amor de Deus não se expressa por estímulos externos nem por sentimentos românticos, caritativos ou paternais. Não se aplicam ao soberano Criador categorias humanas, mesmo as virtuosas. O supremo Senhor não tem carência de nada. Ele é auto-suficiente em tudo, especialmente no que concerne ao ágape divino: Deus é amor. c- Eficácia do mérito e intercessão de Cristo. Cristo, além de ser verdadeiro Deus, é o Humano sem pecado e sem demérito, portador de todas as virtudes, que se assenta à destra do Pai e, como nosso substituto e representante, intercede contínua e permanentemente por nós. d-

Permanência do Espírito Santo no crente eleito. Na verdade, *é a permanência do Espírito divino no eleito* que lhe confere o conhecimento de Deus, a revelação do decreto eletivo, a eficácia da intercessão de Cristo, nosso Sumo Sacerdote, e a eleição, segundo os eternos propósitos do Rei supremo e conforme o seu insondável amor. Somente com a possessão do Espírito Santo é que nos tornamos filhos de Deus, nascidos de novo. E o que Deus realiza em nós é para sempre; sendo infalível e eterno, sua obra redentora traz as marcas indeléveis da infalibilidade e da eternidade. Uma vez regenerado e transformado em filho de Deus, o servo de Cristo jamais retornará ao estado anterior. O que Deus realiza, realiza para sempre. Uma vez filho do Pai celeste; filho eternamente. Tal segurança é obra do Espírito Santo no crente, pois tanto a redenção como a perseverança dependem exclusivamente do Salvador, jamais do salvo. O homem pode falhar, e freqüentemente falha, mas Deus é infalível em seus planos e inerrante em suas obras. E ele não está fora da vida do eleito regenerado, mas ocupa o centro de seu ser por meio do Espírito Santo. Deus tem certeza de que cada eleito salvo é seu filho, pois ele mesmo o gerou em Cristo e nele habita pelo seu Espírito.

17- ENTRISTECIMENTO DO ESPÍRITO SANTO:

“Eles(os eleitos), porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles existente e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais”(CFW XVII, 3 cf XVIII, 4).

O crente, embora escolhido, eleito e salvo, pode, certamente por decreto permissivo de Deus, pecar e, ao fazê-lo, entristece o Espírito Santo que nela habita. Este dele não se retira, mas o “diálogo interativo” entre o Condutor e o conduzido fica prejudicado. No entanto, o próprio Espírito convence o faltoso, filho da graça, a retomar o caminho da santidade, pois seu destino final, a vida eterna, está preordenado por seu Salvador e lá um dia chegará por determinação e vontade divinas. O crente pode cair por si mesmo, mas Deus o reerguerá, restaurando-o à plena comunhão de Cristo. As quedas temporárias ou recaídas dos eleitos lhes trarão correções disciplinares impostas por necessidade corretiva do Pai celeste, movido por zelo e amor aos seus filhos eleitos, embora temporariamente rebeldes(ver Hb 12. 4- 13). Os desvios de percurso não comprometem o destino final, último, dos predestinados. O decreto eletivo da soberana liberdade de Deus pelo qual são escolhidos alguns para serem redimidos por Jesus Cristo, o Eleito dos eleitos, também permite, dentro dos limites de ação de um filho sob a proteção e a direção de seu Pai eterno, um certo grau de liberdade e de responsabilidade. Na verdade, o regenerado possui o autêntico livre arbítrio próprio do herdeiro, não do escravo: “Se o Filho vos libertar, disse Jesus, verdadeiramente sereis livres”(Jo 9. 36). Sem liberdade e despido da faculdade de escolha entre o bem e o mal e do direito de opção entre um e outro, os pactos entre Deus e o homem seriam inviáveis e até absurdos. Exigir de um pactuado, submetido a um pré-determinismo absoluto, obediência aos termos do pacto sob as penas neles previstas não faz sentido, à luz da nossa racionalidade. Deus, contudo, fez isso, especialmente com Adão e com o seu povo no Sinal por meio de Moisés. É difícil conciliar a preordenação com o livre arbítrio do homem, mas Deus a realiza, mantendo sua fidelidade pactual e lançando sobre o homem a culpabilidade por seus pecados. É bom, para melhor clareza da conciliação, embora paradoxal, do decreto eletivo com a vontade humana e seu livre arbítrio, a transcrição do que diz a nossa CFW em outra parte: “ *Desde toda eternidade e pelo mui sábio e santo conselho de sua vontade, Deus ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém, de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das coisas secundárias, antes estabelecidas*”(CFW, III, 1). A vontade e a liberdade humanas estão, portanto, incluídas do decreto eletivo de Deus. O Espírito Santo no eleito redimido decorre da preordenação eterna da redenção pessoal e garante a proteção, a segurança e a perseverança do eleito. Incomum não é, todavia, o salvo, por sua liberdade permitida, entristecer o Espírito com seus erros, omissões e recalitrações. O Espírito, entretanto, depois das conseqüências corretivas do recaído, recoloca-o no caminho da justiça da graça. Geralmente o crente provado torna-se mais experiente e mais habilitado a ajudar os mais fracos. “*Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito*”(Rm 8. 28). Somente o salvo pode entristecer o Espírito, pois a relação Pneuma-Regenerado é indissolúvelmente interativa e intimamente associativa.

18- TESTEMUNHO DO ESPÍRITO:

“Esta certeza(a da salvação), não é uma mera persuasão conjectural e provável, fundada numa falsa esperança, mas uma infalível segurança da fé, fundada na divina verdade das promessas de salvação, na evidência interna daquelas graças a que são feitas essas promessas, no testemunho do Espírito de adoção que testifica com os nossos sermos filhos de Deus, no testemunho desse Espírito que é penhor de

nossa herança e por quem somos selados para o dia da redenção”(CFW, XVIII, 2 cf XVIII, 3).

O Espírito Santo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. A certeza da salvação, pois, vem do testemunho do Espírito Santo em nós, não de conclusões racionais, induções emocionais e sentimentais, auto-confiança ou fiança em pessoas místicas ou carismáticas. Também a convicção de que estamos salvos não procede da falso juízo de impecabilidade(que muitos alegam), nem do medieval poder de “indulgência plena” ou penitências cumpridas.

O testemunho interno do Espírito Santo responsabiliza o crente diante de Deus e instrumentaliza nele o testemunho pessoal externo. Ao ocupar o ser do redimido por Cristo, o Espírito Santo interage com o espírito humano de tal forma que o regenerado age por si mesmo, expressa sua própria vontade, não como uma pessoa alienada ou bastarda, mas como filho de Deus, portadora da mesma natureza do Pai celeste: “*O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus*”(Rm 8. 16). O eleito salvo, templo do Espírito Santo, é dinamizado, pelo mesmo Espírito, à fé, à santificação, à fraternidade, ao testemunho cristão. Eis o que, a respeito, declara o CFW: “*É, pois, dever de todo o fiel fazer toda a diligência para tornar certas a sua vocação e eleição, a fim de que por esse modo seja o seu coração no Espírito Santo confirmado em paz e gozo, em amor e retidão para com Deus, em firmeza e alegria nos deveres da obediência que são os frutos próprios desta segurança. Este privilégio está, pois, muito longe de predispor os homens à negligência*”(CFW, XVIII, 3 in fine). A operação interna do Espírito Santo no crente(CFW, XVIII, 4) é a garantia de sua permanência em Cristo e o convencimento de sua segurança. A certeza pode ser momentaneamente abalada, mas jamais eliminada. Escorregar e cair é possível; morrer, porém, em consequência da queda, jamais. Adão caiu, arrastando a humanidade inteira. Da massa reprovado desobediente Deus recria nova humanidade de maneira definitiva. No homem primevo, caímos; em Cristo renascidos, não cairemos. A perseverança do velho homem, fragilizado, dependia de si mesmo. A nossa perseverança depende exclusivamente do Filho de Deus e da aplicação de sua obra regeneradora em nós por meio do Espírito Santo. O Deus que nos salva e nos sustenta no seu reino é soberano, onipotente, infalível, fiel e imutável. O Salvador concede aos seus salvos graças inefáveis como a da filiação e conseqüente herança destinada exclusivamente aos filhos; a do penhor do Espírito, garantia antecipada da posse eterna; a do selo do Paráclito, sinal de que pertencemos ao Pai celeste e nenhuma potência nos deserará.

19- MINISTÉRIO INTEGRADOR DO ESPÍRITO

“Os supracitados usos da lei não são contrários à graça do Evangelho, mas suavemente condizem com ela, pois o Espírito de Cristo submete e habilita a vontade do homem a fazer livre e alegremente aquilo que a vontade de Deus, revelada na lei, requer se faça”(CFW, XIX, 7).

O Espírito Santo conforma a vontade do servo de Cristo à de seu Senhor, estabelecendo, desta maneira, a unidade espiritual e a conformidade de natureza entre o Salvador e o salvo: “*Eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade*”(Jo 17. 23). A corporalidade da Igreja em Cristo, no Novo Testamento, e para os apóstolos, não é uma hipótese ou uma teoria, mas realidade existencial, defendida e proclamada: “*Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo.*

Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito". "Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo" (I Co 12. 12, 13 e I Co 12. 27). A unidade da Igreja não se estabelece pela submissão de todos a uma lei comum, à semelhança do velho Israel sob as ordenanças do pacto mosaico, mas pela conformação e harmonização que o Espírito de Cristo estabelece, no interior do crente, entre a vontade de Deus contida em sua Palavra e a do salvo que a toma, não como ordens externas impositivas, mas como expressão de seu natural querer. O redimido, portanto, ensinado, induzido e conduzido pelo Espírito Santo, submete-se aos ensinamentos, mandamentos, preceitos e ordenanças divinos espontânea, livre e alegremente, pois o seu código ético-doutrinário não está mais estereotipado em tábuas de pedra, mas gravado em seu coração. O cristão, embora reconheça que Deus é Rei supremo e soberano, trata-o respeitosamente como Pai, não por mera formalidade, porém, em decorrência de sua regeneração e conseqüente adoção como filho verdadeiro, irmão do Primogênito Jesus Cristo. Ele, portanto, não é servo por obrigação, é-o por eleição e serve por vocação emulado pelo Paráclito. O Espírito realmente capacita e habilita o eleito regenerado para o cumprimento da lei de Deus e efetiva integração no corpo de Cristo. Sem o ministério do Espírito na Igreja e no crente a palavra de Deus torna-se ininteligível e inaplicável. O pactuado mosaico era obrigado guardar a Lei do pacto por compromisso legal; o servo de Cristo submete-se à nova aliança, que inclui os mandamentos pactuais do Sinai, na condição de Filho de Deus emulado, estimulado, convencido e dirigido pelo Espírito Santo.

20- A ORAÇÃO, OBRA DO ESPÍRITO:

"A oração com ação de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus exigida de todos os homens; e, para que seja aceita, deve ser feita em nome do Filho (Jo 14. 13, 14) pelo auxílio do Espírito (Rm 8. 26), segundo a sua vontade, e isto com inteligência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança. Se for vocal, deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes (I Co 14. 14- 17)"; (CFW, XXI, 3).

A CFW, firmada nas escrituras neotestamentárias, estabelece os fundamentos e as normas da oração cristã verdadeira, que não existe à margem do auxílio do Espírito. O crente é o altar do Espírito. Definir a oração lastimosa e sentimental, pronunciada com voz mística impostada, misturada com sussurros, gemidos e suspiros emocionais inautênticos ou gritada em tom apelativo, imperativo e impositivo, como fazem alguns de nossos leigos, de: "*Oração no Espírito*" ou "*Oração poderosa*", significa ignorar:

a- A doutrina confessional, que não qualifica a prece pelas formas externas, pois seu conteúdo e eficácia é obra do Espírito. A oração pode ser: escrita, inspirada pelo Espírito Santo; verbalizada em voz audível; balbuciada, silenciosa, Não importa a forma e o modo de orar; importante é que ela seja produzida no salvo pelo Espírito Santo.

b- Que a condição para Deus ouvir a nossa oração não reside rigorosamente em nós, mas na obra do Espírito em nosso interior e por nós: "*Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos" (Rm 8. 26, 27).* Portanto, não são a nossa piedade, a nossa emoção, a nossa concentração mística, o imperativo da

nossa fé pessoal, o nosso carisma individual e a nossa santidade, os meios ou os caminhos de nossas súplicas a Deus, mas o Espírito Santo.

c- Que o Mediador de nossas orações ao Pai é Jesus Cristo(CFW, XXI, 2). Em seu nome as nossas preces devem ser feitas. Destaquemos o preceito confessional: **“Para que seja aceita, deve ser feita em nome do Filho, pelo auxílio do Espírito”**. A oração em *nome do Filho* é posta diante de Deus, canalizada pelo Espírito. Sem o aessoramento e auxílio dele nossa prece não chega a Deus. Quem não tem o Espírito Santo não tem acesso a Cristo; quem não está em Cristo pelo Espírito não tem acesso ao trono celeste por meio da prece.

d- Que o Espírito é o *Revelador* de Cristo e da Palavra de Deus e, portanto, o único *intérprete* credenciado tanto para o claro entendimento das Escrituras como para o estabelecimento em nós das verdadeiras intenções e propósitos de nossas orações a Deus. Ele inspirou os profetas e os sacerdotes e posteriormente os apóstolos a profetizarem e a orarem, oralmente e por escrito, na língua usual inteligível do povo. Não há registro em língua estranha de profecia ou prece nas Escrituras. Agiu conforme as normas e os exemplos escriturísticos a CFW ao preceituar: **“Se vocal(a oração), deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes”**. A CFW não somente desautoriza o uso do latim, língua oficial da liturgia romana até 1961, como também a *língua estranha*, como é popularmente conhecido o fenômeno glossolálico. E este com muito mais razão por ser um balbuciar desconexo, linguisticamente inclassificável, logicamente indecifrável, absolutamente ininteligível. O estranho da “língua estranha” é o fato de o divino Espírito, inspirador e intérprete da Palavra de Deus, depender de um ser humano, limitadíssimo e falível, para comunicar-se. Em suma, A CFW rejeita o latim, língua estrangeira, que alguns podem entendê-la, mas também a glossolalia, que ninguém entende, como instrumentos de expressão pública de nossas preces. Uma forma mística de oração que edifica o indivíduo privativamente, deve ficar somente entre ele e seu Senhor: **“O que fala em outra língua edifica-se a si mesmo”**(I Co 14. 4). **“Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente”**(I Co 14. 15). Paulo entende que na oração há uma dimensão interna de natureza espiritual, certamente obra do Espírito Santo, que aquele que ora não compreende. Mas, ao vocalizar a prece, deve, mesmo conservando a interioridade espiritual, fazê-la inteligível e racionalmente Clara. Quem publicamente ora, o faz em nome da comunidade, e esta, para dizer o “Amém”, precisa compreendê-la. O ensino da CFW sobre a matéria segue corretamente a opção paulina: **“Prefiro falar na Igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua”**(I Co 14. 19). Não se diga, pois, que, sobre o “Dom de Línguas” ou glossolalia, a CFW é omissa. Nós é que fazemos dela apenas um símbolo confessional e não um parâmetro doutrinário, especialmente no campo da pneumatologia.

21- O ESPÍRITO E OS MINISTÉRIOS DA IGREJA:

“A esta Igreja católica(universal) visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo, e pela sua própria presença e pelo seu Espírito os torna eficazes para esse fim, segundo a sua promessa”(CFW, XXV, 3).

A presença de Deus na Igreja pelo seu Santo Espírito possibilita, cria, ordena e sustenta todos os seus ministérios: Didático, querigmático, diacônico, litúrgico, administrativo, disciplinar e pastoral, além dos carismas gerais e individuais como, por

exemplo, a fé salvadora, a fé mística ou carismática, a profecia(pregação), o dom de curar, o de falar em outras línguas, o da liberalidade. Tudo, porém, para edificação do corpo eclesial primordialmente e também, como consequência, o crescimento espiritual do membro individualizadamente; este se beneficia da sanidade e da produtividade do corpo como o ramo beneficia-se do tronco. O que eu devo ser e fazer na Igreja de Cristo é decisão e operação de Deus. Em mente devemos ter e conservar a verdade: A Igreja é criada, preservada e dirigida por Deus. As portas do inferno não prevalecerão contra ela, isto é, os poderes tartáricos e demoníacos não a destruirão. Não é a espada do guerreiro religioso que defende a Igreja do Cordeiro ou amplia-lhe os domínios territoriais e políticos; quem a protege, defende-a e lhe conquista campos inimigos é o poderosíssimo gládio bigúmeo da Palavra de Deus manejado pelo Espírito Santo. O sucesso da Igreja não depende do ser humano, mas do seu Cabeça, nosso Senhor Jesus Cristo. À vista do exposto, ninguém pode gloriar-se do que é, faz e produz na Igreja do Filho de Deus.

Muitos, ao se pronunciarem sobre os dons espirituais, esquecem, omitem ou desconsideram carismas essenciais à vida e à existência da Igreja como os de: pastor, mestre, evangelista, pregador, presbítero, diácono, exortador, líder: *“Se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; o que ensina, esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta, faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria”*(Rm 12. 6- 8 cf Ef 4. 4. 11-14).

22- UNIDADE EM CRISTO PELO ESPÍRITO:

“Todos os santos que pelo seu Espírito e pela fé estão unidos a Jesus Cristo, seu cabeça, têm com ele comunhão nas suas graças, nos seus sofrimentos, na sua morte, na sua ressurreição e na sua glória”(CFW, XXVI,1).

O Espírito Santo no crente instrumentaliza a regeneração e produz a fé, o amor, a esperança, a santificação e o testemunho. Tais obras transformadoras são conquistadas e colocadas à disposição do eleito por Jesus Cristo, que as realiza e disponibiliza por intermédio do Santo Espírito: *“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”*(Jo 7.38). *“Digo-vos a verdade: Convém que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós; se, porém, eu for, vo-lo enviarei”*(Jo 16. 7). A dádiva do Espírito efetivou-se plena e definitivamente por obra do Cristo ressurreto(Jo 20. 22; 24. 49; At 1. 8). Finalmente o Paráclito, conforme a promessa, desceu sobre a Igreja total no Pentecostes(At 2. 1- 13). A salvação, que inclui o conjunto transformador: arrependimento, conversão e regeneração, é operação de Cristo por nós e em nós, competindo ao Espírito Santo, enviado do Pai e do Filho, viabilizá-la e aplicá-la. O seu ministério estabelece um elo interativo do salvo com o Salvador. E esta comunhão integral incorpora: as graças de Cristo, os seus sofrimentos, a sua morte, a sua ressurreição e a sua glória. O crente é, hoje, exatamente o que Cristo foi na sua militância terrestre: ministro de Deus, cheio do Espírito Santo para viver no mundo e testemunhar o Evangelho, realizar a vontade de Deus, sacrificar-se pelos seus semelhantes, anunciar a vida eterna como realidade presente e como dom escatológico.

O Espírito Santo congrega-nos em Cristo; cria em nós o senso de fraternidade; aprofunda e intensifica o amor filial ao Pai celeste e o fraternal aos irmãos; ilumina a nossa mente para compreendermos os mistérios da revelação, da graça e da fé; convence-nos do pecado, da justiça e do juízo; infunde e implanta em nós a esperança, que produz e sustenta a perseverança. Sem o ministério do Espírito a unidade da Igreja em Cristo não seria uma realidade mística inserida na sociedade secular.

23- O ESPÍRITO E OS MEIOS DE GRAÇA:

“A graça significada nos sacramentos ou por meio deles, quando devidamente usados, não é conferida por qualquer poder neles existente; nem a eficácia deles depende da piedade ou intenção de quem os administra, mas da obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso deles, contém uma promessa de benefício aos que dignamente o recebem”(CFW, XXII, 3).

“O elemento exterior neste sacramento(batismo), é água com a qual um ministro do Evangelho, legalmente ordenado, deve batizar o candidato em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”(CFW XXIII,2). *“A eficácia do batismo não se limita ao momento em que é administrado; contudo, pelo devido uso desta ordenança, a graça prometida é não somente oferecida, mas realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles a quem ele pertence, adultos ou crianças, segundo o conselho da vontade de Deus, em seu tempo apropriado”*(CFW, XXVIII, 6).

Os sacramentos, Ceia do Senhor e Batismo, são ordenanças de Cristo, e ele não ordenaria o ineficiente, o simplesmente formal, o meramente simbólico, o beatificamente inútil. A eficiência sacramental, porém, é obra do Espírito Santo. Os elementos materiais e o ato cerimonial são sinais visíveis do que invisivelmente o Espírito opera no interior do fiel no momento da recepção do sacramento e posteriormente. Nem o ministrador nem os elementos possuem quaisquer poderes, em si mesmos, de regeneração, de santificação, de edificação ou de perdão de pecados. O sacramento somente se converte em *meio de graça*, quando nele opera o Espírito, atuando por intermédio da Palavra sacramental da instituição, pronunciada por nosso Senhor Jesus Cristo e pelos elementos físicos, “sinais externos da graça interna”. O batismo formalmente introduz o batizando na Igreja visível de Cristo, mas é o Espírito que o sacraliza, sanciona, pereniza e lhe confere objetiva eficácia no ser do batizado, unindo-o a Cristo Jesus, ligando-o à comunhão universal e eterna dos redimidos: *“Tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus”*(Mt 18.18). A graça não reside na água, no pão ou no vinho, mas em Cristo, canalizada para o salvo pelo Espírito. Deus usa os elementos sacramentais memorativos para ligar o redimido ao sacrifício de seu Filho na cruz e renovar-lhe o pacto da Nova Aliança.

O fato de sermos batizados em nome da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, significa que o somos para o Deus trino. A inclusão do nome do Espírito ao lado dos nomes do Pai e do Filho fornece-nos a idéia de que o batizando, no momento do rito sacramental do batismo, é entregue tanto ao Pai como ao Filho e ao Espírito. Os componentes batismais: a água, o Espírito e os nomes trinitários, todos por ordenação de Cristo, concedem-lhe a sacralidade e a eficiência, que a Igreja reconhece e proclama; e mais, tais componentes, no conjunto, estatuem a marca externa e o simbolismo profundo do ato regenerador de Deus internamente operado no crente batizado: *“Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”*(Jo 3.16). Como não há cristão sem o batismo da água, também não o há sem o batismo do Espírito: *“Em um só Espírito todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”*(I Co 12. 13).

Cristo ordenou os sacramentos; em decorrência de tal ordenação, as palavras ordenatórias são revestidas do mesmo poder espiritual de todas as ordenanças e de toda a Palavra de Deus, que é como espada de dois gumes, e nunca volta vazia. O poder que a Palavra de Cristo exerce sobre os seus regenerados é incalculável. E esse poder emerge e atua sobre o receptador do sacramento, operando nele a graça da edificação,

da confirmação da fé, da esperança e do amor a Deus e aos irmãos. E ele então, iluminado pelo Espírito, discerne o corpo de Cristo: a comunhão dos santos. Cristo confere ao regenerado, e exclusivamente a ele, a sensibilidade espiritual para distinguir a voz do verdadeiro Pastor da dos inumeráveis falsos e vociferantes pastores.

No romanismo, o Sacerdote é central e fundamental, pois, por sua intervenção, os elementos eucarísticos transubstanciam-se em Cristo real, e o batismo opera a lavagem do pecado original e a dos atuais. Na Igreja de fé reformada os poderes sacramentais e os meios de graça que os comunicam residem na Palavra de Deus e no Espírito Santo e, em segundo lugar, na fé de quem recebe o sacramento, mas esta fé é dom de Deus: *“Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus”* (Ef 2. 8).

O ESPÍRITO NA RESSURREIÇÃO DOS JUSTOS:

24- “Os corpos dos justos serão pelo seu Espírito (Espírito de Cristo ou Espírito Santo) ressuscitados para honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso de Cristo”(CFW, XXXII, 3 cf com a resposta à perg. 87 do Catecismo Maior)).

O Espírito Santo esteve em todos os eventos decisivos e conclusivos da criação e da redenção, e está na consumação como ministro de Cristo, cooperando na efetivação do milagre da ressurreição dos justos. Ele, o Espírito, participou: a- Do ato criador e ordenador do universo natural: *“E o Espírito de Deus pairava sobre as águas”* (Gn 1. 2). b- Da criação e sublimação do homem: *“Façamos o homem à nossa imagem; conforme a nossa semelhança”* (Gn 1. 26). O plural “façamos” deixa implícito o fato de que o homem é obra do Deus trino: Pai, Filho e Espírito Santo. c- Da encarnação de Jesus Cristo: *“José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”* (Mt 1. 20). d- Do batismo do divino Mestre: *Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como bomba, vindo sobre ele”* (Mt 3. 16). e- Da instituição e dinamização da Igreja: *“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles, Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”* (At 2. 1- 4). O Espírito, pois, que esteve no “alfa” da criação, está no processo redentor, também estará no seu “ômega”, quando tudo se consumir e a eternidade tornar-se realidade objetiva e definitiva para o povo de Cristo. Sua participação não se resumirá ao clamor súplice da Igreja (Ap 22. 17), mas atuará cooperantemente, como Espírito vivificante, na ressurreição dos justos, como atuou na regeneração dos eleitos. É ele quem manda o vidente de Patmos escrever: *“Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”* (Ap 14. 13).

CONCLUSÃO:

A Igreja, por sua Profissão de Fé, professa uma doutrina do Espírito Santo consistente, coerente e condizente com sua eclesiologia, sua teologia e sua liturgia. A doutrina pneumatológica da Confissão apresenta um Espírito Santo soberano, mas integrado indissolivelmente no conjunto trinitário, agindo consensualmente com o Pai e

o Filho, não se deixando mover ou influenciar pelas obras místicas ou sentimentalismos pios de adoradores carregados de emoções e, não raro, em estado extático. Os teólogos de Westminster, doutrinariamente calvinistas puritanos, sabiam que é o Deus trino que efetua em nós tanto o desejar como o realizar. Rigorosamente, não se pode imaginar a existência de três latrias tricotomizantes da unidade trina: Paterlatria: adoração somente ao Pai; Testemunha de Jeová; cristolatria: adoração somente a Cristo; Igreja de Jesus Cristo. Pneumalatria: adoração privativa ao Espírito ou exagerada ênfase pneumática: neo pentecostismo ou carismatismo de resultado. As pessoas trinitárias são inseparáveis porque, na natureza, na essência, na substância e nas obras, são absolutamente iguais e operam consensualmente. Ainda mais, sendo procedente do Pai e do Filho, a obra do Espírito tem de ser vista como a de um Missionário enviado por ambos. A CFW, pois, não tem um “**tratado**” específico e independente sobre o Espírito Santo, como a Bíblia também não o tem. O Paráclito aparece, na Confissão e nas Escrituras, conectado com o Pai, o Filho e suas obras, inclusive a da criação e manutenção da Igreja. Assim como o Filho submete-se ao Pai, o Espírito submete-se ao Filho, e só entra em ação por ordenação deste, e depois de concluída a obra da redenção. O Filho é enviado pelo Pai; o Espírito é enviado pelo Filho, e tudo conforme o pacto da graça; nada de operação ou cooperação humanas.

Resumindo: a CFW tem uma boa e equilibrada doutrina do Espírito, focalizando todos os seus ministérios. A sua teologia, aqui apresentada esquematicamente, é profunda e suficiente, bem embasada nas Escrituras, embora concisa e temática, como deve ser toda doutrina confessional.

OBSERVAÇÕES:

(1)- Todos os grifos são nossos.

(2)- SOBRE REFORMAS AMERICANAS:

Em 1788, por ocasião de sua organização, a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América do Norte, omitiu a seção da CFW, que tratava da vinculação da Igreja ao Estado.

Em 1887, a Igreja do Norte dos Estados Unidos da América suprimiu a seção IV do Cap. XXIV, que estabelecia a proibição de casamento do viúvo ou viúva com parente consanguíneo do ou da consorte falecido(a) no mesmo grau correspondente ao proibido na consangüinidade natural ou parentesco direto. O presbiterianismo brasileiro, ao organizar seu primeiro sínodo em 1888, fez as mesmas supressões.

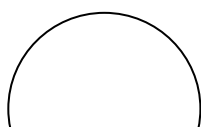
Tais supressões foram necessárias, pois Deus havia desvinculado a Igreja do Estado e mudado a sua ética social.

Em 1903, porém, a Igreja do Norte dos Estados Unidos emendou a CFW, acrescentando itens sobre a obra dos irregenerados, sobre a primazia de Cristo como Cabeça da Igreja, e acrescentou um capítulo sobre Missões, o Amor de Deus e o Espírito Santo. A parte sobre a Terceira Pessoa da Trindade é objeto de nosso estudo no presente trabalho. Tal emenda firmava-se no pressuposto de que a CFW não expunha com clareza a doutrina do Espírito Santo. Demonstramos que a premissa alegada não era verdadeira e que o acréscimo foi desnecessário e, em alguns aspectos, ambíguo.

FONTES:

- 1- Catecismo de Westminster, 10ª Ed., 1987, CEP, SP.
- 2- Escritura Sagrada, Edição Revista e Atualizada, 1969, SBB.
- 3- Conhecimentos do autor, mais práticos que teóricos, adquiridos ao longo da militância pastoral e conservados em sua memória.

Onezio Figueiredo



APÊNDICE I

ESPÍRITO SANTO

VISÃO BÍBLICA

A Bíblia é a nossa única regra de fé. Nela a origem e os fundamentos de nossas doutrinas soteriológicas e eclesiológicas. Por meio de despretensioso estudo bíblico, simples e direto, destinado a leigos, procuramos demonstrar a pneumatologia de nossa confissão reformada, pois cremos estar solidamente firmada nas bases escriturísticas. Não procuramos ir além do que a Palavra de Deus declara e nos esforçamos, súplices da misericórdia de Deus, para não ficarmos aquém de seus ensinamentos. Deixemos, pois, que as Santas Escrituras nos falem sobre o divino Espírito Santo:

O Espírito Santo é Deus:

"Ananias, por que encheu Satanás teu coração para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura não seria teu? E, vendendo-o, não estaria em teu poder? Como, pois, assentanste no teu coração este disignio? Não mentiste aos homens, mas a Deus"(At 5.3,4 cf Ex 17.7; Hb 3.7-9; Nm 12.6; II Pe 1.21; Is 6.3,8-11; At 28.25; At 7.51; Sl 17.21).

O Espírito não é um Deus independente, integrante autônomo de um panteon de três divindades; ele é Deus no contexto da unidade trinitária, e privativamente nela. A ação do Espírito é ação das demais pessoas da Trindade, pois são consubstanciais entre si.

Plenitude divina de cada pessoa trinitária:

"Eu e o Pai somos um"(Jo 10.30). "Quem vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9). "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco"(Jo 14.16). "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros"(Jo 14.18).

Os textos nos mostram que o Pai está plenamente no Filho e ambos no Espírito Santo, que é tanto o Espírito do Pai como o do Filho. Eis porque o Espírito vem da parte do Pai e do Filho ao mesmo tempo (Jo 15.26). A presença do Espírito, pois, significa a presença do Deus trino. Quem tem o Filho, tem o Pai e o Espírito. cremos num só Deus, uno em três pessoas distintas. Onde se manifesta uma pessoa trinitária, aí Deus se manifesta.

Ninguém se apropria da divindade absoluta e soberana, ninguém dispõe de Deus. Ele que, por sua misericórdia, apropria-se dos seus eleitos e deles dispõe como lhe apraz. Não se pode destacar e preferenciar uma pessoa da Trindade, estabelecendo supostas relações individualizadas do tipo: eu sou apenas do Pai: Testemunha de Jeová; eu sou apenas do Filho: pentecostal da primeira bênção; eu sou do Espírito Santo: pentecostal da Segunda bênção.

O Espírito possui atributos da divindade:

Eternidade (Hb 9.14). Onipresença (Sl 139.7-13). Onisciência (I Co 2.10). Onipotência (Lc 1.35; Rm 15.19). Poder criador (Gn 1.26,27) Soberania (Dn 4.35: I Co 12.4-4,11).

O Espírito Santo não é um Deus de terceira categoria, manipulável e influenciável, mutável e sensibilizável. Não é também somente o "lado benéfico" da Trindade, deixando a justiça para o Pai e o juízo para o Filho; ele participa de todas as obras de Deus, pois é divino tanto quanto as demais pessoas da divindade.

Pelo batismo somos entregues à Trindade:

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"(Mt 28.19).

"Batizar em nome" significa, "batizar para". No ato batismal, somos entregues à Trindade(Pai, Filho, Espírito Santo), nosso Deus. Ao transpor o Mar Vermelho, Israel tornou-se propriedade de Deus. Ao passar pelo batismo, fronteira entre os domínios de Deus e os do mundo, o crente se torna "escravo"(doulos) de Jesus Cristo. Somos de Deus, uno na Trindade, e nele estamos. Guardemos bem: O Pai, o Filho e o Espírito são consensuais, consubstanciais e integralmente cooperantes. Que tem o Filho, tem o Pai, tem o Espírito.

O Espírito na vida e ministério de Cristo:

Ela atuou no nascimento do Jesus histórico, na encarnação(Lc 1.35 cf Mt 1.18); no ingresso do Messias em seu ministério messiânico(Mt 3. 16,17; Mc 4.1); na ressurreição do Cristo-Rei(At 2.24; I Pe 3.18; Hb 13.20; Rm 1.4).

Deus, que agia pelos anjos no Velho Testamento, passou a atuar redentoramente pelo Filho e missionariamente pelo Espírito no Novo Testamento. Na tentação e na missão o Espírito esteve com Jesus Cristo e, da mesma maneira, está com a Igreja do Cordeiro da qual é dinamizador e missionário. Cristo e o Espírito são indissociáveis.

Espírito, instrumento da regeneração:

"Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; o que nascido do Espírito, é espírito"(Jo 3.5,6; I Jo 5.4).

O que é nascido do Espírito é espiritual, isto é, regenerado, reconciliado com o Pai, desvinculado espiritualmente do mundo, servo de Deus.

Cristo é a semente da regeneração; o Espírito, aquele que planta a semente regeneradora no solo fértil da Igreja e no coração do redimido, fá-la germinar, crescer e frutificar. Crente verdadeiro sem regeneração não existe. Todo eleito salvo, pois, tem Cristo, o Regenerador e o Espírito, fecundador da Igreja e aplicador da regeneração. E assim, a Igreja dos regenerados capacita-se como, pelo Pneuma que nela habita, força testemunhal, santificadora e fraternal dos seus membros.

Só há uma categoria de crentes: Os nascidos de novo segundo o beneplácito da graça divina, todos batizados com o Espírito Santo, isto é, regenerados. Quem está em Cristo, está no Pai e no Espírito.

Espírito, inspirador das Escrituras:

"Toda Escritura é inspirada por Deus(Theopneustos):

As Escrituras foram reveladas por Deus pelo ministério do Filho e inspiração do Espírito Santo. Ela é a palavra do Verbo (Logos) na voz do Espírito, que inspirou os profetas e ilumina a Igreja. Procedente da revelação trinitária, a Bíblia nos é suficiente e absolutamente eficaz, nossa "única regra de fé e norma de comportamento".

O Espírito, inspirador dos profetas:

"Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo"(II Pe 1.21).

Os profetas bíblicos, pelo Espírito Santo, falaram claramente, em linguagem inteligível ao povo, respeitando sua condição cultural. O Espírito Santo, sem dúvida, é o mestre da revelação, e sua didática provou-se nos registros bíblicos e se prova pelas incontáveis conversões.

O Espírito, revelador de Cristo:

"Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir"(Jo 16.13 cf 14.26; Is 11.2; I Co 12.8).

O Espírito não traz "novidades", não gera nova mensagem, pois "não fala de si mesmo". Ele comunica com exatidão a palavra do Filho, completa e eficaz, para nossa salvação e santificação pelo norteamento de nossa moral e nossa conduta conforme requer a vontade do Salvador.

A revelação final, eficiente e suficiente está nas Escrituras; tudo que vai além delas é duvidoso e até perigoso. Profecias carismáticas nada podem acrescentar, e não acrescentam.

Identidade do Espírito Santo com o Filho:

"Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito"(II Co 3.17,18).

Cristo se nos revela sem véu e revela-nos as Escrituras Sagradas. Ele é o Verbo(Logos), a Palavra que se fez carne. Sua presença, revelação de Deus, permite-nos, por meio dele, a contemplação da glória, por antecipação, até então oculta (II Co 3.12-17). Aqui, o Revelador de Deus e o iluminador das Escrituras é Jesus Cristo, o Espírito. Não há como separar o Filho do Espírito na soteriologia, determinando atos, ações e ofícios distintos, separados e sucessivos, para cada pessoa trinitária. O Espírito, intérprete da revelação, é o mesmo Senhor ressurreto (Lc 24.13-15; Jo 14.26; 16.13-15). A presença de Cristo, segundo a promessa, e a dádiva permanente do Espírito Santo à Igreja dos redimidos são fatos teologicamente concomitantes e idênticos de agentes divinos inseparáveis. Comparar Jo. 14.18,28 com Jo. 16.7-15.

A Igreja é o corpo de Cristo; o que implica em sua necessária presença, sem a qual o organismo eclesial não existiria. Privado de Cristo, a Cabeça, o Corpo perde a

mobilidade, a vitalidade e a própria existência. Cristo e o Espírito estão na e com a Igreja em caráter definitivo; e isto é obra da graça, fruto da operação de Deus sem nenhuma cooperação humana.

Igreja, habitação do Espírito:

"O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós"(Jo 14.17): "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós ?"(I Co 3.16,17). "A caso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?"(I Co 6.1 cf 12.25).

Deus está em nós pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. E a Igreja, Corpo de Cristo, é a comunidade do Espírito. A eclesiologia neotestamentária não fornece base consistente para a doutrina da recepção, em atos distintos e sucessivos, de Cristo e do Espírito em agências individualizadas e independentes. Cristo e o Espírito, como já vimos, não se separam, e a Igreja, que é de Cristo, está no Espírito conseqüentemente. Negar a parceria consensual do Salvador e do Consolador é desmontar a estrutura eclesial e estabelecer doutrina e liturgia trinitaristas.

A Igreja é o santuário de Cristo e do Espírito. E cada membro, por sua inserção no Corpo, também é habitação de Cristo e templo do Espírito com todos os ônus de servo(doulos) perante o mundo, que odeia o povo de Deus. E isto significa ser batizado com o Espírito Santo e com fogo. O crente não existe sem Cristo como o membro não existe sem corpo(I Co 12.12 s). E estando no corpo, possui a seiva vital, o Espírito vivificante. A Trindade não se constitui de três entidades associadas, mas de três Pessoas consensuais e consubstanciais: Onde está Deus, aí estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Quem tem o Filho, tem o Espírito:

"E, havendo dito isto, soprou sobre eles(os apóstolos), e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo"(Jo 20.22 cf I Jo 3.24; Jo 14.16; At 2.3,38,39; Mt 3.11). "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele"(Rm 8.9; I Jo 3.24; 4.13).

Todo crente verdadeiro, colocado por Deus na Igreja invisível dos eleitos, tem o Espírito Santo(At 2.3,38,39; I Co 12.13; At 15.8; I Jo 5.10). O Filho é dádiva do Pai; o Espírito procede do Pai e do Filho, marcando, portanto, a presença de ambos. Não existe regenerado, nascido de novo, sem o Espírito Santo. Deus concede o seu Espírito ao regenerado; o Espírito equipa a Igreja, doando dons a cada membro, segundo o seu propósito, não conforme o desejo de cada um.

A obra do Espírito na Igreja:

a- Conforta(At 9.31; II Co 1.3). b- Santifica(Rm 15.16 cf Ez 37.28; I Co 6.11) c- Testemunha a missão redentora de Cristo(Hb 10.15; I Jo 5.6; Jo 15.26). d- Convence do pecado, da justiça e do juízo(Jo 16.8-11). e- Ensina o que se deve falar(Lc 12.12). f - Ensina o que se deve pregar(I Co 2.13). g - Ilumina para que se compreenda o ensino de Cristo(Jo 14.26; I Co 2.13; I Jo 2.27; Jo 16.14). h- Reprova(Jo 16.8). i- Ajuda(Rm 8.26). j- Doutrina(Jo 14.16; I Co 12.3). l- Guia(Jo 16.13; Gl

5.18). *m- Sela(II Co 1.22; Ef 1.13; 4.30). n- Fertiliza para os frutos espirituais(Gl 5.22,23).o- Capacita(At 1.8; I Co 12.8). p- Conduz à verdade(I Jo 2.27; Jo 15.26; 16.13).*

Todas estas obras do Espírito são possíveis por causa de Cristo, autor da redenção, da nossa fé; Senhor da Igreja, esperança nossa.

Pessoalidade do Espírito:

O Espírito possui virtudes pessoais: a- Poder próprio(Rm 15.13). b- Vontade própria(I Co 12.11). c - Reações e emoções: d- Pode ser entristecido(Ef 4.30). e- Resistido(At 7.51). f- Envergonhado (Is 63.10). g- Tentado(At 5.9).

Retenhamos bem: A individualidade do Espírito não o exclui da Trindade, antes o integra mais fortemente, pois as pessoas são distintas, mas não contraditórias e independentes. O Deus trino habita a Igreja pelo seu Espírito.

O Espírito e a filiação divina:

"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus(Rm 8.16)."E, porque sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai"(Gl 4.6).

A dádiva do Espírito decorre da filiação, e não a filiação decorre da dádiva do Espírito, isto é, recebemos o Espírito, quando nos tornamos filhos de Deus pela regeneração, e não quando, segundo os carismáticos, "falamos em línguas", sinal externo do "batismo com o Espírito", para eles.

Por Cristo somos filhos de Deus e, como tais, recebemos o Espírito Santo que atesta em nós, agindo em nossa consciência, que somos filhos de Deus(Gl 4.4-6). Os filhos são guiados pelo Espírito, nosso pedagogo(paidagogos), o aio que nos guia em segurança(Gl 3.24,25), nós, os "meninos de Deus", incapazes de autoproteção, autodefesa, autocondução e autodireção em matéria espiritual. Cristo, pois, nos entrega aos cuidados "pedagógicos" do Paráclito, e isto nos dá a certeza e a segurança de que somos efetivamente filhos de Deus.

Pecado contra o Espírito Santo:

"Aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. E isto porque diziam: Está possesso de um espírito imundo"(Mc 3.29,30 cf Mt 12.31,32).

Recordemos que Cristo, por sua própria afirmação, é o "Templo", o "Tabernáculo" de Deus entre os homens. E no Santo dos Santos coisa imunda não pode penetrar. Afirmar que um "espírito imundo", um "espírito porco", habitava Cristo, o Templo divino, era profanar infamemente o Altar sagrado e, como resultado, eliminar toda possibilidade de perdão, pois sem o local do sacrifício vicário excluir-se-ia, de fato, o perdão.

Dizer que o poder e as ações de Jesus Cristo são obras do espírito satânico é uma ousadia que vai além do próprio Diabo, pois ele não tem coragem e nem autoridade para agir assim. Sendo um pecado extremamente perverso, não tem perdão. Atribuir ao maligno os feitos divinos é de uma malignidade absoluta, de uma perversidade inominável, de um desrespeito total, de uma negação radicalíssima.

Pecado contra o Espírito Santo é rejeição consciente e contumaz de Cristo, inviabilizando a salvação. No mesmo nível está a apostasia daqueles que estiveram no regaço do Bom Pastor, foram amados e acariciados por ele, e o abandonaram, alistando-se no exército de seus perseguidores, inimigos de Deus e de sua Igreja, verdadeiros anticristos, espiritualmente irrecuperáveis(I Jo 5.16; Hb 6.4-8). Judas Iscariotes foi um apóstata consciente; premeditou o crime de traição e o executou conforme seus diabólicos e execráveis planos.

Em resumo: Pecado contra o Espírito Santo são: Blasfêmia e apostasia contumaz.

Plenitude do Espírito:

a- **Cristo e a Plenitude do Espírito:** *"Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto"(Lc 4.1; cf Mc 1.2; Mt 4.1s)."Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor"(Is 11.2 cf Is 66.1; Mt 3. 16; At 10.38; Rm 8.11; I Pe 3.18).*

Devemos entender um crente "cheio do Espírito" a partir da idéia de que Cristo, seu Salvador, Mestre e modelo, também esteve, na militância terrena, "Cheio do Espírito", não para exibir dons carismáticos extraordinários e espetaculares, mas para exercer com absoluta fidelidade ao Pai seu ministério messiânico. E mais, sendo uma das pessoas da Trindade, nosso Senhor foi e é plenamente divino, absolutamente santo, eterno e imutável. Portanto, "estar cheio do Espírito" em nada alterou, nem podia alterar, a sua natureza essencial. Como foi a "plenitude do Espírito" em Cristo, assim é no discípulo: O comando espiritual para a ação cristã no mundo, segundo o ministério de cada um.

O crente tem a plenitude de Cristo(Jo 1.16), logo, possui a plenitude do Espírito. Quem tem a plenitude de Cristo, tem o Espírito, que habita de modo completo e absoluto em Cristo.

Recordemos as declarações neotestamentárias a respeito: "E logo o Espírito o impeliu para o deserto"(Mc 1.12). "Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto"(Lc 4.1).

Os dois textos acima transcritos mostram que Jesus, "cheio do Espírito Santo", passou a ser guiado pelo mesmo Espírito. Estar, pois, "cheio do Espírito" significa ser guiado, conduzido, comandado pelo Espírito. Um crente, templo do Espírito Santo, não mais anda segundo a sua própria vontade e nem conforme o imperativo de seus desejos, mas se deixa conduzir pela vontade de Deus, impelido pelo Espírito, embora com a consciência de fazer o que lhe determina o livre arbítrio. O Espírito conforma a vontade do crente à de Deus de maneira natural, a ponto de se poder dizer com Paulo: "Não sou eu mais quem vive; Cristo vive em mim".

O Salvo não pode ser conduzido pelo vinho, perdendo o autodomínio, mas pelo Espírito, submetendo-se à direção de Deus(Ef 5.18). Encher-se do Espírito não significa "encher-se" de entusiasmo, de vibração, de emoção, mas viver sob o controle do Espírito na vida diária e permanentemente, inclusive na solidão do deserto e sob a tentação do maligno. Quem está tomado ou dominado pelo Espírito certamente está "cheio" dele(Lc 1.15; At 2.4; 4.8,31; 11.24; 13.9,52).

a- O Crente Cheio do Espírito: “Pois o enviado de Deus fala as palavras de Deus, porque Deus não dá o Espírito por medida” (Jo 3. 34).

Este texto deixa claro o seguinte:

a- Ninguém possui o Espírito parcialmente, pois Deus não o dá por medida.

b- O sinal da plenitude do Espírito é a plenitude e autenticidade da Palavra de Deus. O enviado de Deus, isto é, seu apóstolo, somente fala, na qualidade de arauto e profeta, o que o Senhor manda falar. Portanto, a plenitude do Espírito equivale à comunicação fiel e integral da mensagem recebida. Deus passa ao seu profeta mediante as Escrituras a sua Palavra, e se este estiver realmente “cheio do Espírito Santo”, transmiti-la-á exatamente como a recebeu. Para que essa fidelidade de comunicação e testemunho se realize, o profeta tem de estar sob o domínio do Espírito, não do vinho.

Absurdo é pensar que pode haver “crente vazio” e “crente “cheio” do Espírito: “Deus não dá o seu Espírito por medida”. Há teólogos que entendem que uma coisa é “ter o Espírito”, outra, “estar cheio do Espírito”. Ora, se o Espírito é uma pessoa, não uma coisa, um simples vento(pneuma), como se pode imaginar um crente sendo “templo do Espírito” e “vazio do Espírito” ao mesmo tempo?”. Preferimos crer que assim como João Batista tinha o “espírito de Elias”, isto é, exercia um ministério profético idêntico na forma e no conteúdo ao de Elias, também o discípulos tem o Espírito Santo ou Espírito de Cristo, quando executa com fidelidade as ordenanças de Cristo ou do Espírito: “Pois o enviado de Deus fala as Palavras de Deus”, exatamente porque não recebe o Espírito por medida, quer dizer, não prega meias verdades, pois o Espírito que nele habita é o comunicador da revelação integral. É o próprio Cristo que diz: “*Em verdade, em verdade vos digo que aqvuele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai*” (Jo 14. 12). Esta identidade do servo com o seu Senhor por meio da entrega pela fé, podemos chamar de “plenitude de Cristo, plenitude do Espírito ou estar “cheio do Espírito Santo”. E o crente regenerado, idêntico a Cristo, fala as palavras do seu Mestre e faz as suas obras, isto é, tem o seu Espírito. Há os que, pensando arminianamente, sustentam que Deus opera o batismo com o Espírito Santo; o crente coopera, por meio do esforço beatífico, para “encher-se” com Espírito Santo: “Enchei-vos do Espírito Santo”. Então temos outro modelo de “segunda bênção”: O salvo, primeiro é batizado com o Espírito; batismo “santificadamente neutro”. Depois, por suas virtudes pessoais, consagração e mérito, “enche-se” do Espírito Santo; e só depois de “cheio do Espírito” é crente completo, dinâmico, “santo”, pleno de poderes espirituais. Corinto possuía muitos crentes que se julgavam “cheios do Espírito”, espirituais; mas eram “carnais” (I Co 3. 1).

Entristecer o Espírito:

“E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30).

Paulo nos mostra o que pode entristecer o Espírito de Deus: a- Mentira, falsidade engano, hipocrisia. b- Ira conservada contra o irmão, manutenção de ódio no coração. c- Roubo, desonestidade. c- Linguagem torpe, vocabulário imundo. e- Intolerância, indisposição de perdoar. f- Falta de amor, desunião, discórdia, inimizade,

contenda, blasfêmias, amarguras no falar, impiedade no agir(Ef 4.17-32). Quando um crente desarmoniza-se com os irmãos, causando tristeza à Igreja, isto entristece muito o Espírito Santo, mentor da Igreja para a unidade, a fraternidade e a santidade.

Ocultamento do Espírito:

"Não apagueis o Espírito"(I Ts 5.19).

O crente, pressionado por forças externas e internas de ordem moral, social, econômica e espiritual, pode tentar ocultar o Espírito que nele habita, omitindo-se indignamente perante Deus, sendo conivente, por omissão, com malfeitores e incrédulos de seu tempo, mas tal comportamento anticristão lhe trará o ônus da disciplina de Deus, pois aos filhos o Pai celeste corrige(Hb 12.4-13).

O Espírito e a regeneração:

"Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; o que nascido do Espírito é espírito"(Jo 3.5,6 cf Tt 3.5).

Carne gera carne; Espírito gera espírito. O homem, ser biológico, ao nascer de novo, regenerar-se, adquire dimensão espiritual. E isto só é possível pela graça de Deus mediante Jesus Cristo, o remidor. A regeneração, conquista de Cristo, aplica-se nos eleitos pelo Ministro de Cristo, o Espírito Santo. A regeneração, pois, obra visível do Espírito, é, na verdade, gerada pela Trindade, onde entram os ministérios do Pai (Jo 1.13; I Pe 1.3); e do Filho(Jo 1.29). O ministério regenerador do Espírito viabiliza-se, e exclusivamente, no contexto trinitário e como aplicação da obra de Cristo.

Regeneração e salvação:

"Visto como pelo seu divino poder nos têm sido doadas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo"(II Pe 1.3,4 cf Rm 8.16,17; I Pe 2.2; I Jo 5.1; Rm 6.4-6; Ef 2.1,5; Cl 2.12; 3.1; Rm 2.29; Cl 2.11).

Somos co-participantes da natureza divina sem qualquer mérito ou esforço pessoal. Diante de Deus o homem só tem deméritos. A bênção da coparticipação na natureza divina nos foi concedida pela misericordiosa graça de Deus em Cristo Jesus. Não nos regeneramos; fomos regenerados; não nos tornamos filhos por decisão própria; fomos feitos filhos de Deus imerecidamente.

Ser regenerado é estar em Cristo (II Co 5.17). A força regeneradora é a palavra de Deus vitalizada pelo Espírito Santo (I Pe 1. 23; I Jo 2. 29; 3. 9; 4. 7).

A água e o Espírito:

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"(Mt 28.19).

O batismo com água é uma ordenança de Cristo, mais que um símbolo, mais que um rito, mais que um sinal: O ato pelo qual se ingressa na Igreja visível de Cristo, torna-se partícipe do pacto da graça, renegam-se o mundo e o domínio do pecado,

declara-se servo de Deus, compromissado exclusivamente com Jesus Cristo. Falamos, claro, do batismo verdadeiro, daquele aplicado como sinal visível da graça invisível. E quem leva o batizando às águas batismais, depois de ter trabalhado nele o arrependimento e a conversão é o Espírito Santo, que também atua na ordenação batismal, efetiva a "unção" do batizando, dando-lhe a graça interna da regeneração de que a água é marca externa. O batismo é importantíssimo; se não o fosse, Jesus não o teria ordenado e jamais teria dito: "Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3.5). O batismo de João, sem os nomes das pessoas trinitárias (Pai, Filho e Espírito Santo), não se realizava para a Trindade, não se declarava o batizando membro do Corpo de Cristo; e o elemento físico simbólico era somente a água. No batismo cristão, ordenança de Cristo, além da água, símbolo patente, atua o Espírito Santo, estando presente também a certeza de que se entra numa guerra sem tréguas contra o maligno com todas as suas hostes temporais e espirituais; é o fogo da luta de que falou o Batista (Mt 4.11). No caso de Jesus, após o batismo da água, veio o de fogo, e terrivelmente, nas tentações demoníacas do deserto, na rejeição inimaginável de seu ministério, na paixão, na morte crudelíssima. Os apóstolos, igualmente, experimentaram, com sofrimentos atrozos e martírios, o batismo de fogo.

O batismo com água é uma escolha de Deus para marcar a fronteira entre o domínio do mundo e o de Cristo na vida do batizado. O verdadeiramente regenerado, a partir do batismo, ato de ingresso na Igreja por ordem de Cristo, passa a ser filho de Deus, reconhecido como tal pelo mundo, submisso a Cristo, dirigido pelo Espírito Santo, isto é, batizado ou cheio do Espírito.

A água tem um profundo simbolismo espiritual ligado ao Espírito Santo (Gn 1.2; 7.38,39; Ez 16.9; 36.25; Ef 5.26; Hb 10.22; Sl 72. 6; Ez 34.26,27 ; Os 6.3; 10.12; 14.5; Sl 68.9; Is 18.4; Sl 133.3).

O Espírito na obra geral de Deus:

A presença do Espírito, sempre no contexto da Trindade, nota-se: a- Na criação (Gn 1.2; Jó 26.13; Sl 104.30). b- Na encarnação (Lc 1.15 e em todos os textos da anunciação). c- Na ressurreição de Cristo (I Pe 3.18). d- Na dádiva da vida eterna (Rm 8.11; Ez 37.11-14). e- Na eficácia do Evangelho (I Co 2.4; I Ts 1.5).

Pela consensualidade e pela consubstancialidade o Espírito participa de todas ações, atos e feitos da divindade trinitária.

Revestimento do Espírito:

"Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49).

Revestir, como o termo indica, é vestir novamente, mas não a mesma roupa. A idéia é a do sacerdote que, ao "entrar na presença do Senhor", isto é, no Lugar Santo, perante o Altar, não podia fazê-lo com vestimenta comum, secular, mas revestido com a indumentária sacerdotal imaculada. A roupa do mundo é "suja" diante de Deus. Eis porque os santos todos serão vestidos de vestiduras brancas, sem manchas, para se postarem na frente do Cordeiro no culto perfeito da Igreja glorificada.

A roupa branca, sem mácula, significa que o exterior repete o interior, não havendo mais contradição entre o interno e o externo; quer dizer, a hipocrisia, a

falsidade, o ocultamento de sentimentos inconfessáveis desapareceram, e o crente apresenta-se aos homens e a Deus exatamente como verdadeiramente é. Revestir-se de poder ou revestir-se do Espírito é ser capacitado a triunfar sobre os próprios pecados, vencer as próprias limitações, e também lutar contra os pecados da sociedade. Este aspecto fica claro no ensino de Paulo aos romanos: "Vai alta a noite e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz". Revesti-vos do Senhor Jesus e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências" (Rm 13. 12,13; Gl 3.27; Cl 3.12; At 1.8; 6.8; 19.11,12).

O crente revestido do Espírito Santo não pode ter duas personalidades, dualidade de caráter, ser insincero, pois assim como está transparente na presença de Deus em seu altar, que é Jesus Cristo, também deve apresentar-se sem falsidade diante dos irmãos e semelhantes. E esta autenticidade vinda do alto lhe dá poder sobre o mal em si e nos outros, bem como autoridade para pregar a palavra de Deus.

Revestir-se do Espírito equivale a revestir-se de Cristo, isto é, mostrar Cristo por meio da vida prática, do testemunho e da pregação. Isto quer dizer: Ser sal, fermento e luz.

O Espírito e os dons carismáticos:

" Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos" (I Co 12.4-6).

Observem a expressão: "O mesmo". O mesmo Espírito, o mesmo Senhor(Jesus Cristo), o mesmo Deus, isto é, a Trindade operante na Igreja, criando e viabilizando os seus ministérios e serviços, concedendo-lhe dons, segundo os planos do Salvador e não conforme os desejos humanos. Paulo, inigualável teólogo, não tricotomiza a Trindade em pessoas autônomas com obras separadas e independentes. É bom repetir: "O mesmo Deus é quem opera tudo em todos".

Sobre os dons, esclarecemos o seguinte:

a- São equipamentos da Igreja destinados à edificação, não servindo às vaidades e aos orgulhos piedosos Ef 4.11-16; I Co 12.7,25).

b- Os dons fundamentais, permanentes e gerais são dádivas de Deus a toda a Igreja, sendo recebidos por todos os crentes verdadeiramente regenerados. Ei-los: Fé, esperança, amor; e mais a profecia que Paulo considera dom essencial. Sem ela a Igreja emudece. E pregar o Evangelho é ministério da Igreja total, pois todos somos ministros em um reino de sacerdotes. Sem fé é impossível agradar a Deus, e por ela somos justificados. É o dom salvador concedido a todos os redimidos de Cristo, a todos os eleitos da graça. O amor é a síntese dos mandamentos, o elo de união entre o Salvador e os salvos, entre o membro e a Igreja, a fraternidade dos irmãos, a única força que congrega os desiguais, vence os conflitos, cria o perdão e estabelece a família cristã. O amor procede de Deus, que é amor(I Jo 4.7,8). A esperança sustenta o peregrino na jornada para os céus(Rm 8.24; Gl 5.5; Cl 1.27; Tt 3.13; I Pe 1.3).

Por fé, andamos, pela misericórdia de Deus, no caminho da salvação(Hb 11.6; 12.2; Ef 2.8).

Por esperança, permanecemos na jornada, mesmo no deserto inóspito e abrasador. Com esperança forte o êxodo é suportável, os obstáculos são vencidos.

Por amor, a Igreja se faz unidade orgânica e se torna a comunhão universal de todos os salvos. A fraternidade é filha do amor.

Pela profecia, pregação da Palavra de Deus, a Igreja se edifica e evangeliza o mundo. A Igreja, com estes quatro dons, cumpre seu ministério de maneira eficiente, e com a bênção da participação de todos, pois não são carismas privilegiadores de indivíduos, mas agraciadores de toda comunidade. Tais carismas, que a Igreja possui, deve desenvolvê-los no exercício diário e nas reuniões litúrgicas e comunitárias.

c- Deus equipou a Igreja de dons administrativos de Apóstolos, profetas, pastores e mestres, presbíteros e diáconos. Estes ministérios destinam-se ao preparo da Igreja (pelo pastoreio, pela disciplina e pelo ensino) para que ela seja ministra no mundo, onde seus membros estão inseridos.

d- Dons místicos, como os mencionados em I Co. 12.4-10, são dádivas individuais, e que serviram a Igreja primitiva nos seus primeiros anos de vida. Por serem individuais, tornaram-se "disputados", deixando de ser "dons" para se tornarem "conquistas" de alguns privilegiados, prejudicando a unidade igualitária do Corpo de Cristo.

Colocar em evidência e proeminência um dos carismas místicos, a glossolalia, por exemplo, é aleijar o organismo, monstrualizando-o, como imagina Paulo: " Se todo corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?". A um crente só não se concede "todos" os dons(ver I Co 12.4ss), pois ele não é , em si mesmo, um corpo eclesial, mas "membro" do organismo, a Igreja, dentro da qual exerce sua função específica, em harmonia com outros irmãos, segundo os propósitos do Salvador.

A glossolalia, sendo carisma individual, não pode ser transformada em "sinal" do "batismo com o Espírito Santo", uma promessa a todos os regenerados e uma dádiva à Igreja integral, como aconteceu no Pentecostes.

O "avivamento", quando significa "busca de dons carismáticos de natureza mística", é antibíblico por três razões: a- Transforma em geral e universal o que Deus instituiu para ser particular , especial e específico. b- Coloca como conquista piedosa da Igreja aquilo que é dádiva de Deus, conforme sua soberana escolha. c- Leva a Igreja a "buscar" dons, o que é uma incongruência teológica para "calvinistas declarados". Se o avivamento é "busca do Espírito" para batismo e santificação, pior ainda, pois se cai no arminianismo, e a Terceira Pessoa da Trindade vira uma Deus conquistado por méritos humanos. Recordemos: Deus opera tudo em todos.

e- O dom de línguas é , além de privativo e pessoal, controlável. Vejam a determinação paulina: "No caso de alguém falar em outra língua, que não seja mais do que dois ou, quando muito, três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete"(I Co 14.27). "Não havendo intérprete, fique calado na Igreja"(I Co 14.28). A subordinação da glossolalia ao controle e à ordem evidencia que:

a- O dom era limitado pelo usuário e pelo dirigente. O humano pode controlar e condicionar o divino?

b- O dom de línguas ficava condicionado ao intérprete; em sua ausência não havia línguas extáticas.

c- Havia poucos glossolálicos ou poucos podiam falar em culto público; dois ou três, um de cada vez, ordenadamente.

d- A limitação glossolálica é uma ordenação apostólica, e deve ser respeitada pela Igreja. As razões paulinas para o controle e limitação da glossolalia no culto comunitário são: 1- Não edifica(I Co 14.2-4; 14.19). 2- Pode causar escândalos a incrédulos ou indoutos(I Co 14.23).

f- O dom da profecia também subordinava-se à ordem litúrgica, mas não sofria as restrições da glossolalia como, por exemplo, a do silêncio: "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem(I Co 14.29). Quem julga? Certamente os outros profetas, assentados (I Co 14.30). Todos os profetas podiam profetizar, mas um após o outro (I Co 14.31), pois o profeta possuía autocontrole (I Co 14.32), mostrando que não se tratava de profecia extática.

Glossolalia pentecostal e coríntia:

A glossolalia de Pentecostes possui características especiais que a distingue da de Corinto:

a- A Igreja, por determinação do Cristo ressurreto, aguardou a promessa, que não sabia exatamente o que era e nem como aconteceria(Lc 24.49). Esperou reunida o que Deus prometera nela por ela realizar(At 1.4,14; 2.1).

b- Houve percepção de fenômenos físicos, som e vento, não verificados em Corinto(At 2.2).

c- Línguas como de fogo sobre cada discípulo, sem exclusão de ninguém (At 2.3). Toda a Igreja ficou cheia do Espírito; todos falaram em línguas inteligíveis (At 2.4).

d- Não houve, por desnecessário, o dom da interpretação. O Espírito falou inteligivelmente(At 2.6,8).

e- Houve derramamento do Espírito sobre a totalidade da Igreja(At 2.17).

f- O Pentecostes é irrepitível. Não há caso de reincidência pentecostal na Igreja. Os pentecostes samaritano, gentílico e entre o discipulos de João Batista foram similares, complementares, mas não idênticos.

g- A mulher estava, com certeza, incluída na "fala pentecostal"(At 1.13,14), e excluída por Paulo da glossolalia coríntia(At 14.34,35).

Corinto, pelo que se observou, não pode reivindicar derivação de sua glossolalia da de Pentecostes. São fenômenos diferentes na expressão e nos propósitos. Um evento inaugural no qual se cumpria a promessa da dádiva do Espírito, criava e fundamentava a Igreja nas profecias messiânicas, não pode ser comparado com um dom, por si mesmo não edificante, da liturgia costumeira e repetitiva da Igreja de Corinto.

Corinto não é modelo:

Corinto, especialmente por sua glossolalia, tem sido modelo doutrinário, eclesiológico e litúrgico para Igrejas carismáticas modernas. As diferenças doutrinárias e práticas entre Jerusalém, a Igreja-mãe, a ser imitada, e Corinto são enormes e profundas. A ética coríntiana deixa muito a desejar. A santidade, interpretada como moralidade correta dos submissos à lei, não existia ou era

fragilima entre os coríntios. A exuberância glossolálica não gerou uma Igreja santa, imaculada, a Igreja dos "perfeitos", pois batizados com o Espírito Santo, o ápice do crescimento beatífico, a santidade consumada, no entendimento pentecostal. Pelo contrário, foi uma Igreja comprometida seriamente com a mundanidade, a corrupção, a incontinência, o desamor e a irreverência:

- Carnalidade (I Co 3.1; 5. 1-3). *Imaturidade e até infantilidade* (I Co 3.1,2). *Ciúmes, contendas, divisões* (I Co 3.3,4 cf I Co 1.11-13). *Demandas judiciais na justiça comum* (I Co 6.1-8). *Incontinência e desregramento na Santa Ceia* (I Co 11.17-22). *Pecado de incesto* (I Co 5.1). O testemunho de Paulo é contundente: "Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade, e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai". Onde estavam os glossolálicos? Se não se sujaram pelas práticas mencionadas, sujaram-se pelo silêncio conivente, pela omissão.

Quem se mira em Corinto, toma por modelo uma Igreja nada recomendável . Por que não voltar os olhos para Jerusalém, a Igreja realmente original?

O fruto do Espírito:

“Mas o fruto do Espírito é: Amor, alegria, paz, loganimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22).

O batizado com o Espírito, isto é, regenerado, expressa sua regeneração pela produção, qualidade e abundância “do fruto do Espírito”; fruto dos frutos, entre os quais não se alista a glossolalia.

Paulo contrasta "obras da carne" com "fruto do Espírito", no singular. Isto porque obras"(érga) originam-se da natureza humana decaída, dividida, esfacelada; fato que indetermina os atos e ações, submetendo-os às circunstâncias externas e internas e à depravação do homem, sem o Espírito de Deus para unificar-lhe a vida e dirigir-lhe o comportamento ético-social. Todas as virtudes relacionadas, e outras semelhantes, no campo da moralidade e da espiritualidade, procedem de um só Espírito e não de muitos. Se a fonte é única, os frutos são idênticos por natureza. Um réprobo pode produzir uma "obra da carne" mais que outra, ou até manifestar umas e ocultar outras, mas o servo de Deus, habitação do Espírito, produz o "fruto do Espírito", uno na sua plenitude essencial, mas expressa na diversidade e da variedade de virtudes.

O verdadeiro crente não é identificado e reconhecido por seus carismas litúrgicos, mas pelos frutos objetivos perante seus semelhantes. A santidade da relação com Deus manifesta-se no amor ao próximo e na pureza moral do comportamento. O crente verdadeiramente "cheio" do Espírito Santo é templo de Jesus Cristo, "árvore boa", que produz frutos bons(Mt 7.16,17).

Relação dos frutos:

a- **Amor** (ágape): Dom dos dons, fruto dos frutos, resumo de toda a lei(Mt 22.37-40), carisma excelente, o de maior valor e mais ampla utilidade(Ef 6.4; I Pe 1.8; Jo 21.15,16; 13.34; 15.12,17; I Pe 1.22; I Jo 3.11,23; 4.7). O amor é componente, se podemos dizer assim, da natureza divina(I Jo 4.7,8; II Co 13.11), e também a força santificadora da Igreja(I Co 16.14; Cl 1.4; I Ts 1.3; 3.6; II Ts 1.3; Ef 5.2; 4.16; Ap 2.19). A fraternidade social e beatífica dos redimidos só é possível pelo amor(Fp 2.2;

Cl 2.2; Rm 13.10; Cl 3.14; I Tm 1.5; 6.11; I Jo 4.12). O perfeitíssimo amor de Deus nos trouxe a salvação (Jo 3.16; 15.12,13). Também por amor, o Pai e o Filho habitam o regenerado (Jo 14.23): " Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada".

b- **Alegria** (chara): Não se trata de alegria sensorial, embora o Espírito use o nosso mecanismo sensório para produzir a genuína alegria. Trata-se, na verdade, da alegria do estar em Cristo, de pertencer ao reino dos céus, de ser herdeiro desta herança incorruptível, de ser súdito do Rei dos reis, de possuir a cidadania celeste, de ter o consolo do Espírito nas horas críticas da existência. O contrário de alegria é choro (klauthmós), isto é, a inconsolabilidade no inferno, onde a ausência do Espírito é real, permanente, definitiva e absoluta (Mt 8.12). Onde a presença salvadora é uma realidade, a alegria, dom do Espírito, instala-se: Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo (chara) esteja em vós, e o vosso gozo (chara) seja completo"(Jo 15.11 cf 17.13; I Jo 1.4). O regenerado possui o dom da alegria espiritual.

c- **Paz** (eirene): É a segurança e a tranquilidade íntimas do crente em todos os momentos e circunstâncias de sua vida, mormente nas horas de crise. A paz de Cristo não deixa o filho de Deus perturbar-se ou atemorizar-se, quando as tempestades se abatem sobre ele e sua família(Jo 14.27). Nas tormentas, a paz , dom de Cristo, mais se evidencia.

d- **Longanimidade** (makrothumia): Paciência de Deus, por si inesgotável. A longanimidade sobrevive do perdão, da tolerância, da humildade, da capacidade de esperar a resposta prometida e de aguardar sempre o bem, sabendo que o mal, por muito intenso que seja, é transitório. O longânimo nunca responde o mal com o mal, nunca desiste de esperar a promessa de Deus. Longanimidade é, pois, a certeza da esperança na graça prometida.

e- **Benignidade** (chrestotes): Natureza benigna, bondade natural, espontânea. É o estado do regenerado, do nascido de novo (Ef 4.23), do pacífico e pacificador. No coração do crente não pode haver nenhuma maldade, nenhuma perversidade, nenhuma maledicência. Estas coisas pertencem ao velho homem.

f- **Magnanimidade** (agathosune): Bondade e benignidade exteriorizadas, praticadas, exercitadas. Magnânimo é o "grande de alma", nobre, benfeitor, caritativo, afetuoso, inimigo de contendas.

g- **Fidelidade** (pistis): Fé posta em prática. Sem fidelidade (pistis) é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). A vida do fiel é uma perene liturgia ao Salvador e uma mensagem viva ao semelhante.

h- **Mansidão** (prautes): Capacidade, dada por Deus, de dominar o ódio e os sentimentos de vingança(Mt 5.39-41). O manso segue o exemplo de seu Mestre e lhe toma a cruz (Mt 11.29) para herdar a terra (Mt 5.5), isto é, o reino do Messias.

i- **Domínio próprio** (egkrateia): Autodomínio, temperança, comedimento. O dom da "egkrateia" elimina, no crente, a vaidade, o orgulho, o amor próprio, os ciúmes, a inveja, contribuindo para evitar inimizades e contendas na Igreja de que é membro.

SÍNTESE CONCLUSIVA

A Igreja Presbiteriana do Brasil, com base nas Escrituras Sagradas, sua única regra de fé, e orientada pela Confissão de Fé de Westminster e os Catecismos maior e Breve, mirando o seu glorioso passado, reafirma os conceitos tradicionais sobre o Espírito Santo e seu ministério. Falamos da reafirmação confessional, não de práticas e posições pessoais, particulares e independentes de alguns "livres pensadores" ou carismáticos assumidos. Sintetizemos, pois, o que se declarou, com base na Bíblia:

01- O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade, procedente do Pai e do Filho, idêntico a eles em substância, essência, natureza, dignidade, santidade, eternidade soberania, poder, honra e glória. A obra de uma Pessoa trinitária é obra também das demais pessoas.

02- As pessoas da Trindade são distintas, mas não separadas em individualidades autônomas com funções independentes, sucessivas ou não. Distinção, sim; divisão, jamais.

03- Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) habita a Igreja, seu povo, e cada um de seus membros efetivamente eleito (Jo 14.23; I Co 3.16; II Co 6.16; Gl 2.20; I Co 6.19). O crente, pois, a partir da regeneração, é templo do Deus trino, onde o Espírito realiza a inteligibilidade da graça vivificante (Rm 8.9-11).

04- Todos os crentes verdadeiros são batizados com o Espírito Santo, sem o qual ninguém ingressa na Igreja de Cristo, pois tal batismo faz parte da obra redentora de Cristo e é cumprimento de uma promessa para o novo Israel de Deus. João Batista afirma: "Eu vos tenho batizado com água; Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo" (Mc 1.8 cf Mt 3.11; Lc 3.16; Jo 1.33. Cristo é a cabeça da Igreja; o Espírito, seu ministro permanente.

05- O sinal visível do batismo com o Espírito Santo é a regeneração, o novo nascimento, a mudança de vida, a conformidade da criatura com o Criador: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura" (II Co 5.17). O regenerado nasce da água e do Espírito (Jo 3.5). O novo ser, recriado por Cristo e incluído no seu povo, produz os frutos do Espírito pelos quais se identifica.

06- O Espírito é uma dádiva de Deus ao eleito em Cristo: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.9).

07- O instrumento do Espírito Santo é a Escritura Sagrada (Ef 6.16-18), a revelação, o verbo do Verbo, que ele faz inteligível aos eleitos, que Cristo veio chamar.

08- O Espírito, segundo a vontade de Deus, concede dons à Igreja de Cristo. Os dons concedidos são de quatro naturezas: a- Teologais: Fé, Esperança e amor. b- Ministeriais: Apostolado, profecia (pregação), pastado e docência. c- Dons místicos, colocados em último lugar na hierarquia dos dons carismáticos: Milagres, curas, línguas, interpretação. d- Dons regenciais ou administrativos: Governo, disciplina (exortação), diaconia, presbiterato. Com este conjunto de dons, e conforme a soberana vontade do Senhor da Igreja, os santos são equipados para a unidade, a santidade e a missão.

09- Os dons de operação de milagres e de cura não foram, costumeiramente, exibidos na Igreja primitiva. O de línguas, sim, mas sob rigoroso controle do dirigente e, mesmo assim, quando se tratava de glossolalia interpretável e interpretada, não daquela fala extática ininteligível de que trata I Co. 14.2,11,14,16,17, um balbuciar

misterioso, sem verbalização, sem sentido. A língua interpretável está mais para xenoglossia, heteroglossia ou poliglossia que para glossolalia; esta de uso privado, íntimo e secreto, de possível surgimento espontâneo nos momentos devocionais de comunhão pessoal do crente com seu Senhor.

10- Na relação dos dons não se encontra o de exorcismo. Os demônios são expulsos pela ação missionária da Igreja; pela obra da regeneração; pela reorganização do povo de Deus, chamado das trevas para a luz; pela morte vicária do Cordeiro de Deus. Onde Deus habita (Igreja de Cristo e interior de cada crente) o Diabo não penetra, pois o Espírito do bem não convive com o do mal. A Igreja e o crente, dentro dela, são possessões de Cristo entregues ao ministério do Espírito; são altares de Deus, que não podem ser profanados por nada impuro ou imundo como, por exemplo, Satanás, lixo espiritual.

11- O crente, em comunhão íntima com o Salvador, pode, eventualmente, como já foi dito, pronunciar palavras sem controle mental, segundo Calvino, mas isto somente na privacidade da oração individual, quando o espírito se enleva na sublimidade do colóquio entre o servo submisso e seu Senhor glorificado.

12- A suficiência das Escrituras dispensa profecias mânticas. A Bíblia nos basta. Nela nada se acrescentará, nem um til. As adivinhações piedosas são desnecessárias e até, em muitos casos, prejudiciais à fé.

13- A Igreja Presbiteriana optou, confessionalmente, como fez Paulo, pela inteligibilidade do ensino, da pregação e das orações públicas audíveis.

14- É Deus quem destina a Igreja à missão, à unidade, à santidade; é Ele quem elege, chama e inclui na Igreja. Não planejamos para Deus, não decidimos por ele, em seu lugar; não escolhemos o que ele deve fazer e nem como executar. Somos dele, seus escravos(douloi) na Igreja de seu Filho, por sua decisão graciosa e soberana. A sua vontade, propósitos e planos são imutáveis, irrevogáveis.

15- Os líderes eclesiais(apóstolos, pastores e mestres) não acumulavam outros dons, isto é, não usurpavam carismas de outros irmãos, como o olho não pode assumir a função de ouvido. Cada um com o ministério que Deus lhe concedeu. Os dons são cooperantes(I Co 12.27-30) para harmonia funcional, vitalidade e eficiência do organismo. Observemos as declarações textuais: "A uns estabeleceu Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro lugar mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas"(I Co 12.28). ""Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las" (I Co 12.8-10). Pelos textos fica claro que Deus não joga todos os dons sobre uma só pessoa, mas os distribui, conforme seu beneplácito, a cada membro da Igreja, individual e não cumulativamente. Quem recebeu o dom do pastorado, fica com ele para desenvolvê-lo e executá-lo com vistas à edificação da Igreja. A credencial do ministro, docente ou regente, é sua vocação ministerial, seu chamado. Os apóstolos, os pastores e os mestres foram colocados como tais no rebanho de Cristo por eleição vocacional, não por línguas extáticas ou por profecias mânticas.

Onezio Figueiredo
